



MANIFESTAÇÕES TORCEDORAS E TERRITÓRIO

**INTER-RELAÇÕES DAS IMEDIAÇÕES
DE UM ESTÁDIO DE FUTEBOL**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – UFPEL
Escola Superior de Educação Física - ESEF
Programa de Pós-Graduação em Educação Física- PPGEF



Dissertação

**MANIFESTAÇÕES TORCEDORAS E TERRITÓRIO: INTER-RELAÇÕES DAS
IMEDIAÇÕES DE UM ESTÁDIO DE FUTEBOL**

Daiane Grillo Martins

Pelotas, 2019.

Daiane Grillo Martins

MANIFESTAÇÕES TORCEDORAS E TERRITÓRIO: INTER-RELAÇÕES DAS
IMEDIAÇÕES DE UM ESTÁDIO DE FUTEBOL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas,
como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em
Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Alan Goularte Knuth

Pelotas, 2019.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M379m Martins, Daiane Grillo

Manifestações torcedoras e território : inter-relações das imediações de um estádio de futebol / Daiane Grillo Martins ; Alan Goularte Knuth, orientador. — Pelotas, 2019.

101 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Território. 2. Estádio de futebol. 3. Imediações. 4. Manifestações torcedoras. 5. Torcer. I. Knuth, Alan Goularte, orient. II. Título.

CDD : 796

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alan Goularte Knuth (Orientador)
Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo
Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

Profa. Dra. Raquel da Silveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dr. Inacio Crochemore Mohnsam da Silva (suplente)
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Em memória à professora Méri Rosane Santos da Silva,
Simoni Lahud Guedes e Gilmar Mascarenhas de Jesus.

AGRADECIMENTOS

Diversificados são os ciclos que se completam durante a trajetória acadêmica. Perpassando pelos microterritórios que contemplam o território curricular, disciplinas vão sendo cumpridas, semestres se encerram, os anos se passam e o diploma é erguido, no rito mais aguardado no espaço-tempo-vivido de uma aluna de graduação. Encerra-se um ciclo para se iniciar outro, o da pós-graduação. Agora no território *Lato Sensu* também são vivenciados os ciclos de um outro espaço de formação, de um outro lugar curricular. Os módulos vão se completando e as experiências se acumulando, se ressignificando e transformando. Dois anos da especialização se passam e mais um ciclo se completa. É chegada a hora do mestrado. Eis o território *Stricto Sensu*. São outros processos de formação, outros espaços, outros microterritórios, são ciclos que começam, mas que, consequentemente se fecham, para que outros recomecem.

Esta dissertação simboliza e concretiza mais um fechamento de ciclo. Contudo, existem fatores desses ciclos que permanecem em cadeia aberta. As transformações decorrentes das experiências permanecem na minha constituição de sujeito. Nunca saí a mesma que era ao entrar num desses microterritórios. Alguma transformação ocorreu. Ao me remeter a esses fatores que permanecem, chego onde pretendo adentrar aos agradecimentos. Esses fatores são as afetividades. Os territórios acadêmicos, como espaços-tempos-vividos de convivência humana também são espaços potentes de sociabilidade e logo, de afetos entre pessoas. Portanto, me remetendo aos afetos constituídos ao longo das minhas trajetórias acadêmicas que componho os agradecimentos.

Início agradecendo às colegas e aos colegas que para além dos compartilhamentos da sala de aula, também compartilharam satisfações, aflições, angústias, alegrias, choros e gargalhadas e que hoje não são mais colegas, mas permanecem como amigas/os no ciclo permanente da vida. Sem citar muitos nomes, para não cometer o equívoco de esquecer alguém, mas já fazendo menção às companheiras inseparáveis Carla Gautério, da graduação, Bruna Batalha e Graciane Tavares, da especialização e Cintia Nicoes, do mestrado. Gurias, obrigada por ser o braço forte e mão amiga em cada um desses ciclos. Agradeço imensamente a mais um amigo que a graduação me proporcionou, Douglas Xavier, que me acolheu carinhosamente em Porto Alegre, na fase de imersão no campo.

Agradeço ao meu orientador pelas trocas e parceria na graduação, na especialização e no mestrado. Por ter topado se aventurar comigo nessa pesquisa e pelo zelo em cada processo, se fazendo presente também em momentos de imersão no

campo. Pequenos gestos também são demonstração de cuidado e todo cuidado possui afeto.

Finalizo essa escrita de gratidão me remetendo aos membros da banca. Começo pelo professor Luis Carlos Rigo, que foi uma das minhas principais referências no processo de formação do mestrado, nos microterritórios das disciplinas ofertadas, da banca de qualificação e do estágio de docência. Das conversas nas caronas até o centro e do cafezinho compartilhado porque chegar à sala de aula, trazendo em cada mão um café, sendo um deles para sua estagiária também é um ato de afetividade.

Propositalmente, deixei para o final a professora Raquel da Silveira. Escrever sobre a Raq possui uma forte carga de emoção, pois cada palavra aqui escrita se remete à pessoa mais importante da minha vida acadêmica. Talvez essa oportunidade de fechar mais esse ciclo nem estivesse acontecendo se não fosse a presença fundamental da Raquel no meu ciclo de graduação. Raquel, Mulher, Professora, Orientadora, Parceira, Grande Amiga a qual possuo profunda admiração e gratidão, nenhuma palavra seria capaz de expressar a tua importância na minha vida. Obrigada por se fazer presente em mais um ciclo! Obrigada por tudo!



Ao se tratar de esportes no Brasil, muitos aspectos hão de ser considerados, quando se deseja realizar uma análise um pouco mais contextualizada. Ou seja, uma análise que não se esgote em nomes, recordes ou resultados alcançados por atletas ou equipes, mas que se desenvolva na percepção das configurações forjadas nas relações que se inauguram. O que o texto acima nos faz perceber é que o envolvimento com o esporte, e o envolvimento do esporte, não é um processo que ocorre de forma tranquila. Ele "envolve" os indivíduos e os grupos; um team ou club, uma rua e... a cidade. No indivíduo marca o gosto por uma forma de passatempo diferenciado. Um jogo "moderno" que, no Brasil, vai-se associar às novas modas, ao vestir, ao morar e se comportar de uma maneira específica. Como grupo, emerge nas semelhanças, mas também nas diferenças: o que é característico e o que é distintivo. Marca o gosto de mostrar poder, mas também marca uma forma de poder se mostrar, (re) criar e participar (LUCENA, 2000, p. 11).

RESUMO

MARTINS, Daiane Grillo. **Manifestações torcedoras e território**: inter-relações das imediações de um estádio de futebol. Orientador: Alan Goularte Knuth. 2019. 101 f., Dissertação de Mestrado – Programa de Pós Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

Levando em consideração que os tempos e espaços de relações sociais referentes às manifestações torcedoras não se restringem ao interior dos estádios de futebol, nesta pesquisa tive os objetivos de compreender como ocorrem as relações de apropriação do espaço das imediações da Arena do Grêmio, provenientes das manifestações torcedoras, nos períodos que antecedem a entrada dos/as torcedores/as no estádio, em dias de jogos e, além disso, investigar como estes acontecimentos compõem a vida de sujeitos moradores do bairro Humaitá, situado na zona periférica da cidade de Porto Alegre/RS. Nos contornos da forma, realizei uma pesquisa de campo, em que o período de imersão etnográfica ocorreu no segundo semestre de 2018, em cinco jogos do Campeonato Brasileiro e dois da Copa Libertadores da América. Foram realizadas observações, anotações, caminhadas, conversas, fotos, vídeos e diários de campo. Ao preencher o desenho da pesquisa, três matizes são inerentes: sobre a apropriação do território: configurações dicotômicas de inter-relações; a pulsação dos dias de jogos como componente de vidas e dos prazeres às agruras do fazer etnográfico: a pesquisadora-torcedora do/no campo. Nesse preenchimento, as relações territoriais das imediações da Arena se constituem na interdependência entre estratos funcionais e a existência de microterritórios em rede, na indissociabilidade do espaço-tempo-vivido. O território dos dias de jogos é cenário das manifestações torcedoras, da busca pela excitabilidade e, por isso, torcedores/as ocupam posição central na complexa teia das inter-relações entre estratos funcionais. É, portanto, o espaço-tempo-vivido do encontro entre sujeitos, entre os pares e os adversários, sendo o lado de fora do estádio, mas também o lado de dentro da festa gremista. É lugar inerente às vidas de moradores/as do Humaitá, das proximidades, de outros bairros de Porto Alegre, de outras cidades e outros estados, que se compõem na dádiva, no transtorno e na celebração. É o acontecimento onde o trabalho e a festividade se inter-relacionam, através da sociabilidade e relações comerciais. As imediações da Arena foi também lugar da pesquisadora-torcedora imersa no campo de investigação, que se caracteriza como espaço público urbano predominantemente de homens, em uma zona periférica de uma metrópole brasileira. Nesse contexto, caminhos específicos da pesquisa foram traçados pelas agruras e satisfações pertinentes à transversalidade indissociável ser cientista mulher e sensação de insegurança e também pelo sentimento de pertencimento clubístico. Assim, o território é desenhado nas nuances de suas ambiguidades, na multiplicidade de inter-relações, significados e pertencimentos inerentes às relações de apropriação e dominação do espaço, tramadas nas redes da multiterritorialidade.

Palavras-chave: território. estádio de futebol. imediações. manifestações torcedoras. torcer.

ABSTRACT

MARTINS, Daiane Grillo. **Manifestations from fans and territory:** interrelationships around of a soccer stadium. Advisor: Alan Goularte Knuth. 2019. 101 f. Master's Dissertation - Post-Graduation Program in Physical Education. Federal University of Pelotas, Pelotas, 2019.

Considering that time and space in social relationships regarding manifestation from fans are not restricted to soccer stadiums, this study aims to understand how appropriation relations take place around the *Arena do Grêmio* based on such manifestations on game days before fans entering the stadium. In addition, it aims to investigate how these events make up the lives of dwellers from the Humaitá area, a suburb area in the city of Porto Alegre/RS. I conducted a field study using a ethnographic perspective during the second semester of 2018 in five games of the Brazilian National Championship and two games of the Conmebol Libertadores. Data were collected by making notes, observing and talking to the fans, walking around the stadium, taking pictures, making videos and field diaries. By following the study design, three shades are inherent: regarding the appropriation of the territory such as dichotomous configurations of interrelationships; vibration on game days as a life component and the pleasures and hardships of performing an ethnographic study; the researcher/supporter in the field. During the research, territory relationships around the Arena are made up of the interdependency between functional status and the existence of a micro territory network, in the inseparability of the lived space and time. The territory on game days is a scenario of manifestations from fans, seeking excitement and for this reason, fans play a central role in the complex web of the interrelations between functional status. It is, therefore, the lived space and time of the meetings among the subjects, among the peers and opponents, outside the stadium but inside the party of Grêmio supporters. The place is inherent to the lives of the dwellers from Humaitá and proximities and other areas of Porto Alegre, other cities and other states making up this gifted place in the disorder and celebration. It is a gathering where work and play are interrelated through sociability and business relations. The surroundings of the Arena was also a place which belonged to the researcher-fan who was immersed in the investigation field, characterized as a public urban space mainly for men in a suburb of a Brazilian metropolis. In this context, specific research paths were traced by the hardships and satisfactions relevant to inseparable transversality of being a woman scientist and the feeling of insecurity as well as the feeling of belonging to the club. Thus, the territory is designed in the nuances of its ambiguities, in the multiplicity of interrelationships, meaning and belonging inherent to the appropriation and domination relations of space, designed in the multiterritoriality space.

Key-words: territory. soccer stadium. surroundings. fan manifestations. support.

LISTA DE FIGURAS

Figura I- Sujeitos do território.....	38
Figura II- teia de interdependência dos estratos funcionais.....	41
Figura III- tensionamentos das relações de força entre torcidas da casa e visitantes.....	72
Figura IV- composição multiterritorial.....	73

LISTA DE IMAGEM DE SATÉLITE

Imagem de satélite I- bairro Humaitá.....	28
Imagem de satélite II- percurso do campo de pesquisa.....	33
Imagem de satélite III- extremidades do campo de pesquisa.....	33
Imagem de satélite IV- local aproximado dos sujeitos ambulantes.....	39

LISTA DE IMAGEM DO SMARTPHONE

Imagem do Smartphone I- microterritórios de ambulantes- sujeitos estáveis.....	45
Imagem do Smartphone II- microterritórios Viaduto e Borrachos- sujeitos estáveis/circulantes.....	45
Imagem do Smartphone III- microterritório Rampa em dia chuvoso.....	47
Imagem do Smartphone IV- o churrasco do canteiro.....	49
Imagem do Smartphone V- o ponto D' Julia.....	52
Imagem do Smartphone VI- torcedores aliados.....	68
Imagem do Smartphone VII- Aliança entre torcidas no Bar do Ito.....	70

LISTA DE TABELAS

Tabela I- descrição das idas a campo e características associadas.....	34
Tabela II- relação temporal de imersão no campo.....	34
Tabela III- microterritórios em evidência.....	43

SUMÁRIO

1. Nota introdutória.....	16
2. Apontando o lápis.....	16
2.1. Do esporte civilizador à Arena do Grêmio.....	21
2.2. Sobre o pertencimento clubístico: a tensão e o sentir.....	23
2.3. O Humaitá e a Arena: relações de interdependências.....	26
3. Contornos teórico-metodológicos.....	29
4. Preenchimento do desenho.....	35
4.1. Sobre a apropriação do território: configurações dicotômicas de inter-relações.....	35
4.1.1. Público de deslocamento.....	38
4.1.2. Público Permanente.....	40
4.2. A pulsação dos dias de jogos como componente de vidas.....	51
4.2.1. Moradores/as do Humaitá (a dádiva e o transtorno).....	51
4.2.2. Moradores/as de bairros próximos ao Humaitá.....	57
4.2.3. Moradores/as de outras localidades de Porto Alegre.....	63
4.2.4. Moradores/as de outras cidades e estados.....	65
4.3. Dos prazeres às agruras do fazer etnográfico: a pesquisadora-torcedora do/no campo	74
5. Olhando para o desenho.....	82
6. Referências bibliográficas.....	86
7. Relatos de uma pesquisadora-torcedora sobre o campo (relatório de campo)..	91

1. NOTA INTRODUTÓRIA

Ao dar forma a uma produção científica no campo dos estudos socioculturais, três aspectos se fazem inerentes ao corpo do trabalho: o contexto socio-histórico (do objeto de investigação, do estudo e do/a pesquisador/a); o contexto intelectual (o referencial teórico que se fundamenta o/a pesquisador/a para conduzir o estudo) e a perspectiva metodológica (as ferramentas que instrumentalizam o estudo, em articulação com as bases teóricas). A partir desse pensamento, estimulado pelas discussões na disciplina cursada como aluna especial no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPEL, durante o período do mestrado, me proponho a introduzir esta dissertação apontando o lápis que dará forma ao estudo, contextualizando o campo de investigação, a pesquisadora e a pesquisa, apresentando quem somos, de onde viemos e onde estamos.

No item seguinte, adentro aos contornos da pesquisa, expondo os traços da fundamentação teórico-metodológica e por seguinte, me ateno ao preenchimento da forma, ao analisar, problematizar e buscar produzir conhecimento e inquietações sobre o campo de pesquisa, considerando o olhar peculiar de uma pesquisadora-torcedora. Por último, proponho olhar para o desenho, lançando as considerações sobre a investigação.

2. APONTANDO O LÁPIS

Quando nos remetermos aos esportes dos tempos atuais e, mais especificamente, ao futebol de alto rendimento, é possível constatar que esta prática agrega ao seu universo diversificados atores envolvidos na sua difusão social e também na manutenção dos clubes. Dentre esses sujeitos, destaco os públicos torcedores que, segundo Damo (2006), se caracterizam pelo sentimento de pertencimento clubístico, atribuindo às suas vivências símbolos, linguagens e significados peculiares às suas identidades, que “transformam e produzem novos modelos e estilos de vida” (CARRAVETTA, 2012, p.17). Isso levando em consideração que suas manifestações acontecem “de acordo com a importância e o significado assumido pelo futebol e pela paixão clubística na vida de cada torcedor” (DAMO, 2002, p.12).

No contexto clubístico, os estádios de futebol, de modo geral, assumem a função de sede do clube e são eles, essencialmente, o palco do espetáculo. Entretanto, é importante destacar que mesmo que o ápice do universo futebolístico seja considerado o momento do jogo, isso não significa que torcedores/as, por via de regra, frequentemente estádios de futebol, pois o torcer se estabelece a partir do engajamento emocional, das

ligações afetivas de cada sujeito com determinado clube (Damo, 2007). Portanto, existem várias formas de se manifestar o torcer que ultrapassam as dimensões espaciais-temporais dos estádios, como, por exemplo, os espaços-tempos inerentes às interações proporcionadas pelas transmissões televisionadas, internet e redes sociais. Abrantes (2015), ao realizar uma investigação sobre manifestações torcedoras em bares da cidade de Belo Horizonte/ MG, aponta estes espaços como lugar importante do torcer, que para além dos estádios, agrega “uma outra possibilidade de vivenciar o futebol e de extravazar com seus iguais (ou rivais) o pertencimento e a paixão clubística” (p. 10).

Visando analisar, especificamente, a característica “espaço-tempo vivido” (HAESBAERT, 2007) das manifestações relativas especificamente aos torcedores e torcedoras que frequentam estádios de futebol, em dias de jogos, é necessário destacar que estas relações ocorrem não somente dentro destes espaços. Estas também podem ocorrer com/no lado de fora dos estádios, nas suas imediações, nos tempos pré e pós jogo de futebol.

Portanto, partindo da perspectiva de que “o universo simbólico do futebol na cultura brasileira mostra-se como um território de expressão de importantes aspectos dessa cultura” (GASTALDO, 2009) e levando em consideração que os tempos e espaços de relações sociais referentes às manifestações torcedoras não se restringem ao interior dos estádios de futebol, tive como objetivos **compreender como ocorrem as relações de apropriação do espaço das imediações da Arena do Grêmio, provenientes das manifestações torcedoras, nos períodos que antecedem a entrada dos/as torcedores/as no estádio, em dias de jogos. Além disso, investigar como estes acontecimentos compõem a vida de sujeitos moradores do bairro Humaitá, situado na cidade de Porto Alegre/RS.**

Para tratar das finalidades deste trabalho, algumas questões aparecem como orientadoras do processo de investigação, tais como: quem são os sujeitos nas imediações da Arena do Grêmio, em dias de jogos? Por que eles e elas estão nestes espaços em períodos pré-jogo? Quais lugares são frequentados pelos/as torcedores/as nessa relação tempo/espaço? Como esses sujeitos se relacionam entre si e com o território das imediações da Arena? De que forma acontece a interação entre os/as moradores/as e os torcedores e torcedoras? Qual o significado dessas inter-relações para os/as torcedores/as e para o território do Humaitá? É importante salientar que a metodologia (qualitativa etnográfica) utilizada nesta pesquisa consiste em ferramentas fundamentais, já que elucidar tais indagações só se torna possível através da imersão no campo.

Procurando tratar da relevância dessa pesquisa como componente do processo de formação de pós-graduação em Educação Física, situada na área de concentração Movimento Humano, Educação e Sociedade e na linha de pesquisa dos estudos socioculturais do esporte e da saúde, sinalizo que

o que necessitamos averiguar, cada vez com maior profundidade, é esse crescente significado social do esporte e o sentido desse desenvolvimento. Perceber mais o esporte como um dos principais meios de identificação coletiva na nossa sociedade, um dos poucos elementos capazes de dar identidade a um grupo, uma cidade ou até um Estado. Além do mais, como um elemento capaz de dar sentido à vida de indivíduos cada vez mais voltados a viver por si (LUCENA, 2000, p.125).

Acrescento que, na sociedade brasileira, o futebol trata-se de uma prática esportiva de grande visibilidade social, já que “apresenta uma incrível capacidade de atrair um grande número de indivíduos com gestos e estilos de vida tão variados (classes, gêneros, etnias, geracionalidade)” (JAHNECKA, 2010, p. 67). Além disso, ao projetar esta investigação às imediações de um estádio de futebol, entendendo estes lugares esportivos como campos substanciais de produções culturais, e que, portanto, merecem as atenções acadêmicas das diversas áreas do conhecimento e, especificamente, da Educação Física.

A fim de reforçar este entendimento sobre a dimensão cultural que o futebol possui no Brasil, exponho a análise sobre a formação dos times competitivos no Brasil, de Carravetta (2012), ao elucidar que “os problemas organizacionais, tão corriqueiros na história do nosso futebol, não impediram que o esporte entrasse para o cotidiano do brasileiro” (p.36). Acrescenta que “espontaneamente, sem necessitar de planos estatais, conseguiu algo raro no país: envolveu regiões diversas, com costumes inconciliáveis, e alcançou multidões espalhadas pelo território nacional” (p. 36).

Assim, apreciando a potência da diversidade cultural da linguagem futebolística, considerando que “o futebol é um dos fatos sociais que mais exerce influências no estado de espírito e nas vivências emocionais diárias do mundo contemporâneo, sem sabermos, contudo, entendê-lo e explicá-lo completamente” (GRAÇA; LACERDA, 2011, p. 428), cinco motivos específicos me impulsionaram a pesquisar as imediações da Arena do Grêmio. Nesse cenário, voltando-me às manifestações torcedoras, em dias de jogos e como essas manifestações se relacionam com os sujeitos que lá vivem.

A primeira justificativa está conectada ao meu trabalho de conclusão de curso da graduação, em que investiguei as formas de torcer de mulheres frequentadoras do estádio Aldo Dapuzzo, localizado na cidade do Rio Grande/RS, entre os anos de 2011 e 2012. Nessa ocasião, as ‘formas de torcer’ foram entendidas na mesma perspectiva que

Jahnecka (2010) trata por ‘formas de manifestação’, que “diz respeito à ocupação dos espaços dentro do estádio, o comportamento e as atitudes adotados durante o jogo” (p.52). Logo, a pesquisa considerou especificamente as manifestações torcedoras ocorridas no interior de um estádio de futebol.

Dessa forma, procurando ampliar os olhares para as manifestações torcedoras, sem deixar de levar em consideração que cada contexto social possui suas peculiaridades, apresento, neste trabalho, uma investigação que contextualiza as manifestações, agora, no cenário externo de um estádio de futebol. Isso considerando que formas de torcer também se projetam na arquitetura dos estádios, inclusive durante a sua construção (TOLEDO, 2013). Portanto, essa inter-relação torcedores/as e estádio pode se dar não somente no lado interno dos templos futebolísticos, mas também no seu entorno.

É importante apontar que na busca por leituras sobre torcedores/as de futebol, poucas referências foram encontradas sobre manifestações nas proximidades dos estádios que se remetam aos/às torcedores/as de modo geral, sendo a maioria dos trabalhos acadêmicos encontrados voltados especificamente às torcidas organizadas e historicidades clubísticas, o que torna essa uma segunda justificativa que atribui relevância a esta investigação.

A terceira, quarta e quinta justificativas dizem respeito à definição do campo de pesquisa. A Arena do Grêmio foi indicada, primeiramente porque o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense trata-se de um dos clubes de maior torcida do país, aparecendo em sétimo lugar, com 3,5% da preferência da opinião pública no Brasil, em pesquisa ocorrida no ano de 2016, pelo instituto Paraná Pesquisas com o objetivo de consultar a população sobre a preferência quanto ao time de futebol, considerando o somatório de todas as regiões pesquisadas do Brasil. Já, especificamente, na região sul do país, a pesquisa aponta o Grêmio como o clube de maior torcida desta região, com 20,5%, seguido do Sport Club Internacional, com 15,9%¹. Ainda, segundo dados do clube, a Arena, inaugurada em dezembro de 2012, possui capacidade para 55.662 torcedores (conforme liberação do

¹ “O universo desta pesquisa abrange a população brasileira. Para a realização desta pesquisa foi utilizada uma amostra de 10.500 habitantes, sendo esta estratificada segundo sexo, faixa etária, escolaridade e posição geográfica. O trabalho de levantamento de dados foi feito através de entrevistas pessoais com torcedores maiores de 16 anos de 24 Estados e Distrito Federal em 288 municípios brasileiros durante os meses de março a dezembro de 2016, sendo checadas simultaneamente à sua realização em 20,0% das entrevistas. A Paraná Pesquisas encontra-se registrada no Conselho Regional de Estatística da 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª e 7ª Região sob o nº 3122/ 16 e é filiada à Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa - ABEP desde 2003. ¹ Informações disponíveis em <http://www.paranapesquisas.com.br/?submit=&s=torcidas>, acessado em 10 de julho de 2017.

Corpo de Bombeiros)² e teve seu público Record de 55.337 pessoas, no jogo da final da Copa do Brasil, em dezembro de 2016³, ano que antecedeu o início da pesquisa de campo.

Há de se considerar que a Arena do Grêmio foi inaugurada há menos de sete anos e que, antes disso a sede do clube se localizava em outro bairro de Porto Alegre, fato esse que considero gerador de transformações no território do Humaitá. De acordo com Mascarenhas (1998; 1999), no Brasil, os grandes estádios de futebol cumprem papel relevante na reprodução social urbana, onde o calendário futebolístico demarca os tempos e os horizontes da vida cotidiana. Portanto, tais pressupostos são possíveis de investigação científica que colaboram para a produção de conhecimento sobre o universo futebolístico e, dessa forma, de relevância aos estudos socioculturais do esporte.

Considero ainda que este estudo pode contribuir para que os sujeitos investigados possam se compreender melhor com parte do território e sobre a relevância de estar nas imediações do estádio para suas vidas, a vida do bairro, do clube, da cidade e do universo do futebol, em seus aspectos sociais, geográfico, ambiental e econômico, constituído nas redes multiterritoriais de pertencimentos e interdependência. Além disso, também foi verificada escassez de estudos que investiguem especificamente a inter-relação acontecimento jogo de futebol em estádios de futebol e moradores/as de suas imediações.

Por ultimo, justifico o critério de definição pelo exposto campo de pesquisa por ser torcedora do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e entender que minha identidade clubística facilitaria a aceitação de minha identidade pesquisadora junto ao grupo social pesquisado, já que os contornos metodológicos que contemplam o problema de pesquisa consistem na etnografia. Nesse contexto, a pesquisa acontece pela ‘observação participante’, em que o/a pesquisador/a assume “um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade, pelo menos afável, de modo que não impeça a necessária interação” (OLIVEIRA, 2006, p. 24). Desse modo, observar participando quer dizer que ao mesmo tempo em que o/a pesquisador/a observa, ele/a também está imerso/a, atuando e compartilhando a cultura da comunidade investigada.

² Informações disponíveis em http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=id_1132&language=0 , acessado em 13 de julho de 2017.

³ https://www.gremiopedia.com/wiki/Todos_os_n%C3%BAmeros_da_Arena_do_Gr%C3%AAmio, acessado em julho de 2019.

2.1. Do esporte civilizador à Arena do Grêmio

Para Elias (1999), o/a cientista precisa olhar para os acontecimentos sociais considerando os seus processos de longa duração, que abarcam o desenvolvimento de várias gerações, contextualizados no plano histórico, sendo investigados ao longo o curso. Assim, partindo do fato de que as sociedades ocidentais passaram pelo processo civilizador, os esportes surgem como mecanismos de produção de tensões, de excitabilidade. Isso porque no ambiente esportivo será proporcionado ao sujeito civilizado extravasar suas emoções, as quais são contidas e restritas em outros ambientes sociais, pois o esporte “gracias a la manera en que está diseñado, puede evocar una determinada tensión, una excitación agradable, permitiendo así que los sentimientos fluyan con más libertad” (ELIAS; DUNNING, 1995, p. 64). Assim, “é possível pensar a cidade moderna, com todos os seus viéses - pontualidade, aglomeração, solidão, exatidão, libertação e dependência - como o palco que possibilitou se não o surgimento, mas os ingredientes necessários para o desenvolvimento do esporte” (LUCENA, 2000, p. 73).

Impulsionados pelas reformas sociais e culturais anglo-saxônicas do final do século XIX e início do século XX, surgem os esportes em versão moderna, o que cristalizou a restauração dos jogos olímpicos e também o surgimento de novas modalidades. Nesse contexto, o futebol, também como um fenômeno moderno, foi parte decisiva desse movimento, por meio da rápida ampliação de suas associações e federações, da fundação da Federação internacional de Futebol Associativo (FIFA) e da “acentuada popularização e massificação de sua prática no mundo” (CARRAVETTA, 2012, p. 26).

Os primeiros clubes de futebol, no Brasil, surgem no final do século XIX, numa época em que o futebol era amador, elitista e racista, praticado exclusivamente pela burguesia (CARRAVETTA, 2012). No século XX, o futebol começa a se popularizar, se tornando também um esporte fabril através da prática pelos operários, de competições organizadas, incentivadas pelos diretores. Com a popularização do futebol e a multiplicação dos campeonatos, começaram a surgir novos clubes fundados por adeptos e simpatizantes do futebol. Já em nível profissional, se consolidou com a legislação social e trabalhista, assinada por Getúlio Vargas, em 1933, que formalizou a profissão de jogador de futebol (CARRAVETA, 2012).

Quanto à prática do futebol no Rio Grande do Sul, o porto da cidade do Rio Grande, por seu contato direto com os ingleses, no século XIX, atraindo imigrantes, principalmente alemães e ingleses favoreceu a cidade para assumir função primordial de disseminação do futebol no Rio Grande do Sul. Nesse contexto O Sport Club Rio Grande,

fundado em 19 de julho de 1900, teve papel protagonista na difusão do futebol no estado. A equipe do clube riograndino realizava viagens para práticas de jogos de exibição de seus elencos e estas turnês “foram responsáveis por influenciar a fundação de diversos clubes no interior do Rio Grande do Sul e na capital. Um deles foi o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense” (RODRIGUES, 2012, p. 15).

A primeira partida de exibição do clube riograndino em Porto Alegre ocorreu no dia 7 de setembro de 1903. Nessa ocasião a bola de futebol levada pelo elenco do clube murchou e foi quando Cândido Dias, comerciante que migrou de Sorocaba/SP pra a capital gaúcha, emprestou a bola para continuar o jogo. Motivado pelo acontecido, Cândido e um grupo de colegas se reuniram para organizar a fundação do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, em 15 de setembro de 1903. O surgimento dos primeiros torcedores do clube praticamente coincide com sua data de fundação e seu quadro de fundadores foi formado por descendentes alemães e italianos, donos de indústrias, comerciantes, profissionais liberais e estudantes abastados (RODRIGUES, 2012).

O primeiro rival do Grêmio foi o Fussball Club Porto Alegre, fundado junto ao Grêmio, em setembro de 1903 e se manteve na ocupação de principal rival até o ano de 1909, quando foi fundado o Sport Club Internacional, que se consolida como o grande rival do clube tricolor até os dias de hoje. Em outubro de 1912, o Grêmio inaugura um pavilhão para 500 pessoas, em um terreno adquirido que pertencia ao Clube de Tiro Alemão e lá jogou por quase 50 anos. O estádio ficou conhecido com Fortim da baixada e ao final da década de 40, o Grêmio e seu grande rival já possuíam os maiores patrimônios e número de torcedores de Porto Alegre (RODRIGUES, 2012).

Numa tentativa de fazer frente à hegemonia colorada, o Grêmio passou por transformações significativas a partir do final dos anos 40, incluindo a transferência da sede do Fortim da Baixada para um novo estádio, a ser construído no Bairro Azenha. O estádio Olímpico Monumental, com capacidade estimada de 60 mil espectadores, foi inaugurado nos primeiros anos da década de 50 (DAMO, 2002). O Olímpico foi então a casa do Grêmio por mais de 60 anos e palco de grandes conquistas do clube, até a fundação da Arena do Grêmio, que como já foi mencionado anteriormente, foi inaugurada em dezembro de 2012, caracterizando-se como um dos estádios mais modernos da América Latina, segundo dados do site oficial do clube. Após quatro anos de sua inauguração, o primeiro título de expressão nacional a ser conquistado na Arena ocorreu em dezembro de 2016: o penta campeonato da Copa do Brasil, consagrando o Grêmio como o clube que mais títulos acumulou nesta competição. Desde então, o clube

conquistou mais dois títulos de expressão continental: a Copa Libertadores da América (2017) e a Recopa Sul-americana (2018).

2.2. Sobre o pertencimento clubístico: a tensão e o sentir

Conforme a perspectiva de heterogeneidade do esporte, mencionada por Stigger (2002) através da dimensão social esporte-*performance* e de Damo, a respeito da matriz espetacularizada, que busco tratar, nesse momento, sobre um público específico, pertencente ao contexto que se caracteriza pelos conceitos desses autores. Isso considerando que, para Damo (2006), três elementos principais figuram nos espetáculos futebolísticos: os artistas (jogadores), as obras (os jogos) e seus públicos (torcedores).

Assim, entendendo o torcer sendo o mesmo que pertencer “o que significa, literalmente, fazer parte, tomar partido, assumir certos riscos e vivenciar excitações agradáveis ou frustrações” (DAMO, 2002, p. 12) e que na matriz espetacularizada esse público pertencente é tratado de forma demarcada sob ‘quem assiste’, foco-me agora mais especificamente no elemento ‘torcedores/as’.

Procurando compreender as manifestações através da crescente identificação dos sujeitos com o clube, faço referência a tal relação (público/clube), embasada pela relação do torcer ao sentimento de pertencimento, em que a lógica pertinente é de que “pertencer a um clube significa ser leal a ele” (DAMO, 2002, p. 9). Assim, Jahnecka (2010) refere-se ao torcedor como “um segmento de público militante, não necessariamente pela frequência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas pelo engajamento emocional” (p. 52).

Le Breton (2019) sinaliza que “o sentimento é a tonalidade afetiva aplicada sobre um objeto” (p. 140). Complementa que o sentimento “instala a emoção no tempo, diluindo-a numa sucessão de momentos conexos (...) ele faz às vezes de discurso explicativo com base em valores comuns, dando nome a seu objeto e – sua razão de ser – define seu significado e possibilita as trocas no interior do grupo” (p.140).

Portanto, assim é tratado o torcer, pela ligação emocional, afetiva e o sentimento de pertencimento que é vivenciado de maneira particular, pois conforme evidencia Silva (2005), “não existe homogeneidade no torcer, visto que o torcer, o comemorar, a alegria ou a tristeza são construídos de forma diferente em cada sujeito torcedor e, portanto, geram sentidos diversos em cada um” (p. 24).

Lucena (2010), ao tratar do esporte na cidade, como elemento fundamental aos processos de urbanização e de transformação social advindas do esforço civilizador do

Brasil, no final do século XIX e início do século XX, reforça que ao tratar do esporte, o espectador esportivo não pode ser desconsiderado como sujeito envolvido, carregado de emoção e, portanto, também considerado como um esportista, marcado pelo gosto do pertencimento, pois

o prazer da observação não deve ser considerado como fator de segunda ordem. Por isso, os primeiros jogos de futebol ou as primeiras regatas embora não tenham contado com uma participação ampla e efetiva dos "outsiders", certamente possibilitaram um enfrentamento que vinha das arquibancadas, dos muros ou dos morros e que fugiu à expectativa dos primeiros praticantes. Forjou um sentimento de grupo e comunitário poucas vezes experimentado (p. 129).

Conforme Toledo (1996), ao fazer um breve histórico sobre a prática do futebol na cidade de São Paulo- SP é citado o surgimento do rádio, na época de 1930 e da televisão duas décadas mais tarde como excelentes meios de popularização do futebol. Então, é nesse período que tendem a se contornar o agrupamento de “gostos e preferências clubísticas. Com isso, novas formas de entretenimento e lazer foram gestadas a partir da prática e paixão pelo futebol” (p. 20).

Assim, conforme o gosto pelo futebol vai se alastrando pelas cidades brasileiras, ocorrem as opções clubísticas⁴, em que a casa de espetáculos de cada clube, ou seja, os seus estádios vão se caracterizando como espaço privilegiado de lazer e entretenimento para a população que se dirige a tais espaços em dias de jogos com a intenção de torcer. Portanto, para além das disputas ocorrentes dentro de campo, o futebol “construía uma ideia de coletividade onde os indivíduos se sentiam pertencentes a um clube ou de alguma forma representados por ele” (p.50).

Desse modo, ocorreu o processo de produção de relações de identificação, tanto dos sujeitos para com o clube, como do clube para com os sujeitos (JAHNEKA, 2010). Logo, a relação de pertencimento entre torcedor/a e clube ocorre de maneira simultânea e não vertical, já que os/as torcedores/as pertencem ao clube, ao passo que o clube pertence aos/às torcedores/as. Para Souza (2016),

torcedor e clube estão imbricados numa relação quase que existencial, como se amalgamados estivessem, transitando o emocional e o corpóreo, tornando-se compreendidos apenas pelos muitos outros que comungam da mesma relação, que ao mesmo tempo é única e plural. Comunicam-se através de um idioma

⁴ Conforme Damo (2002), diversos são os contextos sociais que emergiram a formação de clubes em nosso país. Isso frequentemente demarcadas pelas diferenças de classes sociais e questões étnicas. Portanto, a opção clubística na época em que ocorriam as formações dessas instituições, podem estar bastante relacionadas com as questões sociais que envolvem as suas fundações. Assim, clubes fundados por indivíduos da elite atraíam as classes mais abastadas, enquanto os clubes que surgiam da união de grupos das classes mais populares, conquistavam públicos do mesmo nível sócio-econômico.

próprio, com expressões construídas e singulares ao meio futebolístico; e assim: o torcedor não entra em campo, mas é o “décimo segundo jogador” do time (p. 17 e 18).

No que se refere às escolhas clubísticas, na atualidade, essa questão também é mencionada por Bandeira (2009), ao citar que uma criança nascida na cidade de Porto Alegre/ RS, “antes de pensar em estádio de futebol, é necessário decidir qual dos dois estádios será frequentado: o Estádio Olímpico, do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense ou o Estádio Beira Rio, do Sport Club Internacional” (p.13). Essa questão, tratada pelo autor como uma questão de escolha urgente’, e que se pretende definitiva revela que o ato de torcer está intrínseco à escolha do clube ao qual o sujeito contemplará o seu torcer. Portanto, “escolhe-se um time para toda vida. Nessa escolha não entra a lógica do descartável, marca do mundo moderno” (Silva, 2005, p. 48).

Destarte, ao universo futebolístico, gostar de futebol não é o bastante, é necessário torcer, o que também não é o suficiente. É imprescindível torcer para determinado clube ou time. Pode-se dizer ainda que

o ato de se dizer torcedor de um clube de futebol é uma das poucas situações em que a referência de permanência **ser** não foi abalada. No futebol continuamos a nos definir como: sou Flamengo, sou Corinthians, sou Grêmio, sou Internacional, sou Xavante. Essa escolha é tão significativa que se por algum motivo houver troca de opção, o torcedor receberia logo o rótulo de traidor, de “vira-casaca”. (JAHNECKA, 2010, p. 51 e 52).

Silva (2005) complementa que vira-casaca não é apenas quem troca de time, mas quem, “com isso, muda de pele, vira outra pessoa. Manter-se fiel a um time pela vida toda é manter seu caráter, suas idiossincrasias, é ter rosto definido” (p. 48). Cresci ouvindo meu pai dizendo que um homem troca de sexo, mas não troca de time. Esse discurso reforça o quanto a identidade clubística está associada à questão de honra, o quanto a relação de fidelidade com um clube é uma questão considerada de permanência irredutível. Muitas escolhas são passíveis de mudanças no mundo líquido moderno, no entanto, a permanência ser torcedor/a deste ou daquele time, esta é inabalada, anda que possa acontecer, não é uma escolha que se dá de forma tranquila.

No que se refere à densidade identitária do torcer, Maroto (2005) complementa que “o fato das pessoas escolherem um time para torcer faz com que sejam reconhecidas e identificadas com o nome, as cores e o mascote do mesmo” (p. 75). O autor indaga ainda quantas vezes nos referimos a um conhecido por sua preferência clubística, seu mascote ou as cores de seu clube? É o tricolor, o colorado, o Xavante, etc. “Essas descrições o acompanham durante toda vida. Dificilmente um torcedor de futebol troca de time” (p. 75).

Para Martins, Silveira e Freitas (2014), dois conceitos são norteadores à compreensão sobre o sentimento torcedor, que são o “sentir-se torcedor”/a e o “sentir do torcedor”/a. :

Quanto ao sentir-se torcedor [trata-se de] uma característica que ultrapassa a barreira das arquibancadas dos estádios em dias de jogos de futebol- espetáculo. Isso porque o ato de torcer, protagonizado pela interação torcedor/ clube agrega significados individuais e grupais que implicam nas identidades dos sujeitos e nas suas relações sociais. Dessa forma, o indivíduo que se sente torcedor, que se identifica com determinado clube, que se sente pertencente a ele, atrela às suas identidades a característica ‘ser torcedor’. Então, partindo do sentir-se torcedor, se revela o sentir do torcedor. Tal denominação diz respeito aos aspectos emocionais dessa parcela específica de sujeitos que se envolvem no universo esportivo, na busca pela excitação. Assim, movidos por laços afetivos, a relação do torcedor com seu clube movimenta sentimentos de alegria, orgulho, decepção, fúria, ódio, entre outros (p. S187).

Os desdobramentos decorrentes das relações entre torcedores/as e das suas inter-relações com seus clubes, tais como a formação de torcidas organizadas, demonstram a necessidade de reforçar os seus pertencimentos. É importante esclarecer que as demonstrações de lealdade podem estar desvinculadas das relações diretamente com a presença de torcedores/as nos estádios, já que a mídia contribui para que o/a torcedor/a não precise sair de casa durante os noventa minutos de espetáculo. Assim, o torcer encontra-se para além dos estádios, para além dos dias de jogos e para além do próprio clube, já que também é preciso torcer ‘contra’ o clube rival.

O/a torcedor/a sente e se manifesta sem ter precisamente espaço e tempo definidos. O torcer pode acontecer dentro de um estádio de futebol, mas também longe dele ou nas suas imediações, nas casas, nos bares, “nas ruas, nos morros, nas calçadas” (LUCENA, 2010) e também no território virtual. Logo, investigações sobre manifestações torcedoras não se restringem exclusivamente às arquibancadas dos estádios.

2.3. O Humaitá e a Arena: relações de interdependências

Partindo da perspectiva de territorialidade, debruço-me a apresentar o bairro onde se localiza o campo de investigação: o Humaitá. Tratando assim, mais especificamente das imediações da Arena, enquanto território de domínio e apropriação do espaço físico e simbólico de representações e manifestações que se relacionam com o acontecimento Jogo de futebol, ocorrente no estádio do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. É importante destacar que o Humaitá conta com uma ampla área espacial de 417 hectares e que a área de estudo contempla especificamente imediações da Arena do Grêmio, onde se

concentram torcedores/as, em dias de jogos. Portanto, ao abordar o território do Humaitá, trato com maior especificidade deste recorte espacial no bairro.

Localizado na zona norte de Porto Alegre, a 8 km do centro da cidade, o bairro Humaitá limita-se ao sul como o bairro de Navegantes e, ao norte, com o município de Canoas. Localiza-se às margens da Freeway (BR290), entre a BR 116 e a BR 448. Está situado próximo ao Aeroporto internacional e a rede ferroviária (MARTINS, 2010). Em uma área alagadiça que sofreu processo de aterramento, o território que na época demarcava o bairro Dona Teodora, teve seus primeiros movimentos de ocupação na década de 1960. Isso ocorreu através do processo de expansão das zonas residenciais para atender o crescimento populacional desse período, na cidade de Porto Alegre, decorrente da reestruturação oriunda do processo de industrialização na cidade e do êxodo rural (MARTINS, 2010; BIANCHI, 2012).

Com o processo de “metropolização”, a partir de 1945, através da necessidade de expansão territorial da capital gaúcha, pelo aumento da população, trazendo problemas de habitação, transportes e infraestrutura que necessitavam de integração, o governo do estado declarou, em Decreto, em 10 de setembro de 1960, a área como de “utilidade pública”. Começou, assim, a construção de diques e aterramentos para instalar as indústrias nesta área, em que os custos de moradia eram mais acessíveis em função da distância do centro. Contudo, o bairro Dona Teodora, contando com crescimento do número de habitantes, foi marcada pela pobreza e saneamento precário. Até que em 1973, iniciou-se o processo de remoção das malocas, estabelecendo as famílias no bairro da Restinga (MARTINS, 2010).

Após o processo de aterramento e a criação dos primeiros conjuntos residenciais, inaugurados em 1977, pela empresa loteadora Frederico Mentz S.A., foi criado oficialmente o bairro Humaitá, pela Lei nº 6218, de 17 de novembro de 1988. Esta lei também extinguiu o antigo bairro Dona Teodora e parte dos bairros Navegantes e Marcílio Dias (BIANCHI, 2012). Na década entre os anos de 1996 e 2005 o bairro contou com um grande crescimento populacional, devido ao crescimento das vilas e às invasões ocorrentes a muitos prédios construídos, pois em 1982, através do financiamento com a caixa econômica federal, o acesso aos residenciais tornou-se bastante viável e muitos imóveis eram adquiridos e não habitados por seus compradores (MARTINS, 2010).

Os anos de 2006 a 2009 são marcados pelo domínio imobiliário, denominando o Novo Humaitá, alavancado pelo promissor complexo de entretenimento que contemplava a construção da Arena do Grêmio, situada ao norte do bairro (conforme a imagem seguir) e que contempla em seu projeto original, além do estádio, também um hotel, prédios

residenciais, shopping, cento de convenções e empresarial e estacionamento. Esse projeto estimulou diversas empresas do setor imobiliário e também a proprietários a investirem na reforma de seus imóveis no bairro (MARTINS, 2010). O estádio foi inaugurado no ano de 2012.

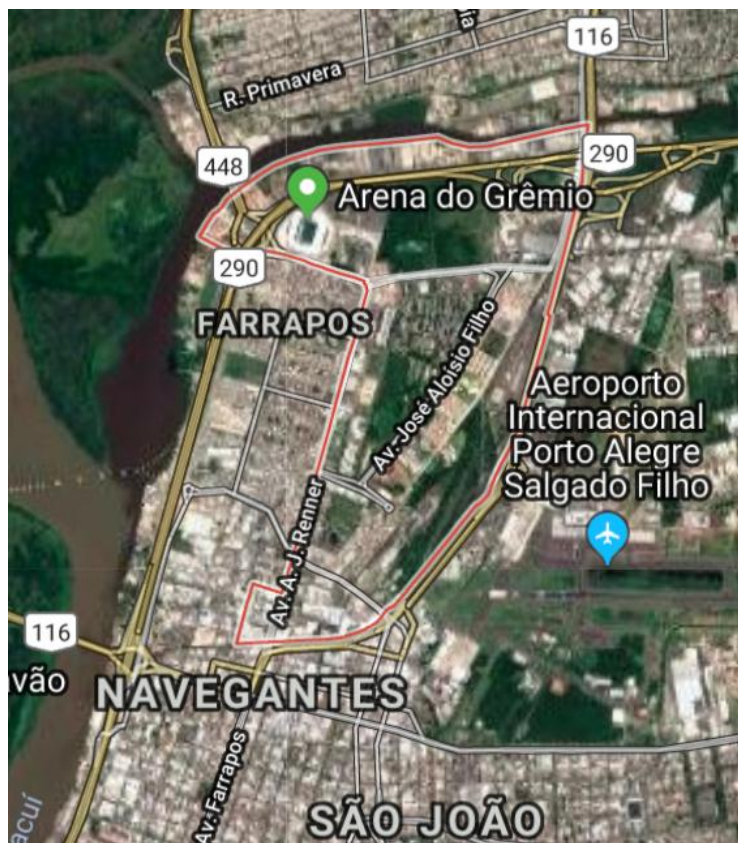


Imagem de satélite I- Bairro Humaitá
Fonte: Google Maps, 2018.

Considerando a efetivação da Arena no Humaitá, focando nas relações de apropriação do território, relativas ao problema de pesquisa, pode-se determinar que estas relações também se constituem na rede da “interdependência humana” (ELIAS, 1994b) no que tange a teia que tece as relações de pertencimento ao território das imediações da Arena do Grêmio. Por mais que a valorização da individualização da busca por liberdade seja uma característica advinda dos tempos modernos (BAUMAN, 2003), “a individualização não é só um processo contínuo, interminável. Ela é definida justamente pela relação com as questões da interdependência (...) de indivíduos inter-relacionados, unidos pela dependência criada na diversificação de funções” (LUCENA, 2000, p. 51).

Portanto, “quando pesquisamos processos sociais, temos que examinar a rede de relacionamentos humanos, a própria sociedade, a fim de identificar as compulsões que as conservam em movimento e lhes conferem forma e direção particulares” (ELIAS, 1994c, p. 36). Assim, após apontar o lápis, passo a desenhar os contornos desta pesquisa.

3. CONTORNOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A partir do objetivo de compreender como ocorrem as relações de apropriação das imediações da Arena do Grêmio, provenientes das manifestações torcedoras, nos períodos que antecedem a entrada dos/as torcedores/as no estádio, em dias de jogos e, além disso, investigar como estes acontecimentos compõem a vida de sujeitos moradores do bairro Humaitá, situado na cidade de Porto Alegre/RS, atendo-me agora aos contornos deste trabalho. Busco, então, abordar o contexto teórico que se fundamenta a investigação e por seguinte, a perspectiva metodológica, já expondo de antemão que a interdisciplinaridade é matéria-prima do lápis que tece o contorno do desenho da pesquisa, composto de saberes produzidos de diferentes espectros.

Ao ligar os componentes para o arranjo das ferramentas que possibilitam desenhar os contornos, a busca é pelos pontos de aproximação entre áreas que, justamente por possuir características singulares, podem possibilitar entender as relações humanas de forma mais ampla, em suas pluralidades e complexidades. Assim, o lápis se compõe pela liga entre as áreas da sociologia, filosofia, geografia e antropologia, partindo do princípio de que estas áreas do conhecimento são pertinentes aos estudos socioculturais da Educação Física. Aqui mais especificamente do universo esportivo, e que, portanto trazem contribuições mútuas para se pensar e produzir conhecimentos relativos às suas inter-relações, pois como menciona Mascarenhas (1999),

os esportes constituem sabidamente uma dimensão complexa e multifacetada da realidade social, e seu enfrentamento requer o aporte teórico-metodológico das mais diversas disciplinas acadêmicas. Somente o esforço inter e transdisciplinar poderá dar conta de um fenômeno social tão permeável a variantes políticas, culturais, sociais e econômicas. A geografia, enquanto disciplina devotada ao estudo dos lugares e das relações entre a sociedade e sua “base territorial”, pode contribuir de alguma forma neste amplo desafio, bem como pode enriquecer suas análises sobre a dinâmica espacial incorporando nelas o fenômeno esportivo e as contribuições dos estudiosos deste campo. Ao mesmo tempo, são bem-vindas todas as iniciativas de outros campos do saber em incorporar em suas análises os elementos e fatores da base espacial. Não apenas por sabermos (desde Nöbert Elias) que os estudos setoriais do fenômeno esportivo não permitem visualizar sua complexidade, mas também porque o estudo da produção da demanda esportiva de determinada sociedade requer uma perspectiva contextual que envolve o espaço geográfico, suas formas e sua dinâmica (p.57).

Cabe salientar que ao abordar a interdisciplinaridade a priori, não busco tratar esta como a forma mais adequada de abordagem teórico-metodológica. Em acordo com pensamento de Foucault, não trato aqui de juízo de valor, mas procuro abordar a

viabilidade de escapar das caixinhas do academismo⁵. E a aventura de sair da caixa, assim como permanecer dentro dela, nos remete às potencialidades, mas também às fragilidades, no que tange os modos diferentes de olhar o mundo, pertinentes aos referenciais. Considero que as bases teóricas que são pertinentes ao estudo possuem diferentes matizes, mas que também apresentam seus pontos de aproximação nos tons. E é nesses pontos de encontro que está a potencialidade do diálogo.

Sociologia, filosofia, geografia: bases teóricas que direcionam os caminhos metodológicos desta investigação para o campo da antropologia, que me encaminham à pesquisa etnográfica. Olhar para o território investigado através da tríade sociologia, filosofia e geografia é não enxergar outro caminho metodológico mais pertinente que a imersão antropológica no campo. Souza (2016), em sua tese de doutorado junto ao Programa de Pós-graduação em Antropologia, ao investigar alianças entre torcidas, menciona que

mais que qualquer jogo ou modalidade esportiva moderna, o futebol conquistou no decorrer das últimas três décadas a condição de importante campo de investigação, somando-se a outros que têm por finalidade a interpretação das relações estabelecidas entre os seres humanos, e destes com suas instituições, alcançando interesses significativos em diversas áreas do conhecimento, até então pouco atraídas por este objeto (p.15).

Assim, na compreensão sobre os contornos inerente a essa investigação, embasome na etnografia, entendida como “a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (ANGROSINO, 2009, p. 30). Já que as inter-relações, no que tange as manifestações torcedoras, em dias de jogos e os sujeitos que habitam o território das imediações da Arena do Grêmio ainda não foram investigados com os contornos aqui assumidos.

A etnografia, que tem seu berço na área da antropologia no final do século XIX e início do século XX, caracteriza-se da seguinte forma:

sendo um composto de técnicas e procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do (a) pesquisador (a) junto ao grupo social a ser estudado (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 9).

⁵ Norbert Elias (1994c) aponta que “se há factos bastante óbvios e fáceis de observar que são frequentemente omitidos no trabalho dos cientistas é porque, podemos estar seguros, há uma razão para tal omissão. Esta é, geralmente, um sinal de uma deficiência característica do seu trabalho. Muitas vezes, os bloqueamentos devem-se a um defeito intelectual muito comum entre os académicos. Podemos chamar-lhe o *academismo*. A sua principal característica é a projecção da departamentalização académica, e das rivalidades que lhe estão ligadas, na temática da investigação do departamento” (p. 20). Embora o autor trace uma crítica evidente ao academismo, a perspectiva que aqui exponho se abstém da crítica à departamentalização, mas concorda com Elias que a comunhão entre as áreas ampliam a compreensão sobre os complexos processos das relações sociais.

No contexto da produção do conhecimento etnográfico, constituem-se determinados processos indispensáveis à construção do saber, o que Oliveira (2006) denomina por “etapas de apreensão dos fenômenos sociais” (p. 18), são elas: “o *olhar*, o *ouvir* e o *escrever*” (p. 18). Essas ações cognitivas mesmo que sejam tratadas separadamente, são indissociáveis à interpretação dos sistemas simbólicos que constituem a rede de interações da comunidade que está sendo pesquisada. Isso porque, entendendo ‘o olhar’ enquanto as observações realizadas pelo/a pesquisador/a, ‘o ouvir’ frente às conversas ocorrem como um processo contínuo ao olhar, já que nessa fase podem surgir dados que não foram perceptíveis durante as observações.

Quanto ao ‘escrever’, esse ato é caracterizado pelas anotações, diários de campo e o processo de escrita do trabalho, em que o/a pesquisador/a transfere suas percepções do pensamento para a concretude da escrita. Nessa perspectiva, Oliveira (2006) considera que “é no processo de redação de um texto que nosso pensamento caminha, encontrando soluções que dificilmente aparecerão antes da contextualização dos dados provenientes da observação sistemática” (p. 32).

Assim, o escrever, mesmo que se caracterize por uma ação específica, está intimamente relacionado com o olhar e ouvir, pois é por meio desse ato que as ações preliminares serão organizadas e compreendidas. Acrescento também as caminhadas no campo, pois, para Silva (2009), na pesquisa etnográfica, andar, ver e escrever são três fluxos que se encontram dinamicamente inter-relacionados, que exercem e sofrem influências recíprocas. Portanto, foram realizadas observações, caminhadas, conversas informais e diários de campo. Também utilizei imagens fotografadas e filmadas através de smartphone, de uso pessoal, como instrumentos de auxílio para a confecção dos diários do campo.

Considerando aspectos éticos relativos às falas e ações dos sujeitos mencionadas nos diários, é assegurado o anonimato, já que, além das observações, as conversas ocorreram de forma espontânea, sem o aporte de termos de consentimento. E nesse contexto, “a etnografia, como qualquer produção reflexiva, requer uma seleção do que pode e deve ser divulgado. Há uma escolha, a partir da hipótese elaborada, e um compromisso com os interlocutores” (GOMES, MENEZES, 2008, p.3). Assim, os nomes dos sujeitos do campo, que aparecem no trabalho são fictícios. Com exceção de imagens que foram autorizadas verbalmente para divulgação, as demais procuram preservar a identificação dos sujeitos.

A fase empírica se iniciou mediante aprovação do projeto de pesquisa junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de

Pelotas (UFPEL), que emitiu parecer de aprovação nº 2.897.136, em 17 de setembro de 2018. Cabe ressaltar que a pesquisa também é **financiada pela CAPES**, a qual sou aluna bolsista, desde setembro de 2018. Saliento que o financiamento foi fundamental para viabilidade da coleta de dados e qualidade desta produção.

O período de imersão no campo ocorreu no segundo semestre de 2018, de 23 de setembro a 02 de dezembro, totalizando sete idas a campo, em dias de jogos oficiais do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, no Campeonato Brasileiro e Copa Libertadores da América. Alguns fragmentos dos diários de campo encontram-se em apêndice desta dissertação, no documento “relatos de uma pesquisadora-torcedora sobre o campo”, que contextualiza a minha trajetória enquanto pesquisadora-torcedora imersa no campo de pesquisa. Contudo, os fragmentos divulgados foram selecionados visando preservar os sujeitos investigados.

A prioridade de espaço-tempo de observação ficou reservada aos períodos que antecederam os jogos e à extensão da Avenida Padre Leopoldo Brentano, tendo início no Bar do Tricolor, até o Bar do Ito, na Avenida AJ Renner. No entanto, durante uma ida a campo, em dia de Libertadores, permaneci nas imediações também durante o horário do jogo. Destaco que as imediações da Arena estão para além do território limitado na pesquisa, porém, foi preciso, já nas primeiras idas a campo, delimitar o território de investigação, para me possibilitar uma imersão mais aprofundada.

Então, além de um recorte temporal, também houve um recorte espacial, que se deu por meio da possibilidade de ver⁶ o campo, considerando dois aspectos específicos: o cenário de permanência de maior número de torcedores/as e demais sujeitos do campo e também por me proporcionar maior sensação de segurança para circular nesses espaços. O território em que houve a imersão pode ser visualizado através das seguintes imagens de satélite, que apontam a rota seguida e suas extremidades, sinalizadas pelas setas, na imagem II e pelos estabelecimentos comerciais (Bar do tricolor e Bar do Ito), na imagem III.

⁶ “ocorre que ver, sendo diferente de olhar pura e simplesmente, implica uma organização do que foi olhado, espiado, espionado, entrevistado, reparado, notado, percebido ao longo do percurso etnográfico. Ver implica um olhar que se organiza; um olhar organizado e reorganizado; que vai organizando; que organiza e reorganiza; que vai revendo; que revê e dá por revisto” (SILVA, 2009, p. 181 e 182).



Imagem de Satélite II- Percurso do campo de pesquisa
Fonte: Google Maps, 2019.



Imagem de Satélite III- Extremidades do campo de pesquisa
Fonte: Google Maps, 2019.

A previsão projetada foi de estar em campo em todos os jogos do segundo semestre, iniciando a fase empírica após a aprovação do comitê de ética. No entanto, não foi viável a ida a campo em um dia de jogo previsto, pelo campeonato brasileiro, em que o adversário do Grêmio era o Sport Recife- PE. Isso porque este jogo aconteceu em um final de semana de votação eleitoral, na qual eu estava engajada com o direito e dever de exercer minha cidadania, no contexto político que considero crítico à nossa democracia. E, nesse cenário, a urgência maior foi a questão eleitoral. Por isso, não viajei até Porto Alegre. Assim, as idas a campo ficaram distribuídas da seguinte maneira:

Idas a campo	Data	Competição	Adversário
1 ^a	23/09	Campeonato Brasileiro	Ceará- CE
2 ^a	02/10	Libertadores da América	Atlético Tucumán- ARG
3 ^a	06/10	Campeonato Brasileiro	Bahia- BA
4 ^a	30/10	Libertadores da América	River Plate- ARG
5 ^a	11/11	Campeonato Brasileiro	Vasco da Gama- RJ
6 ^a	18//11	Campeonato Brasileiro	Chapecoense- SC
7 ^a	02/12	Campeonato Brasileiro	Corinthians- SP

Tabela I- descrição das idas a campo e características associadas. Porto Alegre, RS, 2018.
Elaborada pela autora.

Endosso que dependendo dos acontecimentos durante o processo de pesquisa, que vão desde o deslocamento até o campo e os fatos lá ocorrentes, o tempo estimado de permanência a cada imersão teve variações. O menor período de permanência no campo foi de aproximadamente uma hora e o maior foi de aproximadamente quatro horas.

Em um dia de Libertadores, houve também a necessidade de permanecer em campo durante o período do jogo, mesmo que a previsão projetada contemplava, preferencialmente, o período pré-jogo. Isso porque, se tratando de pesquisa qualitativa, o/a cientista social tem como preocupação básica “a estreita aproximação dos dados, de fazê-lo falar de forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor aprendê-la e compreendê-la” (MARTINS, 2004, p. 292). A relação temporal de permanência no campo está contemplada na Tabela abaixo, com aproximações arredondadas de tempo (até 15 minutos, para mais, ou para menos).

Idas a campo	Horário do jogo	Tempo de imersão
1 ^a	11h	1h
2 ^a	21:50h	3h
3 ^a	21h	1h e 30 min.
4 ^a	21:45h	4h
5 ^a	17h	3h e 30 min.
6 ^a	19h	2h
7 ^a	17h	2h e 30 min.

Tabela II- relação temporal de imersão no campo. Porto Alegre, RS, 2018.
Elaborada pela autora.

Em quatro idas a campo meu deslocamento ocorreu através de excursão dos Borrachos do Trovão (grupo de torcedores/as gremistas, da cidade do Rio Grande/RS que possui ônibus próprio para promover excursões a jogos e eventos do clube em Porto Alegre e outras cidades). Três idas ocorreram através de ônibus intermunicipal e aplicativo Uber, pois já havia chegado na capital no dia anterior ao jogo e a volta, em dois dias, ocorreu de Uber e na última ida a campo retornei para Rio Grande de carona com a excursão dos Borrachos. Em seis dos sete jogos ocorridos, eu entrei no estádio para torcer, momentos antes de começar a partida, ou ainda, logo após o começo. Não permaneci em campo após o término dos jogos. Todas as observações pós-jogo que constam nos diários se referem ao que pude olhar, ao me deslocar para ir embora.

4. PREENCHIMENTO DO DESENHO

Após traçar os contornos, passo agora a dispor do preenchimento do desenho desta investigação. Dentre os sombreados elaborados pelo preto e o fundo estabelecido pelo branco, há também o azul, ao qual contemplo a cor viva do território. Embora as denominadas cores quentes, por determinado espectro possam se remeter ao rubro do rival tricolor, a cor quente que pinta o território das imediações da Arena, em dias de jogos do Grêmio é o azul. Celeste nas cores do estádio, de lares, bares, bandeiras, camisas. Azul, cor primária, que junto ao preto e branco dá vida a esta forma preenchida em três tonalidades: a apropriação do território, a composição na vida de moradores/as e os prazeres e agruras da torcedora-pesquisadora do/no campo.

4.1. Sobre a apropriação do território: configurações dicotômicas de inter-relações

Conforme os contornos teórico-metodológicos foram sendo traçados, procuro, agora dar tonalidade ao contexto das imediações da Arena a partir da perspectiva de Território apresentada por Rogério Haesbaert. Para o autor, território “não é simplesmente uma ‘coisa’ que se possui ou uma forma que se constrói, mas, sobretudo, uma relação social mediada e moldada na/pela materialidade do espaço” (HAESBAERT, 2010, p. 350). As relações com que nós, mesmo que no plano individual, funcionalizamos e significamos o espaço é mais relevante que as formas concretas que o construímos. Ainda que a materialidade do espaço também seja parte do território, já que o espaço antecede o território e este se forma a partir do espaço, pela ação conduzida por relações de dependência (RAFFESTIN, 1993).

A etimologia da palavra território remete às palavras latinas *terra* e *torium*, que significa terra que pertence a alguém (BOZZANO, 2009). Assim, a territorialização é abordada enquanto “as relações de domínio e apropriação do espaço, ou seja, nossas mediações espaciais do poder” (HAESBAERT, 2010, p. 339). E falar em dominação e apropriação do espaço é falar de relações entre sujeitos e, portanto, nos remete às “múltiplas sujeições que ocorrem e funcionam no interior do corpo social” (FOUCAULT, 2010, p. 24). Onde há relações entre sujeitos, há relações de poder, de dominação e sujeição. Portanto, ninguém escapa às malhas das relações de poder (FOUCAULT, 2018).

Ao tratar da territorialização em tempos atuais, especificamente nos ambientes urbanos, Haesbaert (2010) tece críticas a autores que abordam a ideia de fim dos territórios. O autor considera a desterritorialização um mito e nos direciona ao entendimento de multiterritorialidade. Não seria o fim do território, mas a sua multiplicidade. Uma multiplicidade que não é isolada, mas que se estabelece em redes

o que entendemos por multiterritorialidade é, assim, antes de tudo, a forma dominante, contemporânea ou ‘pós-moderna’ da reterritorialização, a que muitos autores, equivocadamente, denominam desterritorialização. Ela é consequência direta da predominância, especialmente no capitalismo pós-fordista ou de acumulação flexível, de relações sociais construídas através de territórios-rede, sobrepostos e descontínuos, e não mais de territórios-zona (...) o que não quer dizer, em hipótese alguma, que essas formas mais antigas de território não continuem presentes, formando um amálgama complexo com as novas modalidades de organização territorial (HAESBAERT, 2010, p. 338).

Mais do que o fim dos territórios, Haesbaert afirma que não há indivíduo ou grupo social sem território, “sem relação de dominação e/ou apropriação do espaço, seja ela de caráter predominantemente material ou simbólico” (p. 339). E apropriação estabelecidas pelos estratos funcionais do território devem ser analisadas entre si, pois para

entender estruturas e processos sociais, nunca é suficiente estudar um único estrato funcional no campo social. Para serem realmente entendidas, essas estruturas e processos exigem um estudo das relações entre os diferentes estratos funcionais que convivem juntos no campo social e que, com a mais rápida ou mais lenta mudança nas relações de poder provocada por uma estrutura específica desse campo, são no curso do tempo reproduzidas sucessivas vezes (ELIAS, 1994, p. 223).

Desse modo, considero o território das imediações da Arena, em dias de jogos como espaço de inter-relações de domínio e apropriação, pelos sujeitos que lá se encontram, sejam torcedores/as, moradores/as, vendedores/as ambulantes, catadores/as e outros indivíduos/estratos funcionais que compartilham espaço-tempo-vivido.

O espaço, por ele mesmo, é social, pois não há sociedade a-espacial (SANTOS, 2005) e “toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios” (HAESBAERT, 2010, p. 344), os indivíduos estabelecem relações entre si no espaço-tempo vivido, tornando essas inter-relações uma parte da multiplicidade de territórios em rede já que “a interdependência universal dos lugares é a nova realidade do território” (SANTOS, 2005, p. 137).

O território pesquisado possui aproximadamente 650 metros de distância entre as suas extremidades. O espaço da Avenida Padre Leopoldo Brentano é pavimentado, com duas vias para circulação de veículos, com um canteiro central, dividindo as vias. Do lado da avenida, em que se Localiza a Arena não existe residências. Apenas um grande muro que se estende até o início do estádio. Do lado oposto, encontram-se as residências e estabelecimentos comerciais, em sua maioria, construções de alvenaria.

Nas extremidades do campo, se posicionam fiscais de trânsito para controlar a circulação atípica dos dias de jogos. O policiamento militar circula pelo território, mas também possui seus pontos fixos estratégicos. Ao longo de todo território existem torcedores/as e moradores/as. Cambistas esporadicamente exercem suas atividades por ali, já que se fixam prioritariamente, no entorno do estádio. Durante o período de eleições, em que ocorreu parte da pesquisa, grupos de campanha de candidatos que possuem alguma ligação com o clube também estavam em ação. Identifiquei dois candidatos ex-goleiros e um membro conhecido da torcida da Geral do Grêmio.

Os pontos de comércio também se estendem por todo território, tanto que as extremidades são delimitadas por dois bares. São comerciantes locais e ambulantes que ocupam as calçadas, o canteiro e a parte abaixo da rampa de acesso à parte superior da Arena, se estendendo pelo entorno do estádio. Os/as guardadores/as de veículos ocupam lugares viáveis de estacionamento, sejam eles públicos (ruas ou calçadas) ou privados (pátios ou garagens).

Catadores/as também circulam permanentemente com seus sacos ou carrinhos coletores, em busca, principalmente das latas deixadas pelos/as torcedores/as, após o consumo de bebidas. São homens e mulheres, jovens, adultos e idosos/as e algumas crianças. A maioria dos/as torcedores/as são homens jovens. As mulheres raramente estão sozinhas ou em duplas. Geralmente estão na companhia de homens e grupos de mais de três mulheres. São diversos sujeitos, funções e significados atribuídos que se configuram em múltiplas relações de apropriações do território.

Milton Santos aponta que “é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele o objeto da análise social” (2005, p.137). Nessa perspectiva, apresento a análise

dos usos do território pelos sujeitos do campo, classificando-os em dois grupos específicos: o **público de deslocamento** e o **público permanente**, que por sua vez, se divide em **sujeitos estáveis** e **sujeitos circulantes**, conforme a figura a seguir:

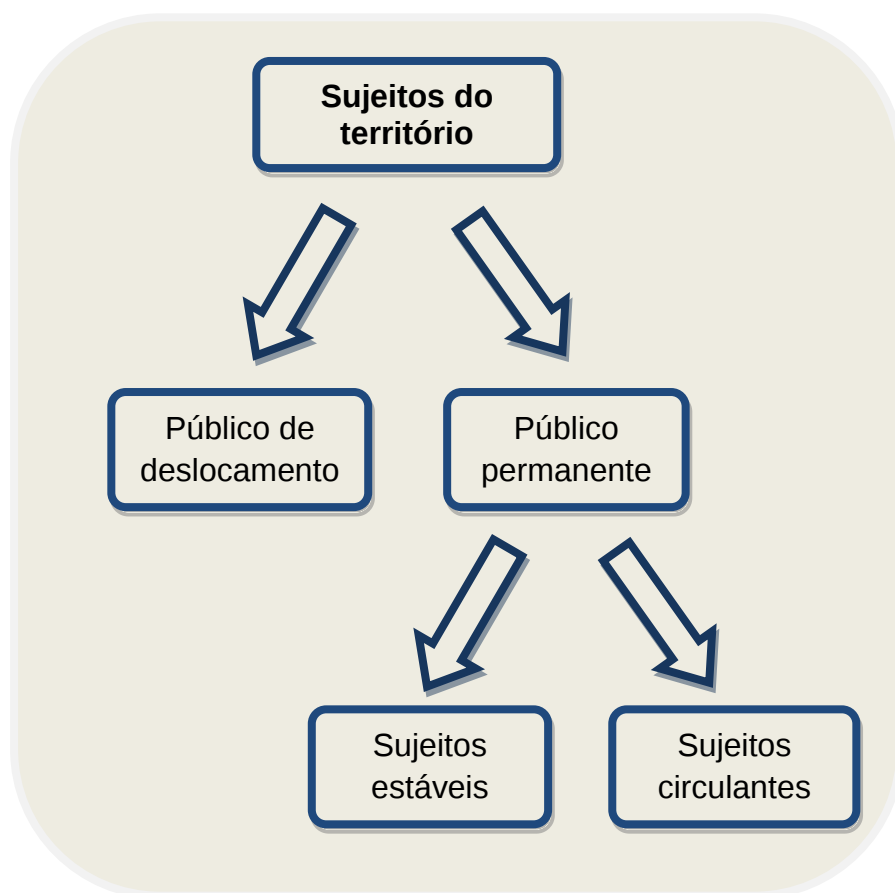


Figura I- sujeitos do território.
Elaborada pela autora.

4.1.1. Público de deslocamento

É considerado como público de deslocamento os indivíduos que passam pelo território, mas não permanecem. Trata-se especificamente de torcedores/as que apenas se deslocam em direção ao estádio, para assistir o jogo. Eles/as chegam em horário que compreende a abertura dos portões e início da partida. Passam em grupos ou sozinhos/as e quanto mais próximo do horário de início do jogo, mais apressadamente se deslocam. Esse público, apesar de não se fixar no território investigado, estabelecem inter-relação relevante com os ambulantes vendedores de artigos do clube⁷,

⁷ Ressalto que as relações comerciais de artigos do clube se referem especificamente aos/as vendedores/as ambulantes. No entanto, há a loja oficial do Grêmio, situada na parte externa do estádio Arena, mas que não me detive a investigar, pois essa localização do estádio se situava fora do território de imersão.

principalmente na saída do estádio, que é o período em que as vendas acontecem com maior intensidade, como relatam ambulantes que conversei.

Conforme os trechos do diário de campo V, a ambulante Maria Madalena conta que “o faturamento também é maior na saída dos torcedores do jogo, do que no período que o antecede, independente do resultado da partida” (11/11/2018). Fernando, que faz uma venda de bonés para eu e meu orientador, enquanto conversamos com ele, também relata que seu faturamento é maior ao acabar o jogo, conforme o trecho do diário de campo:

fomos até o bar do Ito e no trajeto paramos para comprar bonés de um ambulante (...) Após pechincharmos, saiu desconto nos bonés. Diz ele que nos fez a preço que faz depois do jogo, que é o período em que ele baixa o preços (...) Fernando também comenta que o período pós-jogo é quando as vendas são melhores e que permanece sempre no mesmo lugar: um ponto de ônibus que transforma em seu ponto de venda, na Padre Brentano, na calçada que em que se deslocam boa parte dos/as torcedores/as em direção à Arena (DIÁRIO DE CAMPO V, 11/11/2018).

Ambos ambulantes se fixam em posições estratégicas da Avenida Padre Brentano (imagem de satélite IV), visando o público de deslocamento, assim como diversos/as outros/as que se localizam ao longo da Avenida, que junto ao entorno do estádio, são os pontos estratégicos da maioria de ambulantes que vendem artigos do clube ou alimentos e/ou bebidas.



Imagem de satélite IV- local aproximado dos sujeitos ambulantes.
Porto Alegre, 2018. Fonte: Google Maps, 2019.

Maria Madalena e Fernando contam que ocupam sempre o mesmo espaço, chegando nas imediações da Arena algumas horas antes do jogo e saindo algumas horas depois. O tempo de permanência no território depende da relevância do jogo, o que consta no diário de campo V, sobre a conversa com a ambulante:

Maria Madalena se locomove até as imediações da Arena de carro, chegando por volta de cinco horas antes do início do jogo e permanecendo por volta de uma hora e meia, após o término da partida. Reforça que “se o jogo é grande, chego mais cedo ainda”. Chega em casa aproximadamente quatro horas depois que o jogo acaba (11/11/2018).

Diferentemente do público de deslocamento, os/as vendedores/as ambulantes caracterizam-se enquanto sujeitos permanentes do campo de pesquisa, embora estabeleçam relações de interdependência com o público de deslocamento. Portanto, passo agora a contextualizar o público permanente.

4.1.2. Público permanente

Considero público permanente aqueles sujeitos que ficam nas imediações da Arena antes, durante e/ou após o jogo. Além de torcedores/as, fazem parte do conjunto permanente os estratos de policiamento, fiscalização de trânsito, guardadores/as de veículos, comerciantes locais, catadores/as de latas, grupos eleitoreiros, cambistas⁸ e vendedores/as ambulantes, já citados anteriormente.

É importante destacar que as identidades dos sujeitos e grupos pertinentes ao território não estão determinadas sob quem é este ou aquele indivíduo ou estrato funcional. Conforme Stuart Hall (2005), ao referir-se à multiplicidade de identidades, ou seja, as “posições de sujeitos” (p. 17), os indivíduos assumem “identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (p. 13). Isso ocorre proporcionado pelas inserções nos diferentes contextos aos quais os indivíduos encontram-se nas sociedades atuais. Dessa forma, o sujeito caracteriza-se não por uma identidade, mas por diversas identidades.

Portanto, moradores/as podem ser também torcedores/as, catadores/as, guardadores/as, comerciantes locais. Torcedores/as também podem ser ambulantes, policiais, fiscais, assim como eu era uma pesquisadora/torcedora do/no campo. Contudo, ao olhar para os sujeitos e grupos permanentes do território, considerando a teia de

⁸ Os cambistas pouco aparecem enquanto estratos de análise porque seu território primordial de ocupação era próximo às bilheterias da Arena. Por isso, poucas vezes observei sobre seus usos do território. O mesmo acontece com os/as eleitoreiros/as, estrato que pude observar nas imersões que antecederam o dia de votação do primeiro turno eleitoral no país. Embora estes estratos pouco apareçam nas análises, eles contemplam a teia de inter-relações por suas pertinências nas configurações do território.

interdependência⁹ (figura II) dos estratos funcionais, os caracterizo como pertencentes a determinado estrato, por suas funções exercidas *a priori* nas inter-relações estabelecidas, conforme os usos do território. Por exemplo, se um morador ou uma moradora, possui um comércio fixo em sua residência e estiver desempenhando, primordialmente, funções de comerciante no espaço-tempo-vivido pertinente à pesquisa, este sujeito é considerado um/a comerciante local.



Figura II- teia de interdependência dos estratos funcionais.
Elaborada pela autora.

Quanto aos/as comerciantes locais, estes/as apresento em duas categorias: os/as **comerciantes fixos/as** e os/as **comerciantes transitórios/as**. Os/as fixos/as se caracterizam por possuir comércio permanente no território. Já os/as comerciantes transitórios/as são aqueles/as que transformam suas casas em ambientes comerciais somente nos dias de jogos, dedicando-se, geralmente, à venda de bebidas e alimentos.

⁹ Na teia, torcedores/as ocupam posição central nas relações de interdependência, pois a existência de todas essas ligações só é possível através da presença de torcedores/as no território. Considero pertencentes ao estrato funcional em questão, prioritariamente, os/as torcedores/as gremistas, embora ocorra a existência de torcedores/as de clubes adversários do jogo, que através da aliança estabelecida entre as torcidas, circulam a vontade pelo território. Contudo, a presença de aliados/as se dá em evento específico, de confronto entre os clubes. Por isso, considerando a configuração pertinente, o estrato torcedores/as é composto fundamentalmente por gremistas.

As relações comerciais que são inerentes ao espaço-tempo-vivido pintam o território em tonalidades quentes, que borbulham em dias de jogos mais expressivos, como os da Libertadores. O trecho do diário de campo II aponta tal dimensão:

seguí rumo à Avenida Leopoldo Brentano passando por entre os/as torcedores/as e ambulantes que tomavam conta das ruas e dos canteiros da avenida. Muitas casas abriam as suas portas para se transformar em comércio de bebidas e lanches. Garagens se transformaram em lancherias, canteiros em centros de comércio de churrasquinho, cachorro quente, entrevero, bebidas e artigos que se remetiam ao clube (bonés, camisas, bandeiras, cavalinhos). Embora o número mais expressivo de ambulantes estivesse no canteiro central da avenida, a calçada, à direita (lado que fica localizada a Arena), havia grande número de ambulantes, tanto de venda de bebidas, quanto de artigos do clube. Pontos de ônibus eram lojas a céu aberto. Também passavam por ali catadores/as de latas. Os/as torcedores/as tomavam conta do meio da rua, já dificultando e até mesmo bloqueando passagem de carros, mesmo que um ou outro motorista tentasse fazer a dificultosa travessia. Ao longo da caminhada, me impressiono com a quantidade de bares, mercearias e lancherias existentes, em que a grande maioria faz alusão ao Grêmio, seja no nome e/ou nas cores do estabelecimento. Do meio para o final da avenida também me chamou atenção a quantidade de casas que se transformam em estacionamentos: são calçadas, garagens e pátios que são guardados por mulheres e homens, que ficam no centro da rua chamando por seus/suas clientes, que chegam nos seus veículos, até onde o movimento de torcedores/as ocupando as ruas os/as deixam ir (...) A permanência da grande quantidade de torcedores/as na avenida faz com que todos estabelecimentos tenham concentração de público, embora alguns se destaquem por um maior agrupamento e pelas manifestações exacerbadas de amor ao clube, mediadas através de cânticos, tais como o Bar dos Borrachos e o Bar do Ito (02/10/2018).

As últimas observações do diário se remetem justamente à apropriação dos espaços do território, pelo público permanente. Nesse contexto, diferencio em duas categorias estes indivíduos, os tratando como **sujeitos estáveis** e **sujeitos circulantes**. E para que seja possível caracterizá-los, preciso primeiramente falar sobre totalidade e fragmentação do território pesquisado, levando em consideração o pensamento de Santos (2005), sobre os novos recortes do território, atribuindo-lhes conceitos de horizontalidades que são “os domínios da contiguidade, daqueles lugares vizinhos reunidos por uma continuidade territorial” (p. 139) e verticalidades, que “seriam formadas por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais” (p.139).

Embora Milton Santos esteja se referindo ao espaço global em proporções maiores de relações macroeconômicas (sociedade brasileira), entendo que o pensamento também contempla o território aqui pesquisado. Sobre as verticalidades, estão todas as questões de longa distância que tornam o território do dia do jogo uma parte de um tecido da cidade de Porto Alegre, do Brasil, da América Latina, do mundo. E mais especificamente, sobre as horizontalidades, esses lugares vizinhos conferem ao território uma totalidade também em si, além de fragmentações interligadas. Assim, abordo os fragmentos territoriais do

campo, lhes atribuindo o conceito horizontal de **microterritórios em rede**, que são singulares em suas especificidades simbólicas, levando em consideração vertical a sua totalidade de **macroterritório** (mediações da Arena).

Com relação à apropriação dos microterritórios, os estratos funcionais pertinentes ao macroterritório que se apresentavam de forma fixa em um microterritório, permanecendo e pertencendo aquele espaço-tempo-vivido, denomino como sujeitos estáveis. Já os sujeitos circulantes se caracterizam pela passagem por diversos microterritórios, sem se fixar em um determinado lugar do campo, remetendo ao um pertencimento mais macro a que microterritorial.

Norbert Elias nos contempla com o entendimento de que indivíduos e sociedade não podem ser tratados separadamente, abordando a relação intrínseca entre psicogênese e sociogênese. Nesse contexto, a psicogênese é relativa às formas de comportamento, pulsões e afetos, no que tange à personalidade e o autocontrole de cada indivíduo. Já a sociogênese se refere às redes de relações sociais criadas por grande número de indivíduos interdependentes (ELIAS, 1993).

Ao pensar as relações estabelecidas entre os sujeitos, através de seus usos dos microterritórios, em diálogo com Elias é possível enxergar apropriações flutuantes pelos indivíduos. Tal visão me remete, ao falar de sujeitos, referindo-me que os estratos funcionais podem caracterizar-se tanto como sujeitos estáveis, quanto circulantes, o que é o caso dos/as torcedores/as e também policiamento. Essa relação flutuante, assim como as fixas, podem ser verificadas na tabela seguinte que trata de microterritórios identificados de forma mais marcantes. Isso porque desses lugares pude me aproximar mais, conforme as possibilidades do campo foram se desenhando, contemplando a localização de mapeamento, os sujeitos estáveis e os sujeitos circulantes.

Microterritório	Posição de mapeamento	Sujeitos estáveis	Sujeitos circulantes
Bar do Ito	Avenida AJ Renner	Torcedores/as; torcedores aliados; comerciantes fixos/as	Catadores/as; torcedores/as; torcedores aliados; policiamento
Esquina da ambulante	Calçada da esquina AJ Renner c/ Padre Brentano	A ambulante	Torcedores/as
Ponto do	Padre Brentano (ponto	O ambulante	Torcedores/as

ambulante	de ônibus em calçada paralela à Arena)		
Borrachos	Padre Brentano (estabelecimento comercial de bebidas e alimentos)	Torcedores/as; comerciantes fixos/as	Torcedores/as; catadores/as; policiamento
Roda de samba	Padre Brentano (estabelecimento comercial de bebidas e alimentos e dança)	Torcedores/as; torcedores aliados; comerciantes fixos/as.	Torcedores/as; torcedores aliados; catadores/as; policiamento; guardadores/as
Rampa	Abaixo da Rampa de acesso dos torcedores ao espaço superior da Arena	Ambulantes; cambistas; policiamento; eleitores/as	Torcedores/as
D'Julia	Av Padre Brentano, em frente à Arena (estabelecimento comercial de alimentos e bebidas)	Torcedores/as; comerciantes fixos/as	Torcedores/as; catadores/as; policiamento; torcedores aliados
Grêmio Democrático	Av Padre Brentano (Sede da Torcida Jovem)	Torcedores/as; Torcida organizada Jovem; torcedores aliados	Torcedores/as; Torcedores aliados; policiamento
Viaduto	Abaixo do viaduto situado ao lado da Arena	Policiamento	Público de deslocamento
Bar do Tricolor	Limite da Padre Brentano	Torcedores/as; comerciantes fixos/as	Torcedores/as; catadores/as

Tabela III- microterritórios em evidência. Porto Alegre/RS, 2018.
Elaborada pela autora.

As apropriações dos microterritórios também podem ser visualizadas nas imagens abaixo, pelos sujeitos estáveis, a exemplo ambulantes que conversei e nos territórios do Viaduto, lugar do policiamento, que ali são estáveis, mas também exercem apropriação circulante entre os demais espaços. Além dos/as torcedores que são estáveis no

microterritório do Borrachos, mas não deixam de ser circulantes em outros microterritórios.



Imagem do Smartphone I- microterritórios de ambulantes- sujeitos estáveis, Porto Alegre/RS, 2018.



Imagem do Smartphone II- microterritórios Viaduto e Borrachos - sujeitos estáveis/ circulantes. Porto Alegre/RS, 2018.

Além das redes de interdependência dos estratos funcionais, foi possível enxergar outros fatores macro e micro que se inter-relacionam de maneira efetiva nas configurações do território, já que “investigar a totalidade do campo social não significa analisar cada um de seus processos individuais. Implica, acima de tudo, descobrir as estruturas básicas, que dão a todos os processos individuais agindo nesse campo sua direção e marca específica” (Elias, 1993, p. 223).

Assim, aponto também como estruturas básicas os **fatores micro**, que configuram o **território mutável**, pois cada um desses fatores agindo, em suas diversificadas

combinações revelam que o campo investigado não se trata de um único território fixo, sólido em suas estruturas, mas um território que apresenta “equilíbrios flutuantes”, com arranjos constantes, específicos e provisórios (ELIAS, 1994b). O que acontece a cada jogo depende diretamente das combinações dos fatores macro: competição; fase na competição; adversário e condições climáticas.

A cada ida a campo, eu mergulhava em um território específico, que nunca era idêntico ao anterior e nem ao seguinte, que é líquido, pois suas organizações não mantêm sua forma por muito tempo, “se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam” (BAUMAN, 2007, p. 7). Portanto, dificilmente o campo investigado seria compreendido, se eu partisse da única perspectiva de território enquanto estrutura sólida.

Nesse cenário, os fatores micro determinam a quantidade de público e essa característica quantitativa de torcedores/as no território tem relação direta com seus arranjos e, portanto, com as inter-relações com os demais estratos. Os dias de jogos da Libertadores da América concentravam maior quantidade de público e a fase mais avançada nesta competição, comportava uma saturação ainda maior de público. A inter-relação entre quantidade de público, competição e fase na competição nas configurações do território podem ser constatadas no diário de campo IV, na fase de semifinal da Libertadores:

caminhei toda avenida, em meio à multidão sem conseguir visualizar quase nada a não ser muita, muita gente junta. Parecia que aquela avenida não tinha fim. Era tudo parecido com o dia do jogo contra o Tucuman, ao mesmo tempo que era muito diferente, já que tudo estava lá: os ambulantes, os comerciantes, os cambistas, os catadores, o policiamento, os moradores, os torcedores e eu. No entanto, era como se tivessem colocado fermento no território e este já estivesse borbulhando. A sensação que tive, ao atravessar a avenida era de que o território estava trasbordando (...) a circulação pela avenida já estava bastante dificultosa. Era muita gente parada nas calçadas e no meio da rua. O barulho de fogos era constante. Catadores tentavam passar com seus carrinhos coletores em meio à multidão e tinham muita dificuldade. Era tanta coisa junta que ao enxergar tudo, era como se eu não conseguisse visualizar nada. Em frente ao bar dos Borrachos havia muita gente. Boa parte dos torcedores cantavam, ao som dos instrumentos. Ao lado do bar, havia uma escada ocupada por um grupo de torcedores sem camisa que cantavam e levantavam os braços, como se estivessem pendurados no alambrado das arquibancadas da Geral (DIÁRIO DE CAMPO IV, 30/10/2018).

Com relação às temperaturas do território que aparecem nos diários de campo, através das minhas sensações ao olhar para o todo, essas demonstram as configurações flutuantes existentes. Se no dia de jogo contra o River Plate, o território trasbordava, contra o Tucuman ele borbulhava “pelo cenário frenético de efervescência desordenada, ou desordem efervescente daquele território” (DIÁRIO DE CAMPO II, 2/10/2018).

Já no dia de jogo contra a Chapecoense, no campeonato brasileiro, a temperatura estava bem mais amena.

Se eu fosse definir o campo em uma temperatura, esta seria morna: sem efervescência do lado de fora e jogo tranquilo do lado de dentro. Até a saída do estádio era de vagar. Isso foi evidenciado por uma ambulante, que ao passar por ela, em minha direção ao ônibus, escuto-a exclamar “que gente morta! Nem parece que ganharam!”(DIÁRIO DE CAMPO VI, 18/11/2018).

Os adversários de clubes mais expressivos (times com maior status no cenário nacional, que contemplam principalmente os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais), somados à fase do campeonato também são dois fatores determinantes. O jogo contra o Corinthians, que era o último jogo do Grêmio no campeonato brasileiro e que a vitória garantia vaga direta na Libertadores 2019, foi o dia de maior quantidade de torcedores/as nas imediações da Arena, pertinente a esta competição.

As condições climáticas também exercem influencias configuracionais no território, já que em dias chuvosos, tanto torcedores/as quanto ambulantes se reorganizam espacialmente, abandonando lugares que costumam se fixar, a céu aberto, para ocupar espaços abrigados, como, por exemplo, a parte de baixo da rampa da Arena (imagem do smartphone III). Na primeira ida a campo, dia de chuva, observei que

o espaço da rampa foi onde mais havia quantidade de torcedores/as parados/as e consumindo alimentos, já que nos demais setores os/as torcedores/as estavam em deslocamento para entrar no estádio. Muitos/as deles/as protegidos/as pelas capas e por guarda-chuva. Os/as que não estavam com estes artefatos, deslocavam-se apressadamente (DIÁRIO DE CAMPO I, 23/09/2018).



Imagem do Smartphone III- microterritório Rampa, em dia chuvoso. Porto Alegre, 2018.

Esse microterritório, em dias não chuvosos comporta um menor número de torcedores/as e também de ambulantes, já que os/as demais ocupam as calçadas e canteiro da Padre Brentano, uma parte da AJ Renner e o entorno da Arena. Assim, considero o território flutuante, apresentando arranjos múltiplos a cada acontecimento dia de jogo, de acordo com os fatores micro que possuem influência direta no cenário do espaço-tempo-vivido.

Mesmo que sejam evidentes os fatores que caracterizam o território mutável, destaco que não é porque o campo apresenta estruturas líquidas que também não possui suas bases sólidas. E ao olhar especificamente para estas bases, enxergo também um território estável, configurado pelo que chamo de fatores macro. Estes fatores são a sociabilidade e as relações comerciais. Essas características constantes do território foram pertinentes a todas as idas a campo, mesmo com a interferência das combinações dos fatores micro.

É estável, portanto, o território das inter-relações de sociabilidade e de comércio entre os/as torcedores/as e comerciantes, sejam eles/as ambulantes, locais, cambistas, guardadores/as e catadores/as. Isso porque estas relações não deixam de acontecer, mesmo que as formas como elas acontecem sejam flutuantes, através da ação dos fatores micro.

As relações comerciais no território possuem sua centralidade nos/as torcedores/as, pois são os/as principais consumidores/as de alimentos, bebidas e artigos relacionados ao clube (camisas, bonés, chapéus, bandeiras, entre outros). Os/as gremistas consomem nos estabelecimentos locais, nos ambulantes e o consumo de bebidas ocasiona geração de renda aos/às catadores/as de latas. Os/as guardadores/as de veículos também fazem parte dessa rede, ao lucrarem com a função exercida com os/as torcedores/as, que se locomovem com seus veículos de passeio até o estádio ou com os ônibus de excursões vindas, principalmente, do interior do estado.

A conversa com a ambulante Maria Madalena é importante para também contextualizar o campo investigado. O período de pesquisa ocorre em um período de “boa fase” para o Grêmio, que era o atual campeão de Libertadores da América, além de estar obtendo títulos e resultados positivos, também em outras competições que disputou, desde a inauguração da Arena. Com relação às vendas, a ambulante comenta que “não tem relação com quantidade de público, mas com a fase do time. Se a fase está boa, ela fatura mais. O faturamento também é maior na saída dos torcedores do jogo, do que no período que o antecede, independente do resultado da partida (DIÁRIO DE CAMPO V, 11/11/2018).

Aproveito para reiterar, através da fala de Maria Helena, também a inter-relação existente entre o estrato ambulantes e o público de deslocamento. Assim como o ambulante Fernando também afirmou, as vendas são melhores quando os/as torcedores/as saem do estádio, já que os/as ambulantes também baixam os preços, ao final da partida.

Quanto às relações de sociabilidade, são fatores estáveis do território e também se relacionam com o fator relações comerciais, já que as imediações da Arena é ponto de encontro e esses encontros acontecem nos bares, nos lares, nos canteiros, nas calçadas, no meio da rua, conforme a imagem seguinte nos permite visualizar:



Imagem de smatphone IV- o churrasco do canteiro. Porto Alegre, 2018.

Quem não traz sua bebida de casa, compra por lá mesmo. Os cambistas e guardadores/as estão ativos para atender que chega cedo e os/as catadores/as estão em circulação permanentemente, pois o tempo todo há consumo. A cerveja e o churrasco possuem valor simbólico na confraternização. Os/as ambulantes também chegam cedo e os/as comerciantes locais abrem suas portas para receber os/as torcedores/as que circulam por ali horas antes, durante e horas depois do jogo. Se para os/as comerciantes, ambulantes, catadores/as, guardadores/as e cambistas o território é um lugar de trabalho,

para os/as torcedores/as é um cenário de festividade, de celebração do dia de jogo, em que eles/as são os/as protagonistas do acontecimento.

Para Amaral (1998), a festa é mediadora entre os anseios individuais e coletivos. Não se trata de “somente significar o objeto, mas celebrá-lo (...) em utilizar meios de expressão para fazer aparecer o valor que se atribui a esse objeto” (p. 39). Portanto, chegar cedo, viajar por horas e horas, percorrer centenas de quilômetros de estrada, fazer o churrasco no canteiro, na calçada, nos bares, carregar instrumentos, levantar uma mão enquanto canta os cânticos da torcida e na outra mão segurar o copo de cerveja são expressões do significado que tem o dia de jogo.

Amaral (1998) contempla ainda que “toda festa é um ato coletivo, ela supõe não só a presença de um grupo, mas também sua participação” (p. 39 e 40). Assim, para torcedores/as festejar o dia de jogo é tornar o território uma tela, pintada pelas cores azul, preto e branco. É vestir com orgulho a camisa tricolor, é ser tricolor e estar entre tricolores. É reforçar, nos microterritórios os laços de pertencimento. É fazer parte da festa gremista, do ambiente esportivo, do lugar da permissão e estímulo das manifestações emotivas, dos gestos exagerados, da embriaguez coletiva.

O território das imediações da Arena é também a festa no espaço público. Quase tudo é público, com exceção de alguns espaços alugados para grupos específicos de torcedores/as, moradores/as que fazem suas festividades privadas e aqueles/as que mantém as portas de suas casas fechadas, sem interagir com o que acontece do lado de fora. O campo investigado é o território de quem é do lado de fora do estádio e, justamente por ser do lado de fora, que envolve essas redes de estratos funcionais específicos, estabelecendo inter-relações sólidas entre os fatores sociabilidade e relações comerciais. E o lado de fora também é o lado de dentro do círculo de celebração, dos/as que festejam e de quem dá suporte à festa.

Assim, procurando visualizar o território, através de suas redes de interdependência entre os estratos funcionais, fatores macros e micros, além das redes multiterritoriais, se tratando de “fenômeno de multipertencimento e superposição territorial” (HAESBAERT, 1997, p. 39), o que enxergo é um território dicotômico. Unitário, na sua totalidade e plural, nas suas fragmentações microterritoriais; mutável, nas combinações dos fatores micro e estável, nos fatores macro; heterogêneo, nas multiplicidades de relações, sujeitos e estratos sociais e homogêneo, nas inter-relações que formam uma liga indissociável. É cenário de festividade e de trabalho. Celebrar e trabalhar são formas interligadas de fazer a festa acontecer. Existem sujeitos circulantes, mas também os fixos. Há também os fixos e circulantes, ao mesmo tempo.

O território que é líquido, mas nem por isso deixa de ser sólido. É espaço-tempo-vivido de indivíduos e grupos, em suas manifestações, inter-relações, pertencimento e apropriações. Portanto, a imediação da Arena é também um território das complexas ambiguidades pertinentes à vida em sociedade.

4.2. A pulsação dos dias de jogos como componente de vidas

Inicialmente, meu objetivo nesta pesquisa foi investigar além da apropriação do território, a composição dos dias de jogos na vida de moradores/as do Humaitá. No entanto, conforme os caminhos do campo foram tecendo seus arranjos, outros preenchimentos foram se delineando. Pude compreender que a inter-relação dia de jogo na Arena e moradores/as está para além dos sujeitos que fixam residência no bairro. O dia de jogo compõe também a vida de moradores/as das proximidades do Humaitá, de outras localidades de Porto Alegre, do interior do Rio Grande do Sul e de outros estados, tramando redes de multiterritorialidade.

4.2.1. Moradores/as do Humaitá (a dádiva e o transtorno)

Quanto à composição na vida dos moradores e moradoras do Humaitá, conforme a delimitação do campo investigado, refiro-me aos sujeitos que possuem residência fixa no território. Como foi observado, ao longo dos dias de jogos e, de forma mais intensa em ocasiões que movimentam maior número de público, grande parte dos lares da avenida interagem com a transformação ocorrente, fazendo parte desse acontecimento. Essa verificação consta no trecho do diário de campo II, já mencionado na análise sobre a apropriação, mas agora citado sob outra perspectiva:

muitas casas abriam as suas portas para se transformar em comercio de bebidas e lanches. Garagens se transformaram em lancherias, canteiros em centros de comércio de churrasquinho, cachorro quente, entrevero, bebidas e artigos que re se remetiam ao clube (bonés, camisas, bandeiras, cavalinhos) [...] Ao longo da caminhada, me impressiono com a quantidade de bares, mercearias e lancherias existentes, em que a grande maioria faz alusão ao Grêmio, seja no nome e/ou nas cores do estabelecimento. Do meio para o final da avenida também me chamou atenção a quantidade de casas que se transformam em estacionamentos: são calçadas, garagens, pátios que são guardados por mulheres e homens que ficam no centro da rua chamando por seus clientes que chegam nos seus veículos, até onde o movimento de torcedores ocupando as ruas os deixam ir (02/10/2018).

A preparação para a recepção dos/torcedores/as inicia-se horas antes da partida, até porque o público permanente começa a chegar cedo, em particular as excursões, como a do Borrachos, por exemplo, já que estar no território no período pré-jogo faz parte do ritual do grupo de torcedores/as de Rio Grande. No diário de campo V, comento que “cheguei na Padre Brentano às 13:50 (...) havia pouca circulação de torcedores/as, considerando os dias de jogos anteriores e alguns/as ambulantes já estavam presentes. Os bares e lancherias estavam se preparando. O D’ Julia estava abastecendo as bebidas” (11/11/2018).

O estabelecimento comercial de lanches e bebidas mencionado é um dos pontos de referência dos/as torcedores/as, situado numa das esquinas da Padre Brentano, bem em frente à Arena. Ao lado do estabelecimento há sempre um grupo assando um churrasco. O D’ Julia é um ponto em que há concentração de torcedores/as também no período do jogo, para assistir a partida pela televisão. Em uma das idas a campo, ao parar no estabelecimento, para comer um pastel, pergunto a uma das funcionárias se o ponto abre em dias que não tem jogos. Ela relata que o funcionamento ocorre somente em dias de jogos.



Imagem do smartphone V- o ponto D’ Julia. Porto Alegre, 2018.

Nesse contexto, em que estabelecimentos comerciais atendem ao público somente em dias de jogos, sendo parte deles o próprio local de moradia dos/as comerciantes,

observo que o privado também se torna público. Isso ocorre quando os/as moradores/as abrem as portas de suas casas para torná-las estabelecimento de fonte de renda, já que dentre os estratos funcionais, quem entra no estádio, no momento do jogo são os/as torcedores/as. Mesmo assim, muitos deles/as permanecem no lado de fora, durante o jogo, assistindo a partida pela transmissão televisiva nos bares e lanchonetes.

Como já foi mencionado sobre os fatores macro, o consumo clubístico se efetiva no território, já que não basta ir ao estádio, é preciso consumir artigos do clube. As relações de sociabilidade também se dão através do consumo e os principais deles são o do churrasco e o da cerveja. A simbologia significativa da bebida compõe a inter-relação entre comerciantes e torcedores/as. Por isso, a existência do grande número de bares e lanchonetes que tomam conta da extensão do território, que de alguma forma são alusivos ao clube e dos comércios que brotam nas garagens, pátios e calçadas, especificamente para os dias de jogos.

Bauman (2008) aponta que na sociedade de consumidores, “se adaptar aos preceitos da cultura de consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional” (p. 71). Embora a necessidade de consumo compreenda “uma tarefa que deve ser empreendida individualmente e resolvida com a ajuda de habilidades e padrões de ação de consumo individualmente obtidos” (p. 74), o consumo que desencadeia as inter-relações entre torcedores/as e demais estratos funcionais do território está atravessado também pelo sentimento de pertencimento coletivo que se entrelaça às individualidades.

Sentir-se pertencente ao clube e ao território implica em consumir. Comprar artigos do clube é uma das formas de se sentir gremista entre gremistas e reforçar o pertencimento ao clube. Assim como confraternizar, festejar através da cerveja é um ato também coletivo de pertencimento ao território. “E o clube do coração faz parte disso. Em determinado momento é ele que dá identidade, é ele que faz ser parte de um grupo, é ele que dá rosto. É ele que faz estar junto das pessoas que comungam da mesma visão, dos mesmos sentimentos” (SILVA, 2005, p. 50).

Mascarenhas (1999b), ao abordar a configuração territorial, sinaliza que a prática esportiva

implica transformações significativas na forma e na dinâmica territoriais. Primeiramente, o esporte deve ser encarado como uma atividade econômica, particularmente quando realizado em caráter oficial, de competição, e oferecido à sociedade (público espectador) como um artigo de consumo. Enquanto atividade econômica voltada para o entretenimento comercializado, o esporte precisa ser oferecido em lugares apropriados. São estádios, ginásios, pistas diversas, enfim, um amplo conjunto de equipamentos fixos na paisagem e geralmente de grande porte físico, o que resulta em maior capacidade de permanência (p. 7).

Na mesma perspectiva, Toledo (2013), aponta que “no universo do consumo ganha cada vez mais a importância a figura do torcedor consumidor como arrimo moral e legal da ordem esportiva distributiva da riqueza que aí se produz e acumula” (p. 152). Procurando ampliar o olhar, proponho-me a dizer que no contexto investigado o comércio/consumo futebolístico está para além do lado de dentro dos estádios e dos cofres dos clubes. Os sujeitos envolvidos no consumo dos dias de jogos também se expandem para o território do entorno do estádio. Nas imediações da Arena do Grêmio, os dias de jogos constituem composição relevante à vida de moradores/as, no que tange ao aspecto financeiro. Essa sinalização é proporcionada pelas relações comerciais observadas e reforçada pela conversa com um dos moradores da Avenida Padre Brentano:

seu Odone, proprietário da Arena Barber Club (...) relata que é morador antes mesmo da construção da Arena e que a presença do estádio como seu vizinho, mudou sua vida, já que afirma: “virei empresário depois da Arena”. Utiliza seu pátio como estacionamento e construiu um espaço em cima da casa que é destinado para torcedores/as confraternizar. Além disso, possui uma carrocinha que vende lanches e bebidas. Aponta para sua filha, que trabalha na carrocinha (...) Ao falar de seu estabelecimento, seu Odone relata que ainda não está dentro da regularidade, mas que em breve estará, pois está “batalhando alvará e bombeiros”(...) pergunto quais são os fatores que influenciam no seu lucro e ele afirma que a competição que o Grêmio está disputando é muito importante porque tem relação com a quantidade de público. Menciona que “no campeonato gaúcho a gente ganha bem pouquinho”, até porque “o visitante põe preço”, como tem bastante estacionamentos e pouca clientela, ‘vira leilão’” (DIÁRIO DE CAMPO IV, 30/10/2018).

A relação comércio/consumo não é apenas de bebidas, alimentação e artigos do clube. Comercializa-se também os espaços físicos. Seu Odone comercializa também o espaço privado de sua residência, tornando negócio o pátio de sua casa e construindo ali também espaço de convivência para locação aos/às torcedores/as. O empreendedor transforma o que era exclusivamente o seu lar, antes da efetivação da Arena no Humaitá, em lugar de manifestações torcedoras, em dias de jogos. Nesse contexto, os fatores micro e macro do território exercem relação direta com suas atividades lucrativas. Seu lar é também a sua empresa. Seu Odone é um morador/empresário do território, na inter-relação morador/torcedores/dias de jogos.

Também tive a oportunidade de constatar, na noite mais borbulhante de jogo da Libertadores, que o comércio/consumo não se restringe apenas ao que é lícito. A simbologia da cerveja nos conta sobre um território em que se entorpecer faz parte da festa e, nesse cenário, o comércio de entorpecentes ilícitos também acontece, pois nessa noite “um jovem passa a passos rápidos, por entre a multidão, exclamando ‘olha o pó! Pó

da hora!’, dando a entender que estava comercializando cocaína. Fiquei o acompanhando com o olhar até que ele sumisse em meio à multidão” (DIÁRIO DE CAMPO IV, 30/10/2018).

O rapaz ofertava seu produto livremente, em tom alto, como os/as vendedores/as ambulantes de bebidas também faziam. Ao contrário do que eu vi acontecer com comerciantes de cerveja, não presenciei a compra do “pó da hora”, mas as relações de comércio/consumo do território me levam a crer que se há quem faça a oferta, também há quem realize a compra.

Uma situação relevante para compreender também o olhar de torcedores/as sobre o que os dias de jogos na Arena significam para moradores/as do território se deu através de uma conversa com dois frequentadores do Bar do Tricolor, pois “quando perguntei se achavam que os dias de jogos são importante para os moradores, seu Jardel exclama que “a chegada da Arena foi uma dádiva divina para eles” (DIÁRIO DE CAMPO III, 6/10/2018). O outro torcedor concorda com seu Jardel. Destaco ainda que ambos torcedores residem em outras áreas de Porto Alegre e frequentam o território exclusivamente em dias de jogos.

A fala de seu Jardel denota que ao seu olhar, enquanto sujeito inerente ao estrato funcional torcedores/as, a presença da Arena e toda configuração pertinente aos dias de jogos tem função positiva na composição da vida dos/as moradores/as, o que corrobora a fala de seu Odone, ao afirmar que a instauração da Arena próxima à sua casa, mudou sua vida. No entanto, após o diálogo com os dois torcedores do Bar do tricolor, seguindo minha caminhada, um acontecimento me proporcionou o entendimento de que nem toda relação dos/as moradores/as com os dias de jogos não é costurada pela linha da harmonia:

sigo pela Leopoldo Brentano e outra situação me chama atenção, que é a fisionomia nada festiva de uma moradora. Parada na frente de sua casa, de braços cruzados, acompanhada de mais dois senhores, observando o movimento típico dos dias de jogos. Ao passar adiante, resolvo retornar, me apresentar e estabelecer diálogo, pois senti que aquela interação poderia ser importante. Na rápida conversa que tivemos, Dona Nena fez questão de explicar seu incômodo com o movimento dos dias de jogos. Quando perguntei o que significava os dias de jogos para ela, prontamente respondeu “para mim significa bagunça. É um incômodo”, ratificando o descontentamento visível em sua fisionomia. Indaguei se ela torcia para algum time e ela responde, elaborando também uma justificativa que torce “para o Inter, mas meu marido é gremista”, apontando prontamente para seu esposo, seu Jonas. E complementou “mas ele não vai aos jogos”. E ele confirma mencionando que nunca foi. A moradora ainda comenta que antes eles ainda ganhavam um dinheiro, fazendo estacionamento na frente da sua casa, mas que agora foi proibido, então eles não tem nenhuma vantagem (diário de campo III, 06/10/2018).

A partir da conversa com os moradores e a moradora, especialmente a que tive com dona Nena e seu Jonas, entendo que se estabelece também a inter-relação entre o

dia de jogo e os sujeitos moradores do Humaitá, nos aspectos tanto físico (arquitetônico e geográfico), socioeconômico e também de sociabilidade e identidades. Relações estas que são impostas pelo acontecimento efetivação da Arena do Grêmio no Humaitá, pois se estabelecem através do “controle limitado” (BAUMAN; MAY, 2010), em que nossas escolhas nem sempre são produtos de decisões conscientes. Portanto, “há muitas situações equivalentes, nas quais nossa liberdade para agir é limitada por circunstâncias sobre as quais não temos controle” (p.34 e 35). Logo, a inter-relação se estabelece pelo dia de jogo, proporcionado pela existência do estádio Arena e de moradores/as em suas imediações.

Aqui também é chamada atenção para a questão de que, além do sentimento de pertencimento ao Grêmio, também podemos nos deparar com a situação inversa: de torcedores/as de outros clubes que compartilham a vida pulsante do território do Humaitá, em dias de jogos do Grêmio, mas que não compartilham o sentimento de pertencimento a este clube, especificamente. Levando em conta que “com relação às práticas cotidianas de liberdade, somos ao mesmo tempo autorizados e constrangidos” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 37), me proponho dizer que provavelmente, assim como dona Nena, também existam outros/as moradores/as torcedores/as do clube rival no território, que se sintam constrangidos pela festividade gremista e talvez isso seja o motivo de algumas residências que se manter com as portas fechadas.

Acrescento que a festividade também autoriza quem não é gremista a configurar o território como comerciante. É o que é o caso de Fernando, ambulante citado na análise sobre a apropriação do território, que relatou que é torcedor do Internacional. A colorada Dona Nena também menciona que já teve atividades lucrativas, quando fazia de sua calçada estacionamento locado aos/às torcedores/as gremistas. Já no caso de seu Jonas, este é gremista, mas também se autoriza a não participar da festividade do dia de jogo, mesmo sendo torcedor e morando há alguns metros do estádio.

Assim, considero que o sentimento de pertencimento clubístico, não só ao grêmio, já existia no Humaitá, antes da Arena ser instalada no bairro. Mesmo com toda atmosfera de “gremismo” das imediações da Arena, “é possível afirmar que o fato de podermos nos ajustar às condições no interior do grupo limita nossa liberdade” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 37). Embora o estrato funcional torcedores/as que faz parte da compreensão das redes de interdependência do território se constitua a priori a partir dos/as torcedores/as gremistas, é relevante que se sinalize também as questões de tensionamento quando trata de sentimento de pertencimento clubístico. Portanto, aqui procuro apontar que torcedores/as, nas imediações da Arena, não são exclusivamente os/as pertencentes ao

Grêmio, mas todos indivíduos que nutrem sentimentos de pertencimento clubístico nas imediações da Arena em dias de jogos.

Exponho ainda que as relações de pertencimento não são apenas do/a torcedor/a com o clube, mas também inerente ao contexto sócio-espacial em que o estádio se localiza. Se o Grêmio se situa em determinado contexto urbano, os sujeitos que lá habitam, em suas moradias e/ou ambiente de trabalho, de alguma forma, têm seus modos de vida compostos à vida pulsante do clube e da circulação de torcedores/as gremistas em dias de jogos. Assim como os/as torcedores/as, ao ter o estádio de seu clube situado em determinado território também se relacionam e se apropriam desse território, exercendo sua liberdade de permanecer nas imediações do estádio, nos períodos que antecedem o jogo. E como, “para sermos capazes de agir livremente, precisamos ter mais do que livre-arbítrio” (BAUMAN; MAY, 2010, p 36), as tensões dos pertencimentos e das apropriações denotam mais ambiguidades do território. Logo, ser morador/as das imediações da Arena pode significar a dádiva para alguns/umas e o incômodo para outros/as.

4.2.2. Moradores/as de bairros próximos ao Humaitá

As atividades lucrativas fazem parte das inter-relações do território e estas não são exploradas somente por moradores/dos bairros, mas também de bairros próximos ao Humaitá e de outras localidades de Porto Alegre. Na última imersão no campo, presenciei uma discussão entre torcedores/as do ônibus do Borrachos do trovão e guardadores de veículos na Avenida Gilberto Lehnem (avenida contínua à AJ Renner, em direção à Arena). Esta área não faz parte do campo delimitado de investigação, mas considero como acontecimento relevante à compreensão das inter-relações pertinentes ao território.

O atrito entre torcedores/as e os guardadores se deu devido a uma divergência com relação ao preço cobrado pelos guardadores sobre o estacionamento dos ônibus do grupo riograndino na via pública. Neste dia, eu havia chegado a Porto Alegre em dia anterior e voltaria com a excursão dos Borrachos, para Rio Grande. Ao me aproximar do veículo, já estacionado, percebi que a atmosfera hostil.

Guardei minha mochila e desci do ônibus. Posicionei-me ao lado do veículo e comecei a observar a discussão que era mais acirrada entre um torcedor e um guardador, embora outros torcedores e cuidadores também participassem. Além de observar, tirei fotos e gravei vídeos. Logo verifiquei que a confusão se originou de um desacordo sobre o valor que os membros da excursão pagariam ao guardador. Eles consideraram que o preço estava acima daquilo que seria o justo e se negaram a pagar o valor cobrado. O cenário tem como atores principais o Alcino, membro do consulado do Grêmio de Rio Grande e o guardador de ônibus

que estava responsável pelo território pertinente à quadra da avenida, em que ficam estacionados carros de passeio e diversos ônibus de excursões. Segundo observei na discussão, esta teria se originado por dois motivos cruciais: o primeiro que o ônibus teria, segundo o guardador, estacionado numa vaga já reservada a outro veículo; “não tinha mais vaga ali e eles estacionaram aqui e vão pagar o preço que eles quiserem”, senão não vão pagar nada, reclama o guardador, aos policiais que pararam suas motos quando passavam pela rua, e ser solicitados pelos membros do Borrachos (DIÁRIO DE CAMPO VII, 02/12/2018).

A discussão segue com relação ao acerto de valores, inclusive contando com a mediação de dois policiais militares que foram abordados pelos/as torcedores/as envolvidos na discussão, ao passar pela via.

o atrito se estende devido ao acerto no valor cobrado seria o dobro do habitual, segundo Alcino, que explica aos policiais “esse ônibus aqui é nosso. A gente paga 40 reais. Daí ele pegou e cobrou 80. E eu, 80 não. Quero 60. Agora eu pago 40. Se eu quiser nem pagar nada eu não vou pagar nada e eu não vou pagar porque isso aqui é ilegal”. Em determinado momento, um dos policiais diz que o trabalho deles é regularizado e o guardador também se vale do seu discurso mostrando o crachá de sua empresa (DIÁRIO DE CAMPO VII, 02/12/2018).

Embora o trabalho de guardadores/as de carros não possua respaldo nas leis trabalhistas, é regulamentada desde 1970, cabendo à instância municipal a regulamentação. Em Porto Alegre, o trabalho de guardadores e flanelinhas está legalizado de acordo com a Lei nº 5738, de 07 de janeiro de 1986 que regulamenta as atividades dos guardadores e lavadores autônomos de veículos automotores, tratando do exercício através de cooperativas, o que parece ser o caso dos guardadores que se anunciam regularizados, a contribuição deveria se dar de forma voluntária. Conforme o artigo 15 (Redação acrescida pela Lei nº 6602/1990), “cumpre a fiscalização orientar o usuário para a não obrigatoriedade de remuneração dos serviços de que trata esta Lei, e que a eventual contribuição espontânea seja efetuada após a realização do serviço”.

Silva (2017), atenta que

essa forma de utilização do espaço público, caracterizada pela ação dos flanelinhas/guardadores de carros, que se apropriam de áreas nas vias públicas e nelas definem suas próprias regras e normas, tem sido alvo de diversos conflitos com pessoas que fazem usos desses espaços, pois estas se dizem “obrigadas” a pagar por um “serviço” não solicitado por medo de sofrer algum tipo de retaliação por parte do flanelinha/guardador de carros p. 18).

A autora ressalta ainda que os guardadores de carros, por vezes contribuem positivamente à organização do espaço público, exercendo uma função que deveria ser papel do Estado. No entanto, “ao se apropriar desses espaços para exercer uma atividade informal que visa garantir-lhes renda, esses sujeitos impõe aos outros usuários destes espaços as suas próprias regras e normas, que por sua vez, vão de encontro aquilo que o espaço público sugere” (p.57).

Após a discussão presenciada, saí para fazer uma caminhada pela Padre Brentano e retornei à Avenida para tentar conversar com os guardadores envolvidos na discussão. No entanto, a maioria deles já não estavam mais lá. Encontrei apenas um guardador, que também já estava quase de partida. Mesmo sob desconfiança com relação à minha aproximação e explicação da pesquisa, Adilson conversa comigo, respondendo a todos os meus questionamentos sobre sua atividade no local. A fala do guardador, ao relatar que os guardadores moram próximos à Arena, seja no Humaitá ou em bairros das redondezas reforçam a inter-relação de geração de renda entre os dias de jogos e moradores/as. No caso dos guardadores, a comercialização é do próprio espaço público da rua:

O guardador conta que chegou às 7h da manhã (...) trabalha nesta função desde o princípio dos jogos na Arena. (...) Indaguei onde estavam os colegas que até pouco mais de uma hora atrás estavam ali, mas agora eu já não via mais nenhum. Ele conta que “vão tudo para casa almoçar. Moram tudo na volta”. A conversa flui até que chega seu último cliente que ele acomoda na vaga de seu carro que estava estacionado. Adilson diz que está indo para casa também fazer uma refeição, já que está desde cedo trabalhando, sem comer, já sinalizando nossa despedida (DIÁRIO DE CAMPO VII, 02/12/2018).

A fala de Adilson vai de encontro ao que o guardador envolvido na discussão argumenta para validar a cobrança pelo trabalho realizado, ao mencionar que “a gente trabalha em todos os jogos e fica até o final do jogo, cuidando para ninguém roubar”, referindo que Alcino disse que tinha dinheiro e mesmo assim estava se negando a pagar” (DIÁRIO DE CAMPO VII, 02/12/2018). Cabe ressaltar que ainda segundo a lei que regulamenta o trabalho de guardadores/as de carros em Porto Alegre,

Art 11. cumpre à fiscalização a exigência para que o guardador ou lavador de veículos automotores permaneça próximo ao local da prestação de serviço até o término do evento, ou até o afastamento do veículo do usuário, e para que preste ao usuário, à fiscalização municipal e aos órgãos de segurança as informações necessárias quando da ocorrência de qualquer alteração que afete o veículo. (Redação acrescida pela Lei nº 6602/1990).

Logo, aponto as contradições existentes entre o discurso do trabalho dos guardadores da Avenida Gilberto Lehen e a legislação vigente, já que os guardadores não permanecem nas proximidades constantemente, além de cobrar valores pelo estacionamento em via pública que deveria ser facultativo. Embora os/as torcedores/as envolvidos/as no ocorrido tenham afirmado em suas falas que não são obrigados/as a pagar pelo estacionamento naquele local e tampouco pelo serviço dos guardadores, a discussão se finda através da efetivação do pagamento, ainda que pelo valor estipulado pelo torcedor que travou mais acirradamente o enfrentamento.

Sobre o pagamento sobre o valor estipulado pelos guardadores, indago a Edilson “o que acontece se algum responsável pelo veículo estacionado se negar a pagar e ele responde que não acontece nada. ‘Paga se quer. Daí vai da consciência de cada um’” (DIÁRIO DE CAMPO VII, 02/12/2018). Durante a discussão, os/as torcedores/as chegam a comentar entre si que é melhor pagar e evitar confrontos com os guardadores, pois eles podem atentar contra o ônibus. Um deles me conta que o veículo já foi furtado naquela avenida. Diante de todo acontecido, acabei ficando tensa, pois a minha mochila havia sido deixada dentro do ônibus e confesso que foi um alívio, quando ao final do jogo, me deparei com ela no mesmo lugar e com o veículo intacto.

Silva (2017) menciona que o preconceito com guardadores também está ligado ao estereótipo de criminalidade e a existência de sujeitos não regulamentados também contribui para que atos de vandalismo acabem ocorrendo nos territórios das vias públicas, associados à função de guardadores. Adilson conta em nossa conversa que nem todos guardadores são regulamentados e talvez, por isso, o envolvido na discussão fez tanta questão de reforçar sua regulamentação, pois

se intitula “legalizado” porque tem filiação à empresa. Inclusive, me mostra o crachá, mas diz que tem vários que desempenham a função sem ser legalizados. Comenta que a empresa cobra o valor de 50 reais por dia de trabalho e que no mesmo dia o presidente passa para recolher o dinheiro. Também salienta que paga a renovação do contrato (DIÁRIO DE CAMPO VII, 02/12/2018).

Para Raffestin (1993), o poder é um processo de troca e comunicação que se manifesta por ocasião da relação e se sustenta no espaço. Já o território se forma a partir do espaço, pela ação conduzida por relações de dependência. Assim, no território da Avenida Gilberto Lehnen, as relações de poder se estabelecem, pelo discurso que produz efeito de verdade (Foucault, 2018), através da legitimação de guardadores responsáveis pela organização e vigilância do espaço propício a estacionamento de veículos. Esse discurso, mesmo que questionável, estabelece relação econômica entre os guardadores e seus/suas “clientes” torcedores/as. Nesse contexto, os “donos da rua”, moradores do Humaitá e de bairros próximos impõe o valor do pedágio aos/ às torcedores/as que vêm, principalmente de outras cidades, mas também de outras regiões de Porto Alegre. Torcedores/as se sujeitam ao pagamento, embora a resistência, os enfrentamentos também possam ocorrer, como foi o caso aqui abordado.

Quanto aos/às moradores/as dos bairros próximos ao Humaitá, também foi possível constatar a inter-relação de geração de renda com outro estrato do território, que são os/as catadores/as. Na quarta ida a campo, conversei com três catadores/as, todos/as moradores/as de bairros próximos ao Humaitá. Dona Vitória, uma encantadora

senhora que gosta de uma boa conversa, conta que vai a todos os jogos e cata latinhas porque ajuda na renda familiar, mas sobretudo porque o médico indicou que ela fizesse caminhadas. Daí ela já aproveita a caminhada para “fazer um dinheirinho”. A catadora de 76 anos me conta que “ela vai coletando o que encontra e os comerciantes também guardam para ela. Disse caminha até onde dá, mas não chega até o final da avenida” (DIÁRIO DE CAMPO VI, 18/11/2018).

Como dona Vitória adora uma conversa, me conta um pouco de sua vida, mencionando que

mora num bairro próximo à Arena e deixou a zona rural para viver na capital. É casada com um carroceiro e possui uma filha adulta, dependente química de crack. Comenta que a renda familiar é em torno de um salário mínimo e não é beneficiária de nenhum programa social porque “é difícil conseguir”. Ela é gremista, mas não assiste aos jogos. Conta em tom de humor que não assiste jogo nem em casa porque não sabe bem ligar a televisão (DIÁRIO DE CAMPO VI, 18/11/2018).

Para dona Vitória, o território, além de ser um lugar de atividade para complementação de renda, também é um espaço de promoção de saúde, através de suas caminhadas e de sociabilidade, com os/as moradores/as e também com os/as torcedores/as, já que

ela menciona também que é bem conhecida por ali não só pelos/as moradores/as que lhe fazem doações, mas também pelos/as torcedores/as, que pedem para tirar foto com ela. Despedi-me da conversa com a catadora mais de uma vez. Toda vez que nos despedíamos, nos abraçávamos. Quando a conversa se encaminhava para o final, ela prolongava um pouquinho mais. (DIÁRIO DE CAMPO VI, 18/11/2018).

Dona Vitória também faz parte da festa e embora nunca tenha entrado na Arena, a sua aproximação espacial com o clube que é torcedora se dá pelo lado de fora do estádio, ou seja, o lado de dentro da celebração dos dias de jogos. Ela estabelece relações com os/as torcedores/as através da sociabilidade, do sentimento de pertencimento e do trabalho de catar latinhas e caminhar em prol de sua saúde. Usa camisa e boné do clube, oferece conversa e abraços, pausa para selfies. Portanto, o consumo que os/as torcedores fazem das bebidas também se relacionam com a catadora, ao gerar fonte de renda. Há relações de solidariedade com os/as comerciantes locais, que juntam as latas em seus estabelecimentos para doá-las à catadora.

Dona Vitória também exerce função de comerciante local, pois “tem uma sobrinha que mora próxima à Arena e diz que em dia de jogo vem para ajudar ela, já que é mais uma moradora que faz de sua casa um ponto de comercio, em dias de jogos. ‘Ela nos ajuda e eu também ajudo ela’” (DIÁRIO DE CAMPO VI, 18/11/2018). No contexto dos dias

de jogos, Vitória é quem distribui sorrisos e com isso faz torcedores/as sorrir, antes do jogo. Vitória é também o que faz torcedores/as sorrir após o apito final de um jogo.

Ainda sobre catadores, endosso as inter-relações estabelecidas com indivíduos desse estrato funcional, moradores/as dos bairros próximos, já que, para Elias (1994b) indivíduos e sociedade, para ser compreendidos, a análise social deve levar em consideração que estas categorias não se desvinculam. Não há sociedade sem indivíduos e não há indivíduos sem sociedade. Logo, é fundamental trazer para a análise os indivíduos do território, para que seja possível compreender as redes existentes. Portanto, falar de catadores/as e de moradores/as que compõem o território é falar de dona Vitória, do Renato e também do Lupicínio:

Deixando a conversa com a simpática senhora, com uma sensação positiva, fui caminhando até o Bar do Ito e por ali encontrei mais dois catadores: Lupicínio, de 34 anos, morador do Planalto, bairro vizinho e Renato, 41 anos, morador do próprio Humaitá, portando sacos grandes e cheios, diferente de dona Vitória com sua sacolinha com meia dúzia de latinhas. Quando me apresento como pesquisadora, eles imediatamente soltam a sacola para poder me dar atenção. Um deles segue só com a lata de cerveja que estava tomando, na mão. Ambos comentam que coletam latas nas imediações da Arena em todos os jogos, desde a fundação do estádio para complementar na renda. Renato conta ainda que tem mais de uma mulher e cinco filhos. Tem que estar sempre agitando para conseguir sustentar todo mundo. Eu pergunto ao Lupicínio se ele também tem família grande e ele salta dizendo que não é tão louco que só tem uma mulher e já dá trabalho demais. Nós três caímos na risada, nesse momento. Ao perguntar sobre a renda aos dois catadores, eles me informam que conseguem levantar uma boa quantia por mês, principalmente quando o Grêmio joga “com times maiores” porque tem mais público e quanto mais público, maior o faturamento. Citam que quando o Grêmio perde, esse faturamento também diminui, já que chegam para a coleta antes do jogo e permanecem até o público começar a ir embora das imediações da Arena. Lupicínio me conta que no último jogo da Libertadores levou seu material coletado para venda e lucrou 130 reais. Depois voltou novamente ao território para catar mais latinhas e faturou mais 80 reais. O que ele considera uma quantia bastante expressiva para um único dia de coleta. Depois do papo descontraído, me despedi de Renato e Lupicínio e desejei uma boa coleta. Eles desejaram uma boa pesquisa e seguiram seu trabalho (DIÁRIO DE CAMPO VI, 18/11/2018).

A conversa com os catadores reforça a inter-relação existente entre quem exerce atividade coletora das latinhas por moradores/as do Humaitá e das proximidades e a existência do estádio, já que Lupicínio e Renato realizam esse trabalho em todos os jogos, desde o primeiro ocorrido no estádio. Também contempla a inter-relação entre o lucro com a sua atividade de trabalho e os fatores micro competição e adversário do Grêmio no jogo.

Dependendo do status do adversário no universo futebolístico, maior é a quantidade de público, assim como a relevância de uma competição internacional também demanda maior público de torcedores/as e por isso, movimenta mais geração de renda. Quanto

mais público, mais consumo de bebidas. Outra inter-relação do lucro dos catadores é o fator derrota ou vitória do Grêmio. Isso aponta que como, a atividade dos catadores acontece também depois do jogo, o estado de euforia com a vitória faz com que a celebração se estenda no território. Logo, jogo com vitória é comemorado com mais cerveja.

Gonçalves (2006) afirma que, em se tratando de mercado, o principal elemento determinante do ritmo de trabalho de catadores/as é ter quem compre o que foi recolhido. Assim, complemento que as inter-relações extravasam os territórios aqui tratados, nas redes da multiterritorialidade. Isso porque existem indivíduos que mesmo não marcando presença no território dos dias de jogos também estão envolvidos de alguma forma, o que é o caso dos/as compradores/as de latinhas.

4.2.3. Moradores/as de outras localidades de Porto Alegre

Nas redes da multiterritorialidade, a composição dos dias de jogos na Arena se estende para além do Humaitá e dos bairros próximos. Nos dias que passei em Porto Alegre, percebi que dias de jogos do Grêmio na Arena compõem configurações da cidade que se desenha de forma peculiar, desde o meu deslocamento até o Humaitá. Em horários específicos, relativos ao início e fim do jogo, é disponibilizado transporte público coletivo, a “linha futebol”, que liga outros bairros da capital ao estádio. Na tarde de jogo contra o River Plate, me desloquei até o estádio num desses transportes, ao me locomover do bairro Glória, que fica localizado há aproximadamente 13km da Arena.

O ônibus chegou no ponto onde eu estava por volta das 18:30h, já lotado de torcedores/as gremistas. E maior do que a espera foi o tempo de permanência dentro do ônibus. Grande movimento de carros gerando longos engarrafamentos. Era dia de semifinal de Libertadores na Arena. Era dia peculiar na já agitada capital. E eu, forasteira, não contava com isso. Ao chegar próximo à Arena, a tensão só aumentou. O ônibus ficou muito tempo parado, esperando liberação para passagem e os passageiros começaram a se revoltar porque queriam que as portas fossem abertas, para que pudessem descer. Alguns começaram a reclamar, bater nas portas, no teto, nas janelas. A discutir com a cobradora e o motorista. Torcedores chamaram um membro da polícia de trânsito, pela janela, pedindo autorização para descer, que foi negada. Era um clima bastante tenso ali dentro. Estávamos há alguns metros da Arena e ao mesmo tempo há quase uma hora, que foi o tempo que se demorou para chegar no destino e finalmente se abrir as portas (DIÁRIO DE CAMPO IV, 30/10/2018).

Nesse dia, a intenção era estar cedo no território, contudo, optei por esperar a linha futebol, sem contar que ela demoraria tanto a chegar. Essa demora me causou transtorno no contexto da pesquisa, pois desejava acompanhar a composição do território, com

bastante antecedência e também causou incomodo aos/às torcedores/as que se deslocaram no ônibus. Alguns deles que reclamavam da demora manifestaram que também gostariam de ter chegado mais cedo. Um torcedor exclama que saiu mais cedo do trabalho, justamente para poder chegar com antecedência às imediações do estádio. Isso porque torcedores/as moradores/as de outras localidades da capital, no período que antecede o jogo, tecem no território redes de sociabilidade. Microterritórios são espaços de pertencimentos coletivos, ponto de encontro de gente que vem também de outros cantos de Porto Alegre, como relatam dois torcedores que conversei:

seu Jardel conta que é frequentador dos dias de jogos, que vai a quase todos e chega sempre mais cedo para usufruir do “ponto de encontro” que é o Bar do Tricolor e ainda conta que o proprietário, seu Tarciso, que é gremista e veio do interior morar em Porto Alegre, faz questão de assar um churrasco entre amigos, em dias de jogos. Relata que o grupo de torcedores se reúne sempre ali e que são torcedores de diversos pontos da cidade que chegam horas antes do jogo. Ele comenta ainda que às vezes entra no segundo tempo do jogo e pode acontecer de nem entrar para assistir (...) Enquanto converso com seu Jardel, outro torcedor curioso se aproxima para interagir na conversa. Seu Casemiro é mais um dos frequentadores do Bar do tricolor e reforça as falas de seu colega sobre a questão do ponto de encontro e que também é morador de outro bairro da cidade (DIÁRIO DE CAMPO III, 6/10/2018).

As inter-relações pertinentes à configuração do território, compondo vidas de moradores/as de outras localidades de Porto Alegre não se dão exclusivamente aos sujeitos pertinentes ao estrato torcedores/as, mas também a demais estratos. Policiais/fiscais, cambistas, eleitores/as, ambulantes, podem ser moradores/as de outras localidades. É o caso da já mencionada, Maria Madalena, moradora da zona sul de Porto Alegre, com quem conversei numa tarde de jogo de Campeonato Brasileiro.

Parei para conversar com Maria Madalena, ambulante de artigos que referenciam o clube, que estava localizada na calçada da esquina de encontro entre a AJ Renner e a Padre Brentano (...) Ela conta que é ambulante desde o estádio Olímpico e que também trabalha nos jogos no Beira Rio. É aposentada e trabalha como ambulante para complementar a renda. Salienta que a renda de ambulante ajuda bastante. Menciona que sempre ocupa o mesmo lugar e que demarca seu espaço com cordas. Porém, “quando é jogo grande, são proibidos de colocar corda”. Fala de sua limitação física para realizar atividades de ambulante, já que tem “problema no braço”. Por isso, sua filha lhe ajuda. Pergunto se nos dias de chuva ela também permanece ali. Responde que sim, usando capa de chuva. Todos os jogos do Grêmio ela está lá, no mesmo lugar. Moradora da zona sul da capital, Maria Madalena se locomove até as imediações da Arena de carro, chegando por volta de cinco horas antes do início do jogo e permanecendo por volta de uma hora e meia, após o término da partida. Reforça que “se o jogo é grande, chega mais cedo ainda”. Chega em casa aproximadamente quatro horas depois que o jogo acaba (DIÁRIO DE CAMPO V, 11/11/2018).

Mesmo que o dia de jogo na Arena não faça parte da vida diária de Porto Alegre, ele faz parte da estrutura, da organização de vidas de moradores/as da cidade. Faz parte das relações urbanas estabelecidas, em que os dias de jogos possuem uma lógica

diferenciada dos dias que não tem jogos. Moradores/as, torcedores/as, comerciantes, trabalhadores/as do transporte e segurança pública organizam suas vidas contemplando também os dias de jogos. Existe transporte público específico exclusivamente para esses dias.

Policiamento e fiscais elaboram e efetivam estratégias de segurança, em função do dia de jogo. Moradores/as se transformam em empresários/as. Catadores/as e guardadores/as complementam suas rendas em função dos dias de jogos. Torcedores/as saem mais cedo do trabalho, se preparam para chegar cedo, celebrar e confraternizar. O dia de jogo na Arena não abre parênteses na vida de moradores/as da capital gaúcha. Ele faz parte dos processos que estruturam a lógica da cidade, já que o dia de jogo também faz parte da composição de vidas porto-alegrenses.

4.2.4. Moradores/as de outras cidades e estados

O dia de jogo faz parte da composição de vidas não somente de torcedores/as que residem em Porto Alegre, mas também de moradores/as de outras cidades do Rio Grande do Sul que têm estabelecidas na celebração do dia de jogo na Arena as suas redes de sociabilidade. Redes estas que também se conectam na multiterritorialidade. São torcedores/as vindos de outros estados e do interior do Rio Grande do Sul, como é o caso da excursão dos Borrachos do Trovão, que são moradores da cidade do Rio Grande, ao sul do estado. A cidade localiza-se há mais de 300 km da capital e nesse contexto, os/as torcedores/as organizam seu itinerário para chegar mais cedo e se fixarem, prioritariamente, ao Bar do Ito.

Estar nas imediações da Arena, em dias de jogos faz parte dos espaços e tempos vividos das pessoas que lá estão. Inclusive, o mundo do trabalho dos sujeitos é tecido neste território, ou ainda, transformado pela importância dada ao dia e jogo. É o festejo que faz parte da continuidade da vida dos sujeitos envolvidos. Integrantes do Borrachos do Trovão comentam que faltam ao trabalho, trocam horários, dias de folga, horas extras para poder ir aos jogos do Grêmio, na Arena. Portanto, a festa não se opõe ao trabalho e não escapa à realidade. Ela faz parte da vida dos sujeitos do território e está inter-relacionada às relações de trabalho. Pessoas trabalham na festa e deixam de ir trabalhar para estar na festa, ser parte da festa. Organizam suas vidas, fazendo o dia de jogo parte dela.

Conforme pude vivenciar desde a minha primeira viagem junto ao grupo dos Borrachos, as longas horas de viagem, com partida no início da tarde para os jogos

realizados à noite, ou ainda a partida no meio da madrugada chuvosa, deixar a cidade em dia de semana e chegar em casa pouco antes do horário de sair para trabalhar são acontecimentos pertinentes às vidas de moradores/as do interior que torcem para um clube da capital. Silva (2005) atenta que o sentimento de sacrifício está presente no torcer. Faz parte da individuação por meio do futebol que o/a torcedor/a resolva “viver seu torcer intensamente e viaja inúmeros quilômetros para assistir a um jogo que será televisionado” (p. 27), ou ainda, gastar “o dinheiro que lhes faz falta para outras coisas com ingressos, com a compra de objetos que lembram seu time, com deslocamento para outras cidades e estádios, justamente porque acreditam que a sua presença será importante para o bom desempenho do time” (p.27).

Assim, na vida dos/as sujeitos do campo investigado, o tempo que antecede o jogo está para além do dia de jogo. Ele é pensado e estruturado de forma constante, na tríade espaço-tempo-vida. Nesse contexto,

deve-se começar pensando na estrutura do todo para se compreender a forma das partes individuais. Esses e muitos outros fenômenos têm uma coisa em comum, por mais diferentes que sejam em todos os outros aspectos: para compreendê-los, é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações e funções. E nosso pensamento só fica plenamente instrumentado para compreender nossa experiência social depois de fazermos essa troca (ELIAS, 1994, p.22).

O espaço-tempo-vivido dos dias de jogos na Arena é de festa, é de trabalho, é de lógica específica, mas é também de lógica inerente à vida das pessoas do Humaitá, da capital e do interior. Não abre-se parênteses. O dia de jogo é dia de festejo, mas um festejo que é parte do total da vida das pessoas e, por isso, está inter-relacionada com as demais esferas. Pessoas possuem suas vidas organizadas, incluindo nelas o dia do jogo.

Portanto, “o fenômeno humano é dinâmico e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado” (SANTOS, 1988, p.14). E nas habitações das imediações da Arena, em dias de jogos, não são somente torcedores/as gremistas que estabelecem relações e apropriações no território. São também os/as torcedores/as de times aliados às torcidas do Grêmio, caso da torcida do Club de Regatas Vasco da Gama.

Na tarde de jogo contra o time do Rio de Janeiro, chegando de Uber na Avenida Padre Brentano, me surpreendi ao ver, pela janela do carro, um grupo de torcedores identificados com a camisa do Vasco, que passavam, vagarosamente, com seus copos de cerveja pelo território. Imediatamente pedi ao motorista que parasse, pois eu precisava descer e verificar o acontecimento. Toda minha surpresa foi justamente porque era a primeira vez que eu presenciava torcedores do clube adversário circulando pelo território.

Fui literalmente os seguindo até o D' Julia, onde já havia um grupo de torcedores gremistas fazendo seu tradicional churrasco. Os torcedores do Vasco, foram até ali e cumprimentaram os torcedores da casa, trocaram algumas palavras e seguiram pela Padre Brentano. Um dos churrasqueiros comenta com outro que “tem que receber bem porque a gente sempre é bem recebido quando chega lá” (DIÁRIO DE CAMPO V, 11/11/2018).

Eu havia, naquele momento, descoberto algo novo tanto para uma torcedora do interior do estado, que poucas vezes foi ao estádio do clube da capital, tanto para uma pesquisadora. Essa descoberta se tratava da aliança existente entre a torcida do Grêmio e de clubes de outros estados. Daí então,

Segui rumo à Avenida, na mesma direção que se dirigiram os torcedores do Vasco e deparei com um grupo ainda maior junto a torcedores gremistas no Buteco 1903. Aproveitei a oportunidade para abordar dois deles para uma conversa. Me apresentei e comecei a indagar sobre a aliança das torcidas. Eles contam que as duas torcidas presentes são a Caravela Vascaína e Vasco Maçaramduba, ambas de Santa Catarina, contando com mais de 100 integrantes, vindos de ônibus, nesse dia (...) Em meio ao papo, os vascaínos me contam também que esse tipo de aliança acontece também com torcidas de outros clubes, e, outros estados e que a disputa se restringe somente ao interior do estádio, na hora do jogo. Depois que a partida termina, independente do resultado, a confraternização segue do lado de fora do estádio (DIÁRIO DE CAMPO V, 11/11/2018).

Os vascaínos com quem conversei contam que a excursão de torcedores/as se fazem presentes em todos/as os jogos na Arena, já que “quando pergunto se eles vêm aos jogos com frequência, é garantido que a todos os jogos marcam presença. Chegam sempre cedo para confraternizar, pois fazem um almoço que acontece na Jovem ou na Geral do Grêmio” ((DIÁRIO DE CAMPO V, 11/11/2018). A conversa ocorreu em frente ao Boteco 1903, onde confraternizavam com membros da Torcida Jovem, do Grêmio e, ao final da conversa fizeram questão de posar para esta foto, solicitando que eu compartilhasse com eles, através da rede social Instagram:



**Imagem do Smartphone VI- torcedores aliados. Porto Alegre, 2018.
Autorizada para uso.**

Sobre as alianças entre torcidas, Souza (2016) elucida que “a partir da década de 1990 o futebol brasileiro foi inserido no rol dos espetáculos midiáticos mais importantes - do ponto de vista da audiência televisiva e atração de investidores privados” (p. 20). Isso estimulou “clubes e jogadores a adequarem-se cada vez mais rápido aos padrões exigidos pelos interesses do capital” (p.20). Consequentemente, todos atores pertinentes ao universo futebolístico, inclusive os/as torcedores/as, “passaram a desempenhar e ocupar papéis específicos no ‘negócio do futebol’” (p. 20). Portanto,

é diante desta aquarela que se estabelecem as Alianças entre os grupos organizados de torcedores, como estratégia de defesa e resposta diante da espetacularização promovida pelos veículos de comunicação - em torno dos episódios violentos -, onde em busca de soluções ao “mal do futebol brasileiro” imputou sistematicamente aos grupos de torcedores a quase totalidade pela responsabilidade da violência registrada no futebol nacional (...) como consequência, interpretados como outsiders, e estigmatizados pelo discurso construído pelas classes hegemônicas do futebol nacional, os grupos organizados de torcedores necessitaram de novas relações que lhes rendessem recursos, visibilidade e crescimento, possibilitando, desta forma, aproximações entre grupos de cidades e estados diferentes do país (p. 21 e 22).

Quanto à interdependência funcional, a relação entre gremistas e torcedores/as do time adversário se configuram como um mecanismo específico na inter-relação de estratos do universo futebolístico, em que estar em “casa” caracteriza ser “Eu/Nós” no território, já que as imediações da arena, em dias de jogos, no que tange o estrato

torcedores/as é território de gremistas. Logo, os/as torcedores/as visitantes são o “Outro/s”, caracterizando estratos distintos. Para Damo (2002), essa inter-relação permite que “sejam expressos, coletivamente, determinados sentimentos acerca do ‘eu’ e do ‘outro’” (p. 152).

Mesmo que torcedores/as visitantes sejam desprezados/as no território, eles/as não são menosprezados/as, já que a hostilidade com os Outros, no contexto do acontecimento jogo, se dá justamente pelo fato de que são personagens intrínsecos e, portanto, de relevância ao contexto dos enfrentamentos futebolísticos. Adversários, torcida e clube estabelecem redes de interdependência no universo do futebol. Logo, a repulsa ao adversário é a prova de sua importância.

Habitualmente, visitantes não circulam pelo território e possuem um setor de entrada específica no estádio, onde há fixada escolta policial, justamente para promover a segurança e prevenir possíveis enfrentamentos. O que percebi, naquela tarde quente de jogo contra o Vasco da Gama, foi uma configuração de espaço-tempo vivido de atores em uma situação peculiar, promovida pela aliança estabelecida entre dois estratos torcedores (a torcida de casa e a torcida visitante). Através desta pactuação entre as torcidas, que se remete à inter-relação “Eu/Outro”, ou ainda, “Nós/Outros” (aspecto coletivo), os/as visitantes agregam status de aliadas/os no território, através de um valor simbólico de trocas. A parceria estabelecida proporciona aos/às gremistas as mesmas permissões, quando o jogo é no território adversário, o que pode ser entendido através de uma conversa que tive com torcedores do Vasco:

quando pergunto se eles vêm aos jogos com frequência, é garantido que a todos os jogos marcam presença. Chegam sempre cedo para confraternizar, pois fazem um almoço que acontece na Jovem ou na Geral do Grêmio. Comentam que a aliança entre as duas torcidas permite que eles circulem pelo território do Grêmio, assim como acontece, de forma recíproca quando os torcedores gremistas também vão aos jogos na casa do Vasco (DIÁRIO DE CAMPO V, 11/11/2018).

Souza (2016) aponta que, conforme a participação dos clubes que competem regularmente nas principais competições do calendário nacional foi se ampliando, os contatos entre os grupos torcedores de estados diferentes “passaram a ser mais corriqueiros e intensos. Essa situação acabou aumentando a necessidade de assistência durante as viagens e permanências em outras cidades” (p.22).

Assim, ao tratar especificamente da reciprocidade entre gremistas e vascaínos, nos seus respectivos territórios, é possível dizer que “ao receber os componentes de um grupo de torcedores de outro Estado (...) a torcida nativa possibilita aos ‘estrangeiros’ uma relação de confiança e companheirismo, retribuída quando os papéis forem invertidos” (p.22). Portanto, as alianças que, no país, se estruturaram no apoio logístico e segurança

aos visitantes, “foram intensificadas no início dos anos 2000, modificando profundamente as características de organização destes grupos sociais, suas formas de representações, e a forma de torcer nos estádios” (p.22).

Considerando que onde há relações entre sujeitos, há relações de poder, entendo que as pactuações se caracterizam enquanto técnica específica de resistência (FOUCAULT, 1995), que foi constituída através do valor simbólico da troca. Souza (2016) entende a aliança entre torcidas como “*modus operandi* característico dos grupos, mesmo que situados em estados diferentes do país. São estratégias utilizadas no fortalecimento das relações, autodefesa, resistência, e tentativa de fortalecimento da imagem dos grupos” (p. 23).

É possível notar que no contexto pesquisado, através da pactuação que os grupos chamam de aliança, os/as torcedores/as visitantes mesmo que sejam Outros, se configuram também pertencentes ao território, deixando de carregar o estigma de sujeitos desprezados, para se tornar bem vindos e com a liberdade de circular e se apropriar do território, como o/a torcedor/a gremista. Essa constatação se tornou ainda mais evidente, quando me deparei, no Bar do Ito, “com mais torcedores do Vasco e com uma enorme faixa escrita ‘Aqui é Vasco!’ sobre a fachada do bar, o que ratificou a aliança existente entre as duas torcidas” (DIÁRIO DE CAMPO V, 11/11/2018), que pode ser visualizada na imagem abaixo.



Imagem do Smartphone VII- aliança entre as torcidas no Bar do Ito.
Porto Alegre, 2018.

No entanto, ressalto que mesmo que diminuam as tensões entre torcida de casa e torcida visitante, através da aliança, as relações de poder continuam existindo, já que a torcida do Grêmio segue sendo a dona da casa (Nós) e os vascaínos seguem sendo os visitantes (Outros). Destarte, abre-se um parêntese nos tensionamentos das relações de poder entre torcidas de casa e torcida visitante.

O processo de assujeitamento, em que o eixo central é a rivalidade, restringe ao Outro a liberdade de circular no território. Contudo, possui sua peculiaridade, através da aliança. Nesse contexto, a hostilidade propiciada pela rivalidade se converte em hospitalidade, o que é evidenciado na fala de um dos torcedores do Vasco:

essa mesma hospitalidade já não ocorre pelas bandas do Beira Rio [estádio do grande rival do Grêmio, o Sport Club Internacional], pois ressaltam que não são bem recebidos pela torcida do inter “acho que o aliado deles é o Flamengo. Eles quebram tudo. Quebram nosso ônibus. A hospitalidade nossa é aqui com a do Grêmio” (DIÁRIO DE CAMPO V, 11/11/2018).

Portanto, evidencio as alianças como mecanismo de diminuição do tensionamento no jogo de forças das relações de poder, tanto pelos torcedores de casa, quanto pelos visitantes, que reconfiguram as estruturas de sujeição. Assim, as trocas promovida pela aliança geram permissões aos Outros, a ponto de lhes atribuir, no território, liberdades típicas do Nós. Essa interação surge pelas torcidas organizadas, mas acabam se estendendo entre demais torcedores/as do território, quando se dá por naturalizada a aliança entre gremistas e vascaínos. No entanto, essa questão não exclui a dominação da torcida gremista na relação de poder, mas atribui menor tensionamento, ao mesmo tempo que aumenta a relação de interdependência, já que para haver poder é preciso relações de dependência e para haver dependência é preciso existir interdependência (ELIAS, 1994) .

Mais uma questão que cabe ressaltar é que o universo de dentro do estádio pode configurar-se através da conexão com mundo das imediações, se formos considerar o Dentro e o Fora do estádio como uma totalidade de espaço-tempo vivido (Santos, 2005), do dia de jogo. Contudo, se ponderarmos as especificidades do espaço tempo vivido, o Dentro e o Fora do estádio se apresentam como territórios distintos, com características específicas das redes de configurações dos estratos funcionais, e, portanto, nas inter-relações entre os indivíduos. Isso pode ser constatado através da fala dos torcedores, ao relatar que “a disputa se restringe somente ao interior do estádio, na hora do jogo.

Depois que a partida termina, independente do resultado, a confraternização segue do lado de fora do estádio” (DIÁRIO DE CAMPO V, 11/11/2018). Portanto,

através das Alianças entre torcidas as lógicas da rivalidade entre clubes foram abaladas - modificadas em alguns casos -, ao menos no interior dos grupos, rompendo-se com padrões de identificação cultivados durante várias gerações entre os chamados torcedores comuns. Assim, cores de uniformes, símbolos institucionais, e mascotes dos clubes deixaram de representar, entre os grupos, critérios definidores do “nós” e “eles”, possibilitando que entre os grupos organizados uma nova lógica fosse criada e rivalidades regionais e nacionais refeitas, possibilitando ainda aproximações diferentes (SOUZA, 2016, p.22 e 23).

Assim, a figuração de atores adversários de dentro do estádio não se contempla nas imediações da Arena, onde os/as torcedores/as se caracterizam como aliados/as. Dentro do estádio são outras significações, outros estratos funcionais, outra cronologia, outro espaço, outra atmosfera. Portanto, outro território, que dependendo do aspecto analisado podem se distinguir ou se complementar (territórios em rede), ao nos remetermos aos aspectos de totalidade e especificidade territorial.

Nesse contexto, o eixo central das inter-relações (rivalidade/aliança) é considerado dispositivo de produção de tensionamentos (vertical/horizontal) nas relações de poder entre torcedores/as da casa/torcedores/as visitantes (figura III), o que torna a aliança também um mecanismo de interdependência, já que possui valor simbólico de troca, que permite privilégios de ambas torcidas em território aliado.

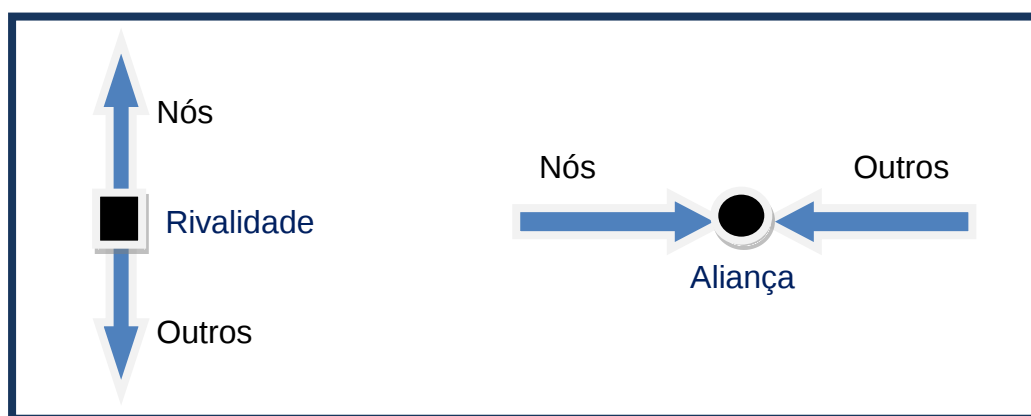


Figura III- tensionamentos das relações de força entre torcida da casa e visitante. Elaborada pela autora.

Conforme o pensamento de Michel Foucault, não existe uma identidade fixa do sujeito. Portanto, ao considerarmos outros espaços-tempos vividos (o território do adversário), quem é de casa, nas imediações da Arena, passa a ser visitante, deixando de ser Um de nós pra se tornar Outro. Nesse processo dinâmico, a pactuação se caracteriza como dispositivo que promove maior interdependência entre os/as torcedores/as aliados/as, em que o estado das relações é flutuante, e por isso, necessita de negociação constante para manter-se em equilíbrio (ELIAS, 1993).

Assim, ao investigar como os dias de jogos compõe a vida de moradores/as do Humaitá, passo a compreender que essa composição se trama na teia da

multiterritorialidade (figura IV). Trata-se de experiência integrada do espaço, na forma de territórios-rede que são móveis, descontínuos e espacialmente fragmentados. São caracterizados pela multiplicidade justaposta, maior fluidez do espaço e aspecto temporal.

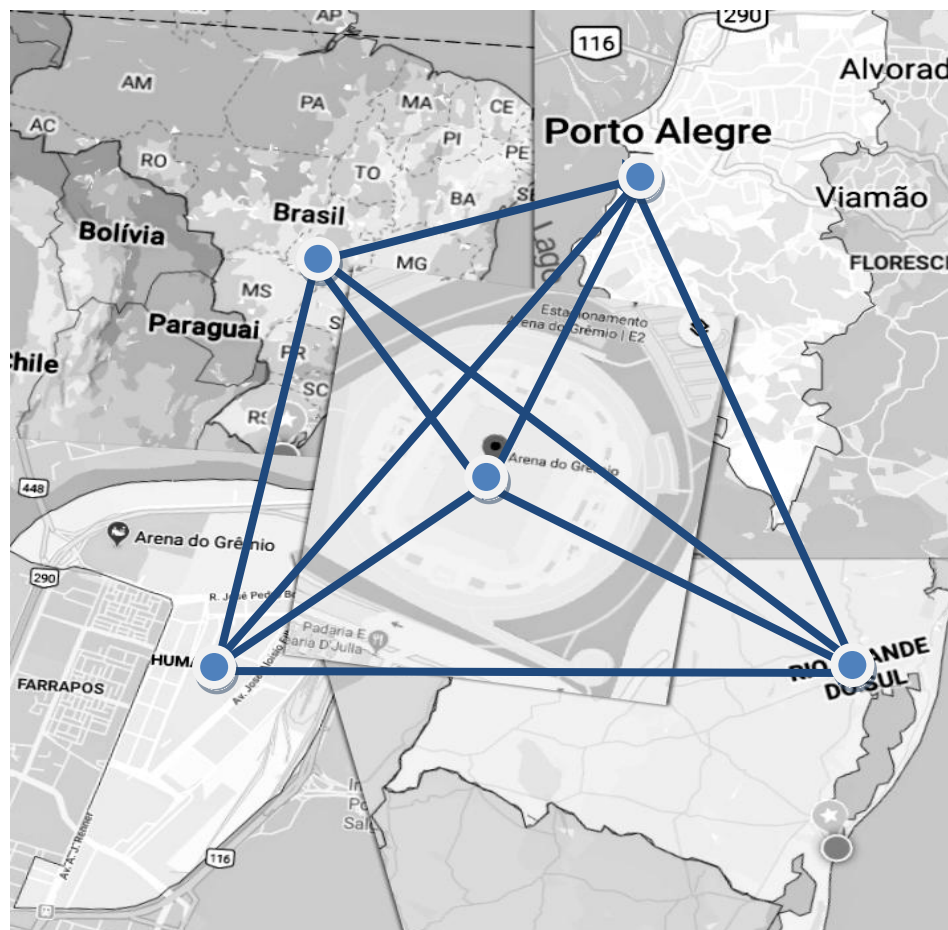


Figura IV- composição multiterritorial.
Elaborada pela autora.

Desse modo, os dias de jogos na Arena passam a compor as vidas de indivíduos moradores de outras localidades, já que a multiterritorialidade não se trata de acessar diferentes territórios, mas de, através da experiência espacial integrada de dominação, fazer parte deles (HAESBAERT, 2010). Logo, o território das imediações da Arena é espaço compartilhado de moradores do Humaitá, de bairros próximos, de outras zonas de Porto Alegre, de outras cidades e estados. Assim, falar da totalidade das relações territoriais das imediações da Arena é falar da interdependência entre indivíduos, entre estratos e entre territórios-rede. É falar da indissociabilidade entre espaço, tempo e vidas. E abordar a temática território é falar das malhas finas das relações de poder na apropriação e dominação do espaço-tempo-vivido.

Destarte, é preciso pontuar que a forma com que se desenhou essa composição possui suas limitações devido às especificidades metodológicas desta investigação.

Considero, portanto, que estudos mais aprofundados sobre a relação entre os dias de jogos na Arena e sua composição na vida de moradores/as de cada um dos territórios da rede de composição multiterritorial aqui apresentada são relevantes para que possamos compreender essas inter-relações com mais especificidade.

4.3. Dos prazeres às agruras do fazer etnográfico: a pesquisadora-torcedora do/no campo

As mulheres no universo científico brasileiro, assim como nos diversos contextos sociais de constituição patriarcal, enfrentam tensionamentos de legitimação enquanto pesquisadoras. Nascimento e Dourado (2015) apontam que na produção de conhecimento ainda há disparidade entre homens e mulheres, fato que “é reflexo de um contexto social e relações de poder construídas, mesmo com os avanços, em que as posições prestigiosas são predominantemente dos homens” (p. 2). Contudo, é perceptível que o número de cientistas mulheres vem aumentando, nos últimos anos, já que onde há relações de poder, também há resistência. E como nos diversificados campos sociais, as mulheres vêm conquistando espaços de legitimação, embora ainda precisemos avançar nas relações de igualdade de gênero. Por isso, se faz necessário falar sobre mulheres.

Procurro aqui abordar questões disparadas a partir de uma pesquisadora que realizou uma investigação de campo etnográfica nas imediações de um estádio de futebol, pertencente ao clube ao qual sou torcedora, localizado no perímetro urbano da metrópole Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Sinalizo que além dos enfrentamentos travados no próprio ambiente acadêmico, a questão ser mulher no campo de pesquisa, associada ao aspecto sensação de insegurança conduziram especificidades à pesquisa.

Sobre a sensação de insegurança, BAIERL (2008), elucida que

trata-se de um medo cíclico, motivado por situações reais conhecidas, principalmente através da mídia ou pela fala cotidiana do crime, independente da possibilidade real dele vir acontecer ou de ter sido vivenciado diretamente pela pessoa, familiares ou vizinhança. Trata-se de um medo imaginário, de algo difuso, mas que aparece como possibilidade real ao sujeito e ele passa acreditar nisso. É essa possibilidade imaginada como real - geradora de insegurança - que faz emergir um medo imaginário que conduz as pessoas a alterarem significativamente seus ritmos e a dinâmica da vida cotidiana, podendo gerar reações iguais ou mais violentas daquela imaginada. Isso alimenta e é alimentado por aquilo que denominamos “indústria do medo” e pela descrença nos sistemas de segurança pública legalmente instituídos (p. 143).

Ao tomar como referência a multiplicidade de identidades, entendo que a fusão “ser pesquisadora” e “ser torcedora” traçaram as agruras do campo, assim como os prazeres,

pois a cada ida a campo eu deparava com um território específico, com experiências saborosas, a partir do que era observado, falado e vivido em relação à ação pesquisadora. A satisfação de pesquisar um campo que mexe com a paixão, a emoção enquanto torcedora suscitou sabores desejáveis e também contemplou experiências amargas, já que os acontecimentos do jogo agem diretamente no público torcedor.

Portanto, busco relatar e instigar questões pertinentes ao fazer pesquisa de campo, abordando as agruras e prazeres vivenciados enquanto pesquisadora-torcedora. A relação com o campo investigado começa antes mesmo de seu começo. A inauguração da Arena do Grêmio aconteceu no final do ano de 2012, mas a história do clube inicia lá em 1903, com a ideia de formar um time de futebol, por comerciantes de Porto Alegre. Desde então, muitas histórias se entrelaçam à história do Grêmio. E é o caso da história da pesquisadora.

É a história de uma mulher do interior do estado, que desde a infância, com maior intensidade, durante a adolescência, nutre o amor pelo clube da capital, inclusive demarca esse sentimento na pele, através de uma tatuagem. É uma torcedora, que vai pisar pela primeira vez na casa do Grêmio, aos 30 anos, para assistir a um jogo do campeonato brasileiro, no estádio Olímpico. De uma torcedora que de tanto gostar de futebol, ingressa no curso de Educação Física, no ano de 2009 e traça os trajetos de seu trabalho de conclusão de curso investigando torcedoras que frequentam um estádio de futebol em sua cidade. É a história de uma pesquisadora que ingressa no mestrado em Educação Física, na linha dos estudos socioculturais, com uma proposta de pesquisa que se origina de uma observação possível através de uma experiência vivida enquanto torcedora, no ano de 2016, numa ida à nova casa de seu clube: a Arena do Grêmio.

Numa tarde de domingo, ocorreu meu primeiro contato de horas prolongadas de permanência nas imediações da Arena, participando pela primeira vez de uma excursão com os Borrachos do Trovão. O jogo começava às 16h, mas a excursão chegou por volta das 10h, pois os torcedores também planejaram fazer um churrasco de almoço.

Logo ao descer do ônibus e começar a caminhar, alguns aspectos chamaram a atenção sobre as manifestações torcedoras e as relações estabelecidas com o contexto local. E como, além de torcedora, ali também estava presente uma pesquisadora, logo o faro investigativo começou a suscitar o desejo da descoberta e a perceber um potente campo de pesquisa. Estas observações, ao longo do dia só foram fomentando pistas sobre a vida social que pulsa nas imediações da Arena em espaços como: os bares, as casas, as ruas, os ônibus de torcedores vindos do interior do estado do Rio Grande do sul

e também de outros estados e os espaços onde se concentram os vendedores ambulantes.

Saí do Humaitá, naquele dia, com o gosto amargo da derrota de 1x0 para o Corinthians, mas com certo sabor agridoce do nascimento de uma ideia sobre o que pesquisar no pretendido mestrado. No segundo semestre de 2017, ingressei no PPG de Educação Física da UFPEL, apresentando pré-projeto com temática de manifestações torcedoras nas imediações da Arena do Grêmio, que se transformou em projeto aprovado pela banca e comitê de ética e que se consolidou na pesquisa aqui tratada.

No contexto exposto, inicio as considerações sobre as agruras do campo abordando o fato da pesquisadora ser mulher, já que foi através desta afirmativa que introduzi este tópico. Além das questões pertinentes ao próprio meio acadêmico, procuro explanar acontecimentos durante a imersão da pesquisadora-torcedora no campo de pesquisa, provocando inquietações sobre a relação ser mulher, sensação de insegurança e agruras, em que as sensações suscitadas no campo de pesquisa se traduzem em sabores que não são agradáveis e tampouco desejáveis.

Já na primeira ida a campo, mesmo que bastante motivada por estar chegando numa etapa tão almejada da pesquisa, pude experimentar a sensação de que os dias e noites de permanência no campo não seriam um “mar de rosas”, o que fica evidenciado no meu primeiro diário de campo, num dia chuvoso e de baixo movimento de público que permanece nas imediações do estádio, no período pré-jogo:

conforme fui tomando conhecimento do entorno do estádio, ia tirando algumas fotos e realizando as anotações. Como alguns setores do estádio têm menor circulação de público, eu acabava tirando as fotos rapidamente, já que alguns torcedores e conhecidos que moram em Porto Alegre me avisaram para tomar cuidado com a ocorrência de furtos naquela região (DIÁRIO DE CAMPO I, 23/09/2018).

Mesmo com os sabores desejáveis de uma pesquisadora que vão sendo degustados nas descobertas, as agruras provocadas pela sensação de insegurança estão contidas nos relatos do campo, em uma noite de jogo da Libertadores da América, competição sul-americana, de bastante prestígio no universo do futebol de alto rendimento. Ao relatar a grande quantidade de público e estabelecimentos comerciais ao longo da Avenida Padre Leopoldo Brentano, aponto que a presença de bares e churrascos também se estendem pelas ruas perpendiculares à Avenida. Complemento, comentando que “cheguei a adentrar algumas dessas ruas, mas como a circulação de público era menor e a atmosfera de afastamento da avenida principal me causou certa

insegurança de andar por ali sozinha, resolvi voltar à Padre Brentano (Diário de campo II, 2/10/2018).

Os relatos se remetem à sensação de insegurança vivenciada durante a imersão no campo, mesmo em ocasiões com maior quantidade de público, o que implica não somente nas experiências que me marcam, mas nos próprios desfechos da pesquisa. Entendo que esse sentimento orientou ações circunstanciais que impuseram limites à descoberta e registros específicos do campo.

A sensação de insegurança alimentada pela indústria do medo afeta as mulheres de forma particular, quanto ao aspecto vulnerabilidade nos territórios urbanos, já que além da questão do medo coletivo que assola o tecido social, de modo geral, a mulher também carrega o estigma de ser alvo prioritário de violência sexual. Assim, a cidade “expressa a lógica da reprodução das desigualdades e da segregação, impondo a nós – homens e mulheres – a viver de forma diferenciada esse ambiente territorial, de viver e conviver com o espaço e dinâmica da cidade” (ALVES, 2014, p. 26).

Com relação às peculiaridades de ser mulher num campo de pesquisa predominantemente frequentado por homens, marcado pela relação de dominação, foi na quarta ida a campo que aconteceu um dos fatos mais marcantes vivenciados no campo. Refiro-me aqueles tipos de agruras propiciadas pelo fato de ser mulher e por isso estar suscetível a abusos em diversos cenários sociais, não somente os futebolísticos se contextualiza no trecho do diário de campo a seguir:

A circulação pela avenida já estava bastante dificultosa. Era muita gente parada nas calçadas e no meio da rua [...] Em frente ao bar dos Borrachos havia muita gente [...] procurei atravessar do meio da rua para a calçada, para que lá de cima pudesse ter uma vista melhor e realizar uma filmagem [...] fui passar entre um grupo de torcedores que estavam entre quatro ou cinco membros, bebendo e reunidos em volta a uma caixa de bebidas que estava no chão. No momento em que fui atravessar por entre o grupo, senti que um deles tocou com a mão à minha nádega. Fiquei na dúvida se havia sido propositalmente. E ainda tentando passar, escuto um deles dizer “com tanto lugar pra passar”, enquanto outro deles se posicionava a minha frente como se não quisesse colaborar para minha passagem. Daí então, novamente, a mão toca à minha nádega. E agora, a certeza de que o toque não consentido era proposital. Imediatamente um sentimento de nojo e indignação tomou conta de mim. Não era a primeira vez que isso acontecia comigo. Em festas noturnas já houve outros episódios. E a minha reação, como em outros momentos, foi quase que instintiva. Me virei para o agressor (já que considero esse ato uma forma de agressão) e também retribuí com agressão [...] A reação do grupo e do agressor foi de espanto. Talvez nunca esperasse que, ao molestar uma mulher, poderia receber em troca outro tipo de agressão (DIÁRIO DE CAMPO IV, 30/10/2018).

Para Foucault (2018), as formas de dominação nas relações de poder se constituem através do assujeitamento e nesse contexto, os gêneros são produções de desigualdade que acontecem “nas e pelas relações de poder” (LOURO, 1997, p. 41). Contudo o ato de

abuso de um homem sobre o corpo de uma mulher extrapola a relação consentida e como em toda relação de poder há possibilidade de resistência, a minha reação se caracteriza como um ato de revide aos moldes patriarcais de submissão à dominação masculina. No entanto, considero que houve uma produção de menor força na relação de poder ocasionada, ao me sujeitar a trocar de roupa para não chamar atenção, movida pelo desconforto que a situação estava me provocando:

Eu também estava de blusa amarela, carregando minha camisa do Grêmio na bolsa. E o fato é que, de uma maneira como nunca tinha acontecido nos campos anteriores, o assédio dos homens que por mim passavam estava frequente. Mesmo que nenhum outro tenha me tocado, as “piadinhas” aconteceram, ao longo da avenida. E isso foi mais um fato que me deixou bastante desconfortável [...] Até que, ao me dirigir às calçadas da Arena, para filmar a entrada dos torcedores no estádio, mais dois episódios de “piadinhas” acontece [...]. Bastante incomodada com aquela situação e já com certo receio porque permaneceria na rua durante todo o jogo, tirei a minha camisa tricolor da bolsa e coloquei por cima da camisa amarela, considerando a hipótese de que eu poderia estar chamado a atenção pelo decote, pela cor da blusa ou ainda por não estar caracterizada como torcedora. E o que eu mais estava desejando naquele momento era parecer invisível, já que a vontade mesmo era de ir embora, mas que isso eu não faria, considerando meu compromisso com a pesquisa (DIÁRIO DE CAMPO IV, 30/10/2018).

Para Winkin (1998), os diários de campo se configuram como essencial instrumento, através de suas funções catártica (íntima, emotiva), empírica, reflexiva e analítica. Portanto, meu diário revela as angústias daquela noite de Libertadores. São sensações e sentimentos documentados no instrumento da pesquisa, vinculados ao fato de ser mulher que se remetem à segregação de gêneros, mesmo que para nos dar conta disso não precisemos recorrer à comprovação científica, pois basta estar no mundo para saber que esse tipo de situação é vivenciado por mulheres. O trecho do diário também direciona para o discurso ainda latente de que o assédio também pode ser culpa das mulheres, conforme seus comportamentos.

Nos aponta Foucault (2018) que “a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder” (p. 52). Assim, procuro chamar atenção para a questão, pois mesmo que no episódio anterior tenha demonstrado resistência, agora me dou por convencida, apelando para a verdade de um comportamento apropriado. O fato de trocar de roupa para me tornar invisível aos olhares masculinos, elucida que no corpo da mulher ainda circulam discursos de verdade que demarcam a dominação masculina.

O discurso de que existem comportamentos apropriados especificamente para mulheres produz efeito de verdade. Assim, considero que ao interpelar e ser interpelada pela verdade que usar uma blusa menos decotada e de cor menos “chamativa” seria um

comportamento mais adequado, naquele contexto, é uma forma de sujeição que “consiste precisamente nessa dependência fundamental de um discurso que nunca escolhemos, mas que, paradoxalmente, inicia e sustenta nossa ação” (BUTLER, 2019, p. 10). Portanto, seja pela interpelação, seja pela produtividade discursiva, “‘sujeição’ significa tanto o processo de se tornar subordinado pelo poder quanto o processo de se tornar sujeito” (p.10).

Toda essa atmosfera vivenciada também se remete à associação com a sensação de insegurança, já que ser mulher e estar sozinha no campo conduzem ao sentimento de medo, de vulnerabilidade, o que ameaça a minha segurança. Isso fica evidente no diário em que aponto meu olhar para as questões de gênero no campo, ainda naquela noite de Libertadores:

O grupo que ocupava o espaço D' Julia tinha característica típica daquela do contexto geral do território: a maioria era de homens jovens, mas também havia homens mais velhos e mulheres junto com homens e também em grupos de duas ou três. A única mulher sozinha era eu e considerando tudo que já havia vivido naquele dia, optei por parar próxima a um grupo de mulheres, para causar a impressão de que estivesse junto com elas [...] Ao voltar para o segundo tempo, dois homens se posicionaram logo atrás de mim e percebi que me olhavam e comentavam alguma coisa. Talvez fosse a curiosidade de me ver sozinha por ali, mas novamente considerando o ar de hostilidade que encontrei no campo, aquela situação me deixou mais desconfortável. Eu comecei então a pensar que o jogo, apesar do River no segundo tempo estar levando perigo ao gol do Grêmio, que o resultado daquele jogo já estaria encaminhado. Inclusive eu já fazia planos para o jogo da final, com um misto de alegria enquanto torcedora e angustiada enquanto pesquisadora, pelos desprazeres que a hostilidade daquela noite de Libertadores me proporcionou. E essa angústia foi crescendo ao adiantar da hora e com o tempo se armando para chuva. Comecei a projetar que se esperasse o apito final para chamar o Uber, poderia não conseguir transporte porque seria muita gente saindo do estádio e solicitando, ao mesmo tempo. Então o medo de ficar sozinha até o estender da madrugada no campo foi maior que o desejo existente desde o planejamento, de ficar até depois que o jogo acabasse, foi aí que decidi solicitar o Uber, que chegou em poucos minutos. Considerei também que com o tempo que estava se armando, a maioria das pessoas iria embora, já que logo choveria. Era 34 minutos de partida quando entrei no carro (DIÁRIO DE CAMPO IV, 30/10/2018).

Proponho-me a frisar que a relação entre ser mulher pesquisadora e sensação de insegurança conduziu contornos específicos à pesquisa. Naquela noite, eu tinha por intuito permanecer no campo até o final do jogo, mas não foi isso que ocorreu. Além disso, deixei o campo sob atmosfera de classificação do Grêmio e acabei não presenciando o oposto, já que logo que deixei as imediações do estádio, o time argentino fez dois gols que, fatidicamente, desclassificaram da competição a equipe brasileira. Considero que a possibilidade de estar presente no campo, sob a atmosfera da tragédia poderia ter agregado dados peculiares à pesquisa e essa foi uma das questões que mais agruras me causou enquanto pesquisadora: a possibilidade de perder dados que poderiam contribuir ao estudo.

Aproveito essa passagem justamente para explicar as agruras e prazeres no que tange as nuances entre a familiaridade e estranhamento do campo. Alertou Velho (1978), ao tematizar a investigação antropológica do contexto social familiar que “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos, pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido” (p. 126). A questão pertinente nessa relação é a possibilidade de se “estar acostumado com uma certa paisagem social onde a disposição dos atores me é familiar (...) no entanto, isso não significa que eu compreenda a lógica de suas relações” (p. 128).

O campo investigado configura um mundo social que conheço sem conhecer, bordando a pesquisadora-torcedora, no tecido da “dupla pertença” (GOMES; MENEZES, 2008). Portanto, me considero também uma nativa do campo, já que o território das imediações da Arena se apresenta como um espaço pertinente ao pertencimento de torcedoras e torcedores gremistas. O misto das tensões da dupla-pertença se expressa no relato do segundo diário de campo:

Esperando o ônibus dos Borrachos para embarque rumo à Segunda ida a campo, agora para um jogo de Libertadores. Pela primeira vez eu estaria pisando em um território de Libertadores da América. Cerveja na mão, enquanto espero o ônibus, em um posto de gasolina e camisa do Grêmio na bolsa, na intenção de não me identificar enquanto torcedora, no campo. Talvez isso seja mesmo uma preparação interna de distanciamento e de demarcação que a identidade pesquisadora me exige para uma pesquisa com inspiração etnográfica, já que a identidade torcedora também se faz pertinente. Por isso, a camisa eu não deixei de carregar, já que a reserva na excursão foi solicitada com ingresso para o jogo [...] Embora o trabalho interno de distanciamento esteja surtindo efeito e isso eu percebi já na primeira ida a campo, mas também nesta, ao me deparar já no alento do Grill, apenas observando atentamente o contexto e não me motivando a participar. O alento do Grill é um rito dos torcedores dos borrachos do trovão, que quando o ônibus estaciona no paradoro da estrada, os membros já descem com os instrumentos pra realizar os cânticos da [torcida] geral do grêmio, no espaço do estacionamento (DIÁRIO DE CAMPO II, 2/10/2018).

O campo suscitou um misto de estranhamento e familiaridade, pois “vestir a capa de etnólogo [a] é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) transformar o exótico no familiar e/ou (b) transformar o familiar em exóticos” (DA MATTA, 1978, p. 4). O estranhamento se fez presente desde a primeira imersão, mesmo que, enquanto torcedora, já tenha vivenciado o território, em período que antecede o jogo. No entanto, ao pisar nas imediações da Arena, enquanto pesquisadora, o olhar para o território é um olhar que se diferencia daquele de torcedora. Logo, as sensações agradáveis e também as desagradáveis do campo de pesquisa possuem suas frequências também onduladas na dupla pertença.

As imersões no campo foram marcadas pelas angústias, satisfações, alegrias, tristezas, apontamentos e desapontamentos. Ao finalizar o diário de campo IV, transporte

para o instrumento toda frustração vivida naquela noite de Libertadores, onde quase nada saiu conforme o planejado. Não foi uma experiência fácil nem para os olhos da pesquisadora e nem para o coração da torcedora. Só consegui chegar ao campo bem depois do horário estipulado, devido contratempos no transporte, deparei-me com situações constrangedoras, na chuva forte, tive que socorrer um motoclista que se acidentou diante do carro que me transportava de volta para a residência a qual estava hospedada e ainda contei com a desclassificação do Grêmio na competição:

cheguei ao apartamento do meu amigo toda molhada e totalmente arrasada. Ainda incrédula com tudo que havia acontecido naquele dia. Tomei um banho quente que não foi suficiente para lavar o que estava impregnado. Era um desânimo tão grande que a vontade era de não voltar mais a campo. Custei muito a dormir e quando acordei, tudo que eu queria era não falar sobre o que havia ocorrido, não escutar e ler nada sobre o jogo e não escrever absolutamente nada. Era uma pesquisadora-torcedora em estado de luto (DIÁRIO DE CAMPO IV, 30/10/2018).

Como nem só de agrura foram as idas a campo, já que na noite da quarta imersão custei a dormir e no dia posterior possuía o sentimento de luto, tive na minha seguinte permanência um sabor mais doce, pois “naquela noite, o sono foi tranquilo, marcado pela vitória importante do Grêmio rumo à classificação para Libertadores do ano que vem e pelo acolhimento que o campo me proporcionou neste dia (DIÁRIO DE CAMPO V, 11/11/2018). Gomes e Menezes (2008) ao suscitar reflexões sobre a ambiguidade entre “estar” no campo ou “ser” do campo de investigação, mencionam que “qualquer imersão no campo traz a possibilidade de emergência de sentimentos” (p. 17).

Logo, a mescla estar e ser do campo também entrelaça sensações relacionadas à pesquisa e ao torcer e essa relação indissociável fica evidente ao longo dos diários, pois frequentemente há relatos de sensações e sentimentos de uma pesquisadora e também de uma torcedora. Endosso este apontamento referindo-me aos momentos finais da segunda ida a campo, quando voltava para casa no ônibus dos Borrachos do trovão, ao mencionar as satisfações de uma torcedora com o resultado do jogo e com as descobertas de uma cientista social:

sentei na poltrona do ônibus exausta, pelas longas horas envolvida com a pesquisa e com o jogo. Os pés já não eram tão molhados quanto na primeira ida a campo, mas estavam doloridos. Afinal, foram horas de caminhada e já se passavam quase 12h desde que entrei no ônibus rumo ao Humaitá. No entanto, a sensação de contentamento se sobressaiu ao cansaço e, ao ouvir o motor do ônibus sendo acionado, me flagrei com um sorriso solitário, no canto da boca, ao perceber a alegria dos torcedores que subiam no ônibus e também a minha, pela goleada do Grêmio. E esse sorriso também estava mesclado pela satisfação, proporcionada pelo encontro da pesquisadora com toda vida pulsante das imediações da Arena, em dia de Libertadores. Pelo cenário frenético de efervescência desordenada, ou desordem efervescente daquele território com ar

de Oriente, pois como bem exclamou um torcedor, na avenida Padre Leopoldo Brentano, “isso aqui parece a Índia!” (DIÁRIO DE CAMPO II, 2/10/2018).

Assim, posso dizer que não há como dissociar a pesquisadora da torcedora. O misto de sentimentos, sensações e emoções provenientes do estar e ser no/do campo são relações constantes e pertinentes ao processo de pesquisa antropológica, já que a pesquisadora é componente da pesquisa e, portanto, dotada de carne, nervos e sentidos (WACQUANT, 2002). A cada ida a campo, enquanto pesquisadora-torcedora me deparava com um território específico, que nunca era idêntico ao anterior e nem ao seguinte, que é líquido e que, por isso, dificilmente seria sentido da mesma forma em toda imersão.

O fato de estar imersa no campo de investigação, que se caracteriza como espaço público urbano predominantemente masculino, em uma zona periférica de uma metrópole brasileira, conduziu a pesquisa por caminhos específicos. Esses trajetos foram traçados pela transversalidade indissociável *ser cientista mulher e sensação de insegurança*, que caracterizam os relatos e problematizações das agruras do campo. Tal entrelaçamento remete às peculiaridades de se fazer pesquisa de campo que suscitam não somente agruras, mas também satisfações relacionadas aos aspectos científicos e também do sentimento de pertencimento clubístico. Le Breton (2019) aponta que “mesmo as decisões mais racionadas ou mais ‘frias’ envolvem a afetividade” (p. 138). Logo, o campo possui variações de sabores, das suas doçuras e amargores causados a uma pesquisadora-torcedora, pertinente ao se fazer pesquisa em um contexto repleto de afetividade.

Considero relevante que os prazeres e agruras de uma pesquisadora-torcedora sejam compartilhados e pensados entre os pares nos territórios acadêmicos. Ao abordar as especificidades da investigação no contexto urbano periférico, esportivo e de predominância masculina, realizada por uma mulher, busco chamar a atenção aos fatores associados e determinantes nos processos de nossas pesquisas. Bauman (2003) aponta que a liberdade está para além da ausência de restrições. Para realizarmos coisas, precisamos de recursos. Logo, a liberdade de se fazer pesquisa de campo também se limita por fatores transversais, que implicam nos recursos possíveis e/ou disponíveis no processo da pesquisa.

5. OLHANDO PARA O DESENHO

Ao desenhar esta dissertação, começo apontando o lápis que deu forma ao estudo, contextualizando o campo de investigação, a pesquisadora e a pesquisa. Após, adentro

aos seus contornos, expondo os traços da fundamentação teórico-metodológica. Por seguinte, me atendo ao preenchimento da forma, ao analisar, problematizar e buscar produzir conhecimento e inquietações sobre o campo de pesquisa, considerando o olhar peculiar de uma pesquisadora-torcedora. Por último, proponho olhar para o desenho, lançando as considerações sobre a investigação.

Na pesquisa aqui desenhada, tive como objetivos compreender como ocorrem as relações de apropriação do espaço das imediações da Arena do Grêmio, provenientes das manifestações torcedoras, nos períodos que antecedem a entrada dos/as torcedores/as no estádio, em dias de jogos e, além disso, investigar como estes acontecimentos compõem a vida de sujeitos moradores do bairro Humaitá, situado na cidade de Porto Alegre/RS. O estádio localiza-se no bairro Humaitá, na zona periférica da cidade de Porto Alegre/RS.

O período de imersão etnográfica ocorreu no segundo semestre de 2018, em sete dias de jogos do Campeonato Brasileiro e Copa Libertadores da América. Foram realizadas observações, anotações, caminhadas, conversas, fotos, vídeos e diários de campo. A prioridade de espaço-tempo de observação ficou reservada aos períodos que antecederam os jogos e à extensão da Avenida Padre Leopoldo Brentano, tendo início no Bar do Tricolor, até o Bar do Ito, na Avenida AJ Renner.

No preenchimento, as apropriações do território das imediações da Arena se constituem na interdependência entre estratos funcionais e entre microterritórios em rede, que são singulares em suas especificidades. Considero ainda a totalidade de macroterritório Imediações da Arena, na indissociabilidade do espaço-tempo-vivido. Portanto, ao desenhar o campo investigado, o que visualizo é um território dicotômico. Unitário, na sua totalidade e plural, nas suas fragmentações microterritoriais. Mutável, nas combinações dos fatores micro e estável, nos fatores macro; heterogêneo, nas multiplicidades de inter-relações, significados, sujeitos e estratos e homogêneo, na sua teia configuracional que formam uma liga indissociável.

O território dos dias de jogos é cenário de festividade e de trabalho. Celebrar e trabalhar são formas interligadas de fazer a festa acontecer, através da sociabilidade e relações comerciais. É o espaço-tempo-vivido do encontro entre sujeitos, entre os pares e os adversários, que do lado de dentro do estádio se embatem, mas do lado de fora são aliados. É o lado de fora do estádio, mas é o lado de dentro da festa gremista das manifestações torcedoras, da busca pela excitabilidade e, por isso, torcedores/as ocupam posição central na teia das inter-relações.

Quanto à composição na vida dos moradores e moradoras do Humaitá, grande parte dos lares da avenida interagem com a transformação ocorrente, fazendo parte desse acontecimento, principalmente no que tange às relações comerciais. No entanto a insatisfação também se faz presente com toda transformação decorrente do dia de jogo. Isso considerando quem não interage de forma lucrativa com a festa e também não torce para o Grêmio. Logo, ser morador/a das imediações da Arena em dias de jogos pode significar a dádiva para alguns/umas e o incômodo para outros/as.

Faz parte da apropriação do território consumir e as atividades de geração de renda na inter-relação consumo/comércio são contempladas não somente por moradores/dos bairros, mas também de bairros próximos ao Humaitá e de outras localidades de Porto Alegre. Nas redes da multiterritorialidade, a composição dos dias de jogos na Arena se estende para além do Humaitá e dos bairros próximos.

Os dias de jogos do Grêmio na Arena compõem configurações da cidade que se desenha de forma peculiar. Mesmo que o dia de jogo não faça parte da vida diária de Porto Alegre, ele faz parte da estrutura, da organização de vidas de moradores/as da cidade. O dia de jogo compõe vidas não somente de torcedores/as que residem em Porto Alegre, mas também de moradores/as de outras cidades do Rio Grande do Sul que têm estabelecidas na celebração do dia de jogo na Arena as suas redes de sociabilidade. Redes estas que também se conectam na multiterritorialidade. São torcedores/as vindos de outros estados do país e do interior do Rio Grande do Sul.

Assim, considero que território dos dia de jogos é lugar inerente às vidas de moradores/as do Humaitá, das proximidades, de outros bairros de Porto Alegre, de outras cidades e outros estados, que se compõem na dádiva, no transtorno e na celebração. É lugar de relações de poder, apropriações e de multiplicidades de inter-relações, significados e pertencimentos. É tecido social tramado nas redes da multiterritorialidade.

O preenchimento do desenho ainda contempla que as imediações da arena foi também lugar da pesquisadora-torcedora imersa no campo de investigação, que se caracteriza como espaço público urbano predominantemente de homens, em uma zona periférica de uma metrópole brasileira. Nesse contexto, os caminhos da pesquisa foram traçados pela transversalidade indissociável *ser cientista mulher e sensação de insegurança* e também pelas satisfações relacionadas aos aspectos científicos e o sentimento de pertencimento clubístico.

A experiência dessa pesquisa de campo despertou o desejo de seguir investigando a temática, já que ficaram diversas inquietações possíveis às futuras investigações, contemplando especificidades, tais como: como se constituem e se articulam as políticas

públicas de transporte e segurança nos dias de jogos? Como se constituiu a fomentação do comércio fixo nas imediações do estádio? Como se dão as relações entre fiscalizadores e fiscalizados (cambistas, ambulantes, guardadores)? Como é a vida dos/as ambulantes que trabalham nos dias de jogos? E dos/as guardadores e catadores/as? De modo mais abrangente, como se constitui o trabalho informal em dias de jogos? Como se constitui o território no campeonato gaúcho e no clássico grenal? Como se constituem os pertencimentos de mais moradores/as torcedores/as do rival tricolor que moram no território? Como se configuram as relações de aliança e rivalidade entre torcidas aliadas dos clubes de Porto Alegre?

Portanto segue a sinalização de estudos mais específicos sobre estratos do campo, alianças entre torcidas, estruturas da cidade e com maior aprofundamento na composição nas vidas dos/as moradores/as. Isso para que possamos compreender, de modo mais amplo, as especificidades das inter-relações dos dias de jogos, nas imediações da Arena e também de outros estádios. Aproveito para reiterar que os contornos deste estudo não deram conta de analisar a diversidade de possibilidades pertinentes ao campo. Por isso, tantas inquietações permaneceram, ao se olhar para o desenho. Inclusive, os dados do campo estão estrategicamente expostos também com a finalidade de produzir no/a leitor/a inquietações que fomentem outras pesquisas sobre um campo tão rico para os estudos socioculturais.

Proponho-me, ao me encaminhar para as últimas considerações, sinalizar que o estudo possui sua relevância no que tange as suas peculiaridades, conduzindo ao conhecimento sobre um território pertinente ao universo do futebol metropolitano, pouco investigados com os contornos aqui assumidos. Reforço a importância desta produção também ao estimular possíveis inquietações no campo dos estudos socioculturais da Educação Física. Isso levando em questão a escassez de pesquisas sobre as temáticas inter-relacionadas território do entorno do estádio e manifestações torcedoras, que fomentem compreensões e inquietações sobre as complexas configurações relativas aos contextos futebolísticos, a partir da perspectiva de Simoni Guedes de que “os grupos locais que se constituem para e pelo futebol podem nos ensinar algumas coisas” (1998, p.96).

Por fim,, olho para este desenho, exponho as palavras sobre os últimos momentos da pesquisa de campo e com isso, proponho também a reflexão sobre o que nossas experiências de pesquisa (nos) transformam

Desci pela rampa vagarosamente, observando o grande mar de torcedores/as que ocupavam as passagens de saída do estádio. Passei pela Padre Brentano, como se me despedisse de um território que eu certamente ainda voltaria enquanto torcedora, mas que provavelmente seria a última vez que meus pés estariam ali

pisando enquanto pesquisadora-torcedora. E, ao realizar essa última passagem pelo campo investigado, tive a convicção que no nosso próximo encontro, o meu olhar para aquele lugar nunca mais seria o mesmo de quando eu ia à Arena somente com a intenção de torcer. Eu havia descoberto um mundo cheio de vida que os sentidos aguçados de uma pesquisadora-torcedora me proporcionaram perceber (DIÁRIO DE CAMPO VII, 2/12/2018).

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula. *Quando o bar se torna estádio: um estudo acerca do torcer em bares de Belo Horizonte*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

ALVES, Mércia. *(In) segurança pública e violência urbana: desafios e perspectivas*. Salvador, 2014.

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAIERL, Luzia Fátima. *Medo social: dilemas cotidianos*. ; ponto-e-vírgula, 3: 138-151, 2008.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. *“Eu canto bebo e brigo... alegria do meu coração”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*; tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a Sociologia*; tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*; tradução Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BIANCH, Greison. *Agentes e práticas da organização capitalista do espaço o espetáculo do bairro Humaitá*. Monografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BOZZANO, Horacio. *Territorios posibles: procesos, lugares y actores*. Buenos Aires: Lumiere, 2009.

BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*; tradução Rogério Benotti. 1ª ed. 2ª reimp- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CARRAVETA, Elio. *Futebol: a formação de times competitivos*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter 'anthropological blues'. In: NUNES, E. O. (org.) *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DAMO, Arlei Sander. Senso de jogo. In: *Esporte e Sociedade*, número 1, Nov2005/Fev2006, p. 1 a 43.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre, Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Anpocs, 2007.

ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: edições 70, 1999.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes (vol-1)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador (Vol- II)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert; SCHROTER, Michael (Org.). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994b.

ELIAS, Norbert. *Teoria Simbólica*. Celta Editora. 1994c.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Erik. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. Mexico: FCE, 1995.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. Apêndice da 2ª edição. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In.: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*; tradução Roberto Machado. 7ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*; tradução Maria Ermantina Galvão- 2ª ed.- São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2010.

GASTALDO, Edson Luis. *Futebol, mídia e interações sociais entre torcedores no Brasil: um estudo etnográfico*. Razón y palabra, v. 14, n. 69, 2009.

GONÇALVES, Marcelino Andrade. *O Trabalho no Lixo*. Tese de Doutorado em Geografia. Presidente Prudente: FCT/UNESP, 2006.

GRAÇA. Luísa Gagliardini; LACERDA, Teresa Oliveira. *Da estética do desporto à estética do futebol*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 427-444, abr/jun. 2011.

GOMES. Edlaine de Campos; MENEZES, Rachel Aisengart. *Etnografias possíveis: "estar" ou "ser" de dentro*. Ponto Urbe Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, 2008.

GUEDES, S. L. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EdUFF, 1998.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HAESBAERT, Rogério. *Território e multiterritorialidade: um debate*. *Geographia*, ano IX, nº 17, 2007.

HAESBAERT, Rogério. *Região, diversidade territorial e globalização*. *GEOgraphia*, ano 1, nº 1, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JAHNECKA, Luciano. *O jeito Xavante de torcer: formação de memórias em uma torcida de futebol*. Porto Alegre, 2010.

LE BRETON, *Antropologia das emoções*; tradução Luís Alberto Peretti. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade: esforço do processo civilizador brasileiro*. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MAROTO, Márcio Pereira. A dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos. In: *Futebol, cultura e sociedade*. DAOLIO, Jocimar (org). Campinas, SP: autores associados, 2005.

MARTINS, Daiane Grillo, SILVEIRA, Raquel da, FREITAS, Gustavo da Silva. *Apontamentos sobre as manifestações do “ser torcedora” do Sport Club São Paulo*. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, v. 36, n. 2, supl., p. S182-S196, abr./jun. 2014.

MARTINS, Daniella Paula. *O Humaitá de ontem, de hoje e de amanhã*. 126 p. Dissertação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

MARTINS, Heloísa Helena de Souza. *Metodologia qualitativa de pesquisa*. *Rev. Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MASCARENHAS, Gilmar. *Construindo a pátria de chuteiras: elementos para uma geografia da difusão do futebol no Brasil*. In: SCHÄFFER, Neiva et al. (orgs.) *Ensinar e Aprender Geografia*. Porto Alegre: AGB, 1998. p. 93-103.

MASCARENHAS, Gilmar. *Conexões: revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP*, v. 1, n. 2 p. 47-61, dez. 1999.

MASCARENHAS, Gilmar. *À Geografia dos esportes. uma introdução*. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, nº 35, 1 de marzo de 1999b.

NASCIMENTO, Lecir Moreira; DOURADO, Priscila Maria de Souza. *Os bastidores da ciência: enfrentamento e superação das pesquisadoras na Universidade Católica de Brasília e o impacto em suas carreiras, família e bem-estar*. XV Colóquio Internacional de Gestão Universitária – CIGU: desafios da gestão universitária no século XXI. Mar del Plata – Argentina, 2015.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. 2. Ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

PORTO ALEGRE, LEI Nº 5738, regula no município de porto alegre, as atividades dos guardadores e lavadores autônomos de veículos automotores, 07 de janeiro de 1986.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Barcellos (orgs.). *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. *Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001- 2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro*. 142 p. Dissertação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

SANTOS, Milton. *Da Totalidade ao Lugar*. São Paulo: ed. da Universidade de São Paulo, 2005.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia*. Hucitec. São Paulo, 1988.

SILVA, Claudia Eugênia Lopes da. *Territorialidade dos flanelinhas/guardadores de carros: discussões sobre a apropriação do espaço público nos bairros Cidade Alta, Petrópolis e Tirol de Natal-RN*. Dissertação de mestrado- Universidade Federal do Rio Grande do Norte- Programa de pós-graduação e pesquisa em Geografia. Natal, 2017.

SILVA, Helio R. S. *A situação etnográfica: andar e ver*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009.

SILVA, Silvio Ricardo da. *A construção social da paixão no futebol: o caso do Vasco da Gama*. In: *Futebol, cultura e sociedade*. DAOLIO, Jocimar (org). Campinas, SP: autores associados, 2005.

SOUZA, Eduardo Araripe Pacheco de. *Fazer alianças, uma escolha determinante entre o protagonismo e a invisibilidade dos grupos organizados de torcedores de futebol no Brasil*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Pernambuco- Programa de pós-graduação em Antropologia, Recife, 2016.

STIGGER, Marco Paulo. *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

TOLEDO. Luiz Henrique de. *Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerão e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 119-148, jul/dez. 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: autores associados/ Anpocs, 1996.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar Editores: 1978.

WACQUANT, L  ic. *Corpo e Alma: notas etnográficas de uma aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WINKIN, Yves. *A nova comunica  o: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus, 1998.

<http://www.paranapesquisas.com.br/?submit=&s=torcidas>, acessado em 10 de julho de 2017.

http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=id_1132&language=0, acessado em 13 de julho de 2017.

https://www.gremiopedia.com/wiki/Todos_os_n%C3%BAmeros_da_Arena_do_Gr%C3%AAmio, acessado em julho de 2019.

7. RELATOS DE UMA PESQUISADORA-TORCEDORA SOBRE O CAMPO (RELATÓRIO DE CAMPO)

a frase interrompida (que muitas vezes encontramos em nosso diário de campo ou em um papel qualquer à mão quando nos ocorreu a observação que ela registra) indica claramente a tensão que existe entre observar e escrever. Estamos no campo permanentemente lutando contra o esquecimento. A anotação sobre a perna, o debruçar diário sobre a caderneta de campo, os expedientes mnemônicos aos quais recorremos como forma de assegurar a retenção do fluxo indicam dramaticamente que há uma outra tensão, além daquela flagrante entre observar e participar e, talvez, mais importante que esta. Trata-se da tensão entre observar e participar, e reter, memorizar e colocar no papel o que se observou e aquilo de que se participou (SILVA, 2009, p. 182).

Se optasse por escrever os relatos sobre o campo, a partir da minha imersão enquanto pesquisadora, eu estaria começando a contar uma história pelo seu final. A minha relação com o campo de pesquisa começa antes mesmo de seu começo. A inauguração da Arena do Grêmio aconteceu no final do ano de 2012, mas a história do clube inicia lá em 1903, com a ideia de formar um time de futebol, por comerciantes de Porto Alegre. Desde então, muitas histórias se entrelaçam à história do Grêmio. E é o caso da minha história.

É a história de uma mulher do interior do estado, que desde a infância, em com maior intensidade, durante a adolescência, nutre o amor pelo clube da capital, inclusive demarca esse sentimento na pele, através de uma tatuagem. É uma torcedora, que vai pisar pela primeira vez na casa do Grêmio, aos 30 anos, para assistir a um jogo do campeonato brasileiro, no estádio Olímpico. De uma torcedora que de tanto gostar de futebol, ingressa no curso de Educação Física, no ano de 2009 e traça os trajetos de seu trabalho de conclusão de curso investigando torcedoras que frequentam um estádio de futebol em sua cidade. É a história de uma pesquisadora que ingressa no mestrado em Educação Física, na linha dos estudos socioculturais, com uma proposta de pesquisa que se origina de uma observação possível através de uma experiência vivida enquanto torcedora, no ano de 2016, numa ida à nova casa de seu clube: a Arena do Grêmio.

O que pretendo grifar, ao pré-introduzir os relatos, é que esta escrita busca contemplar mais do que uma descrição da imersão no campo. O que disponho, em harmonia com Norbert Elias, é o pensamento de que uma pesquisadora, uma cientista social é sujeito inerente à pesquisa. Suas experiências de vida e visão de mundo se transportam para o universo acadêmico e se entrelaçam à suas produções científicas. Por

isso, não me posiciono, nestes relatos nem como torcedora, nem como pesquisadora, mas enquanto pesquisadora-torcedora. Saliento que os relatos são compostos de fragmentos dos diários de campo, procurando preservar os sujeitos investigados e também a composição analítica de uma pesquisa etnográfica.

Apontamentos introdutórios

Numa tarde de domingo, ocorre então meu primeiro contato de horas prolongadas de permanência nas imediações da Arena, participando pela primeira vez de uma excursão com os Borrachos do Trovão, grupo de torcedores gremistas de Rio Grande, alguns ligados ao consulado, que possuem um ônibus próprio para excursionar os torcedores para jogos e eventos do Grêmio. O jogo começava às 16h, mas a excursão chegou por volta das 10h, pois os torcedores também planejaram fazer um churrasco de almoço. Logo que desci do ônibus e comecei a caminhar, alguns aspectos me chamaram a atenção sobre as manifestações torcedoras e as relações estabelecidas com o contexto local. E como, além de torcedora, ali também estava presente uma pesquisadora, logo o faro investigativo começou a suscitar o desejo da descoberta e a perceber um potente campo de pesquisa. Estas observações, ao longo do dia só foram fomentando pistas sobre a vida social que pulsa nas imediações da Arena em espaços como: os bares, as casas, as ruas, os ônibus de torcedores vindos do interior do estado do Rio Grande do sul e também de outros estados e os espaços onde se concentram os vendedores ambulantes.

Saí do Humaitá, naquele dia com o gosto amargo da derrota de 1x0 para o Corinthians, mas com certo sabor agri-doce do nascimento de uma ideia sobre o que pesquisar no pretendido mestrado. No segundo semestre de 2017, ingresso no PPG de Educação Física da UFPEL, apresentando pré-projeto com temática de manifestações torcedoras nas imediações da Arena do Grêmio, que se transformou em projeto aprovado pela banca e comitê de ética, com objetivo de investigar como ocorrem as relações de apropriação do espaço das imediações da Arena do Grêmio, provenientes das manifestações torcedoras, nos períodos que antecedem a entrada dos/as torcedores/as no estádio, em dias de jogos e, além disso, compreender como estes acontecimentos influenciam a vida dos sujeitos moradores do bairro Humaitá, situado na cidade de Porto Alegre/RS.

O período de imersão no campo, sob inspiração etnográfica, correu no segundo semestre de 2018, totalizando sete diários, tecidos nos dias de jogos do Campeonato

Brasileiro e Copa Libertadores da América. Foram realizadas observações, anotações e conversas com os sujeitos do campo e também fotos e vídeos. A prioridade de espaço-tempo de observação ficou reservada aos períodos que antecederam os jogos e à extensão da Avenida Padre Leopoldo Brentano, até o Bar do Ito, na Avenida AJ Renner. No entanto, durante uma ida a campo, em dia de Libertadores, permaneci em campo também durante o período do jogo. O menor período de permanência no campo foi de aproximadamente uma hora e o maior foi de aproximadamente quatro horas.

Em quatro idas a campo meu deslocamento ocorreu através de excursão dos Borrachos. Três idas ocorreram através de ônibus e Uber, pois já havia chegado em Porto Alegre no dia anterior ao jogo e a volta, em dois dias, ocorreu de Uber e na última ida a campo retornei para Rio Grande de carona com a excursão dos Borrachos. Em seis dos sete jogos ocorridos, eu entrei no estádio para torcer, momentos antes de começar a partida, ou ainda, logo após o começo. Não permaneci em campo após o término dos jogos. Todas as observações pós-jogo que constam nos diários se referem ao que pude coletar, ao me deslocar para ir embora.

Relato do campo I

Data: 23/09/2018

Competição: Campeonato Brasileiro

Jogo: Grêmio x Ceará

Horário: 11h

Tempo de permanência no campo: aprox. 1h

Tipo de deslocamento: Excursão com os borrachos do trovão

Tempo: chuvoso com temperaturas amenas

Ansiedade da primeira ida a campo! Somadas às incertezas do que me reserva o território, as circunstâncias desagradáveis de um dia de muita chuva. Na frente da prefeitura do Rio Grande, às 4h da manhã estava eu, pela primeira vez esperando a saída de uma excursão dos Borrachos do Trovão, enquanto pesquisadora. Assim que o ônibus chegou, fui uma das primeiras a entrar, meio que repentinamente, procurando não me molhar, com os pingos fortes que caíam. E, como nos cânticos da Geral do Grêmio, era uma chuva também de pingos de amor. Mesmo com as incertezas do que o campo me reservaria, a ansiedade também era entusiasmo, já que sentar no banco daquele ônibus

era o primeiro passo empírico de uma trajetória que entrelaçava dois universos apaixonantes da minha vida: o universo torcedor e o da pesquisa.

O ônibus estaciona nas imediações da Arena por volta das 10:00h. Acabamos chegando mais tarde do que o previsto devido à chuva na estrada. Desci do ônibus da mesma forma que subi: repentinamente, considerando que teria pouco tempo de permanência em campo, já que o jogo se iniciaria às 11h.

Tendo em vista o horário de chegada nas imediações da Arena e as condições climáticas, o tempo em campo se restringiu a aproximadamente 1 hora. Realizei as observações em torno do estádio, tirando fotos e fazendo anotações. Foi bastante desconfortável realizar a pesquisa com chuva e permanecer nessas condições até o momento de chegar em casa, tarde da noite. Logo após realizar as atividades da pesquisa, entrei para assistir ao jogo, em que o Grêmio venceu por 1x0. Na saída do estádio, ainda sob tempo instável, o que pode observar foram passos apressados dos torcedores para ir embora do estádio e de suas imediações. Ao sentar mais uma vez no banco do ônibus me senti com frio, cansada, com os pés desconfortavelmente molhados, louca pra chegar em casa, mas aliviada pelo dever cumprido e pela vitória apertada.

Relato do campo II

Data: 02/10/2018

Competição: Libertadores da América

Jogo: Grêmio x Atlético Tucumán

Horário: 21h: 45min

Tempo de permanência no campo: das 18:45 às 21:30 (2h45min.)

Tipo de deslocamento: excursão com os borrachos

Tempo: ensolarado

Esperando o ônibus dos Borrachos para embarque rumo à Segunda ida a campo, agora para um jogo de Libertadores. Pela primeira vez eu estaria pisando em um território de Libertadores da América. Cerveja na mão, enquanto espero o ônibus, em um posto de gasolina e camisa do Grêmio na bolsa, na intenção de não me identificar enquanto torcedora, no campo. Talvez isso seja mesmo uma preparação interna de distanciamento e de demarcação que a identidade pesquisadora me exige para uma pesquisa com inspiração etnográfica, já que a identidade torcedora também se faz pertinente. Por isso, a camisa eu não deixei de carregar, já que o passe do da excursão foi solicitado com

ingresso para o jogo. Mesmo que, nesse momento da pesquisa o que me interesse seja o período pré-jogo, a vontade de assistir ao jogo se funde no aspecto pesquisadora-torcedora. Embora o trabalho interno de distanciamento esteja surtindo efeito e isso eu percebi já na primeira ida a campo, mas também nesta, ao me deparar já no alento do Grill, apenas observando atentamente o contexto e não me motivando a participar. O alento do Grill é um rito dos torcedores dos borrachos do trovão, que quando o ônibus estaciona no paradoro da estrada, os membros já descem com os instrumentos pra realizar os cânticos da geral do grêmio, no espaço do estacionamento.

O ônibus estaciona nas imediações da Arena às 18:45h. O jogo tem início marcado para às 21:45h. Ter três horas disponíveis para a permanência no campo me deixou bastante aliviada, já que carregava a preocupação com o tempo reduzido da coleta da primeira ida a campo.

Realizei algumas caminhadas da extensão do Bar do Ito até o Bar do Tricolor, adentrando algumas ruas perpendiculares. Realizei observações também no entorno do estádio, gravando vídeos e fotografando. Por volta das 21:30h, entrei no estádio para o jogo. Era hora de vestir a camisa tricolor. O placar foi 4x0, para o Grêmio e total de público foi de 44.579 torcedores. Ao sair do estádio, por volta da meia noite, ainda com faro investigativo, comecei a considerar o fato de que toda essa vida pulsante do lado de fora do estádio não acontece somente no período pré-jogo, mas também enquanto o jogo rola dentro do estádio e também quando ele termina. Constatei que muitas pessoas ainda ocupavam bares e então, me dirigi até a atendente do Bar dos Borrachos e perguntei até que horas iria o movimento de torcedores e ela respondeu que até por volta de 1:30h.

Sentei na poltrona do ônibus exausta, pelas longas horas envolvida com a pesquisa e com o jogo. Os pés já não eram tão molhados quanto na primeira ida a campo, mas estavam doloridos. Afinal, foram horas de caminhada e já se passavam quase 12h desde que entrei no ônibus rumo ao Humaitá. No entanto, a sensação de contentamento se sobressaiu ao cansaço e, ao ouvir o motor do ônibus sendo acionado, me flagrei com um sorriso solitário, no canto da boca, ao perceber a alegria dos torcedores que subiam no ônibus e também a minha, pela goleada do Grêmio. E esse sorriso também estava mesclado pela satisfação, proporcionada pelo encontro da pesquisadora com toda vida pulsante das imediações da Arena, em dia de Libertadores. Pelo cenário frenético de efervescência desordenada, ou desordem efervescente daquele território com ar de Oriente, pois como bem exclamou um torcedor, na avenida Padre Leopoldo Brentano, “isso aqui parece a Índia!”.

Relato do campo III

Data: 06/10/2018

Competição: Campeonato brasileiro

Jogo: Grêmio x Bahia

Horário: 21h

Tempo de permanência no campo: Das 19h as 20:30 (1h30min)

Tipo de deslocamento: Excursão dos borrachos

Mais uma ida a campo com a excursão dos Borrachos. Saímos de Rio Grande às 14h, sob tempo ensolarado e chegamos nas imediações da Arena por volta das 19h. Logo que chegamos já me dirigi à minha caminhada pela Padre Brentano. Como nas minhas duas imersões anteriores no campo, me dediquei bastante a observar o campo, nesta a minha dedicação ao ouvir já foi prioridade. E isso aconteceu também de forma natural, já que fui abordada pela curiosidade de dois sujeitos do campo que estavam intrigados ao notarem a minha presença atípica no campo, realizando observações e anotações. Um deles, torcedor e outro morador. Também realizei as observações e fotos, no entanto, as conversas se caracterizaram como instrumento essencial desta ida a campo, além de ser um elemento que ainda não havia dado ênfase nas imersões anteriores.

Já eram quase 20h quando me dirigi observando o território até o Bar do Ito. Notei que o público, naquele horário era bem menor que no jogo da Libertadores, mas que havia um grande contingente de torcedores nos estabelecimentos, circulando pela avenida e aquela típica atividade ambulante, mas que também se encontrava em menor número. Após perceber que o horário do jogo se aproximava e que o território já estava bastante familiar, para aquele dia, parei em uma das lancherias para comer um pastel e por volta das 20:30 me direcionei ao estádio para torcer. O jogo foi bastante acirrado, com empate do Grêmio em 3x3. O público total da Arena foi de 31. 516 torcedores.

Relato do campo IV

Data: 30/10/2018

Competição: Libertadores da América

Jogo: Grêmio x River Plate

Horário: 21h:45 min

Tempo de permanência no campo: 4h

Tipo de deslocamento: ônibus coletivo de POA (ida) e Uber (volta)

Sabe aqueles dias que nada dá certo? Que até para dormir é difícil, mesmo que a gente só deseje que o dia termine? Pois é... Esse foi um dia daqueles. Fui para Porto Alegre no dia anterior à partida, criei toda uma logística e expectativa para esta ida a campo, que provavelmente seria o grande dia da pesquisa. Organizei-me para ir de ônibus, chegar bem cedo para poder ver os primeiros movimentos nas imediações da Arena e permanecer no lado de fora do estádio até os últimos movimentos. Porém, como nem todo planejamento sai conforme esperamos, não foi exatamente o que aconteceu. Cheguei bem depois do previsto e saí bem antes do esperado.

O jogo estava com horário marcado para as 21:45 e tendo em vista que eu já havia chegado no jogo anterior de libertadores em média 3h antes do jogo e a vida já estava efervescente no território, o planejado foi chegar pelo menos 6h antes do jogo. Esse foi um palpite de que talvez eu conseguisse observar o território em seu início de transformação, decorrente dos dias de jogos, tal como ambulantes recém chegando, os bares se preparando e os primeiros torcedores circulando.

O dia estava ensolarado e bastante quente em Porto Alegre. Fiquei na casa de um amigo no bairro da Glória e fazia alguma ideia de como chegar na Arena. Sabia onde pegar o ônibus, mas não sabia ao certo quantos e nem qual linha, mas mesmo assim saí confiante de que essas informações eu conseguiria obter no próprio ponto de ônibus. Às 14:30h saí do condomínio rumo à avenida onde embarcaria no ônibus. Ao parar o primeiro coletivo, perguntei ao motorista qual seria o ônibus e ele me indicou uma linha que eu desceria na rodoviária e pegaria outro em direção à Arena. Quando chegou o ônibus indicado, o motorista me informou que às 17h passaria o ônibus futebol que vai até a Arena. Pensando que o trajeto seria mais certo, resolvi voltar ao condomínio e esperar até próximo Às 17h para pegar esse coletivo. No entanto, a espera foi muito maior do que o indicado, o que me deixou bastante incomodada, já que chegaria bem depois do previsto.

O ônibus chegou por volta das 18:30h já lotado de torcedores gremistas. E maior do que a espera foi o tempo de permanência dentro do ônibus. Grande movimentos de carros gerando grandes engarrafamentos. Era dia de semifinal de Libertadores na Arena. Era dia atípico na já agitada capital. E eu, forasteira, não contava com isso. Ao chegar próximo à Arena, a tensão só aumentou. O ônibus ficou muito tempo parado, esperando liberação para passagem e os passageiros começaram a se revoltar porque queriam que as portas fossem abertas, para que pudessem descer. Alguns começaram a reclamar, bater nas portas, no teto, nas janelas. A discutir com a cobradora e o motorista. Os

torcedores chamaram um membro da polícia de trânsito, pela janela, pedindo autorização para descer, que foi negada. Era um clima bastante tenso ali dentro. Estávamos à alguns metros da Arena e ao mesmo tempo à quase uma hora, que foi o tempo que se demorou para chegar no destino e finalmente se abrir as portas.

Adentrei a Padre Brentano a passos rápidos, tomada pela insatisfação de ter chegado em campo aproximadamente 1h antes de começar o jogo, ou seja, com 4h de atraso, dentro daquilo que foi planejado e também pela atmosfera criada no ônibus. Caminhei toda avenida, em meio à multidão sem conseguir visualizar quase nada a não ser muita, muita gente junta. Parecia que aquela avenida não tinha fim. Era tudo parecido com o dia do jogo contra o Tucuman, ao mesmo tempo que era muito diferente, já que tudo estava lá: os ambulantes, os comerciantes, os cambistas, os catadores, o policiamento, os moradores, os torcedores e eu. No entanto, era como se tivessem colocado fermento no território e este já estivesse borbulhando. A sensação que tive, ao atravessar a avenida era de que o território estava transbordando. Talvez porque eu também já estivesse transbordando ao chegar, a ponto de não conseguir enxergar mais nada a não ser um monte de gente.

Ao terminar a travessia da Padre Brentano, parei na esquina da AJ Renner e fiquei pensativa por alguns minutos, tentando me centrar para organizar como traçaria a permanência no campo. Resolvi utilizar mais filmagens do que anotações e fotos.

Nesta noite, permaneci no território também durante o horário do jogo, onde parei para assistir no bar D' Julia, conforme já havia planejado de assistir ao jogo. Se aproximando o final da partida, comecei a projetar que se esperasse o apito final para chamar o Uber, poderia não conseguir transporte porque seria muita gente saindo do estádio e solicitando, ao mesmo tempo. Então o medo de ficar sozinha até o estender da madrugada no campo foi maior que o desejo existente desde o planejamento, de ficar até depois que o jogo acabasse, foi aí que decidi solicitar o Uber, que chegou em poucos minutos. Considerei também que com o tempo que estava se armando, a maioria das pessoas iria embora, já que logo choveria. Embora houvesse linhas específicas de ônibus que saíssem da Arena para diversos bairros da cidade, exclusivamente em dias de jogos, eu não sabia ao certo como me locomover pela cidade. Era 34 minutos de partida quando entrei no carro.

Relato do campo V

Data: 11/11/2018

Competição: Campeonato Brasileiro

Jogo: Grêmio x Vasco

Horário: 17h

Tempo de permanência no campo: das 13:30h as 16:50h (3h20min)

Tipo de deslocamento: Uber

Onze dias depois, lá estou eu, de volta. Tempo de intervalo de campo que foi importante para cicatrizar, mesmo que superficialmente as lesões causadas pela última imersão no campo. Cheguei a Porto Alegre dois dias antes do acontecimento do jogo. Procurei me cercar de que, dessa vez, o planejamento fluiria conforme o esperado. Como a intenção era chegar cedo, me dirigi até a Arena de Uber. Cheguei na Padre Brentano às 13:50. A tarde estava ensolarada e muito quente. Havia pouca circulação de torcedores, considerando os dias de jogos anteriores e alguns ambulantes já estavam presentes. Os bares e lancherias estavam se preparando. O D' Julia estava abastecendo as bebidas.

A tarde era bastante quente e contei com a presença do orientador e mais uma colega do mestrado. Caminhei bastante e conversei com torcedores do Vasco e ambulantes e registrei algumas imagens.

Enfim, alguns minutos antes do início da partida, entramos na Arena. O sol castigava no setor que nós ficamos. A sombra só chegou lá para a metade do jogo, o que foi bastante gratificante. O Grêmio venceu por 2x1, já nos acréscimos do segundo tempo, o que tornou a partida bastante tensa. O público total na Arena foi de 22.620. Após sairmos aliviados do estádio, peguei uma carona com meu orientador até a Cidade Baixa, onde encontraria meu amigo ao qual estava me hospedando. Permaneci em Porto Alegre e naquela noite, o sono foi tranquilo, marcado pela vitória importante do Grêmio rumo à classificação para Libertadores do ano que vem e pelo acolhimento que o campo me proporcionou neste dia.

Relato do campo VI

Data: 18/11/2018

Competição: Campeonato Brasileiro

Jogo: Grêmio x Chapecoense

Horário: 19h

Tempo de permanência no campo: 2h

Tipo de deslocamento: excursão dos borrachos

O tempo estava parcialmente nublado quando o ônibus dos Borrachos estacionou na Gilberto Lehnem, pro volta das 17h. Ao descer já avisto um cambista ofertando seus

ingressos já na esquina da AJ Renner, o que ainda não tinha reparado, pois nos jogos anteriores, o que percebi foi que eles se fixam próximos ao estádio. Realizando a tradicional caminhada pela Padre Brentano reparo que o número de ambulantes é menor que o habitual. O movimento de torcedores também. A maior quantidade de público se localizava no Bar dos Borrachos, Dora e no Samba de Roda. Estava rolando também o churrasco no D' Julia e as chamadas dos moradores para o estacionamento que se transformam o espaço de suas casas em dias de jogos.

O planejado para hoje era uma conversa com os catadores e foi a isso que dei prioridade. Depois de caminhar ao longo da avenida para uma visão geral do campo, já faço o retorno com meus olhos atentos aos catadores. Pouco registrei imagens, utilizando com mais ênfase as conversas e anotações.

Quase na hora do jogo, me direciono à Arena para entrar no estádio, com o ingresso que já havia comprado na bilheteria assim que cheguei. O jogo foi bastante tranquilo, com vitória fácil de 2x0. Tudo fluiu de forma tranquila, diria até em temperatura morna. O campo já estava se apresentando de forma bastante familiar, sem a ocorrência de nenhuma situação atípica. Não havia uma quantidade muito grande de torcedores circulando. O público geral do jogo foi de 14.982 torcedores. Passei por dois torcedores da Chapecoense que caminhavam pela Avenida Padre Brentano, mas isso não me causou nenhum estranhamento, como no caso da torcida do Vasco, até porque a Chapecoense se transformou uma equipe estimada em todo país.

Se eu fosse definir o campo em uma temperatura, esta seria morna: sem efervescência do lado de fora e jogo tranquilo do lado de dentro. Até a saída do estádio era de vagar, isso foi evidenciado por uma ambulante, que ao passar por ela, em minha direção ao ônibus, escuto-a exclamar “que gente morta! Nem parece que ganharam!”.

Relato do campo VII

Data: 2/12/2018

Competição: campeonato brasileiro

Jogo: Grêmio x Corinthians

Horário: 17h

Tempo de permanência no campo: das 14:10 as 16:40 (2h30min)

Tipo de deslocamento: ida de Uber e volta com borrachos

Já estava em Porto Alegre para o que seria a última ida a campo. Como voltaria de carona com os Borrachos, chamei o Uber num horário próximo ao que eles chegariam em Porto Alegre, pois estava com uma mochila pesada que deixaria dentro do ônibus. Fiquei

circulando pelas imediações e fui comprar meus ingressos, enquanto esperava. Notei que havia uma circulação maior de torcedores e ambulantes, do que no jogo anterior. Esse foi um dia de observação atenta, registros com vídeos, que me auxiliaram na confecção do diário de campo e de conversa com um guardador de veículos.

Nos portões de acesso me deparei com filas grandes e muita demora para entrar no estádio. Muitas pessoas reclamavam. Parecia que não tinham se preparado para um jogo de grande público, já que o total dentro da Arena foi de 41.330 torcedores. Entrei no estádio com o jogo já em andamento, sem conseguir me comunicar com meu orientador, mas coincidentemente a minha cadeira era justamente bem em frente a dele. Batemos um papo sobre o jogo e sobre a pesquisa. O Grêmio venceu por 1x0, carimbando a vaga para a Libertadores.

Saí do estádio, rumo ao ônibus com sensação de alívio pela vaga garantida, pela vitória e pela sensação do meu dever cumprido, já que a atmosfera era de até breve. Desci pela rampa vagarosamente, observando o grande mar de torcedores que ocupavam as passagens de saída do estádio. Passei pela Padre Brentano, como se me despedisse de um território que eu certamente ainda voltaria enquanto torcedora, mas que provavelmente seria a última vez que meus pés estariam ali pisando enquanto pesquisadora-torcedora. E, ao realizar essa última passagem pelo campo investigado, tive a convicção que no nosso próximo encontro, o meu olhar para aquele lugar nunca mais seria o mesmo de quando eu ia à Arena somente com a intenção de torcer. Eu havia descoberto um mundo cheio de vida que os sentidos aguçados de uma pesquisadora-torcedora me proporcionaram perceber.